



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO
ESPAÇO – PPGeo

JACKSON SOUSA DOS SANTOS

**CAIS DA SAGRAÇÃO: ALONGAR O OLHAR ENTRE MONTELLO E A
GEOGRAFIA – LUGARES EM EXISTÊNCIAS**

SÃO LUÍS - MA

2022

JACKSON SOUSA DOS SANTOS

**CAIS DA SAGRAÇÃO: ALONGAR O OLHAR ENTRE MONTELLO E A
GEOGRAFIA – LUGARES EM EXISTÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

Linha de Pesquisa: Dinâmica do Espaço Urbano e Rural

SÃO LUÍS - MA

2022

Santos, Jackson Sousa dos.

Cais da Sagração: alongar o olhar entre Montello e a Geografia - lugares em existências / Jackson Sousa dos Santos. – São Luís, 2022.

100 f

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

1.Geografia e literatura. 2.Josué Montello. 3.Cais da Sagração. 4.Lugar e existência. I.Título.

CDU: 911.3:821.134.3(812.1).09

JACKSON SOUSA DOS SANTOS

**CAIS DA SAGRAÇÃO: A LONGAR O OLHAR ENTRE MONTELLO E A
GEOGRAFIA – LUGARES EM EXISTÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada: 21/06/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Ana Rosa Marques (Examinadora Interna)
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

À Dona Maria e Seu Edson.
Aqueles que me deram a vida, amor e zelo.

AGRADECIMENTOS

Apesar da escrita solitária, este trabalho contou com a ajuda de muitas pessoas.

Agradeço primeiro a esse ser superior que recebe distintos nomes dependendo de sua fé e seu credo, que para mim é Deus.

Ao Sr. Edson e a Dona Maria, os dois seres mais admiráveis que existem no universo, e que Eu tenho a honra de serem meus pais. Obrigado por pelo amor incondicional e por me ensinarem que a educação é o bem mais valioso que os pais podem dar a um filho.

A meus irmãos Marcos, Maiara, Samara, Silmara e Jonas. Meus melhores dias foram vividos com vocês. Apesar de todas as diferenças, Eu daria minha vida por cada um de vocês. Amo vocês incondicionalmente.

Aos primos, tios e demais familiares. Em especial a Rafael e Gabriel pelos dias de trabalho, brincadeiras, aventuras e discussões sobre futebol.

A Kecianny Araujo. Minha melhor amiga. Companheira. Confidente. Obrigado por sempre dizer que Eu conseguiria. Desculpa pelos dias ausente. Apesar de tudo, voce é minha pessoa. Minha âncora.

Ao meu professor orientador Dr. Xavier (José Arilson Xavier de Souza), pela paciência, dedicação e companheirismo ao longo desse período de mestrado.

Aos queridos amigos, Antonio, Alex e Henrique, que me acolheram em minhas idas a São Luís. Grato pelos campos, pelas manhãs e tardes na UEMA, pelas noites regadas a cerveja e pelas idas no Centro Histórico. Obrigado por me darem suporte para continuar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da UEMA o meu muito obrigado.

Ao Grupo de Estudos Sobre Espaço e Cultura (GEEC – UEMA), pelas várias conversas buscando aprendizado.

À Nana Alves, secretária, do PPGeo. Obrigado por toda atenção, puxões de orelha e ajuda durante toda essa aventura.

À Casa de Cultura Josué Montello, em especial a Wanda França e Joseane Souza, por estarem sempre disponíveis para tratar sobre a vida e obra de Josué Montello, o que muito contribuiu para este trabalho.

À Comunidade Camboa dos Frades pela recepção e pelos vários insights durante minhas visitas. Em especial a Dona Maria e Seu Cam.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, que foi fundamental para a realização dessa pesquisa.

Aos demais colegas de turma. Em especial a Hamilton pelas várias conversas durante essa aventura e durante as viagens no período do processo seletivo.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de maneira direta ou indireta para que essa Dissertação ganhasse vida.

Para as coisas importantes da vida, nunca é tarde demais, ou no
meu caso, muito cedo, para sermos quem queremos.

Não há um limite de tempo, comece quando quiser.

Você pode mudar ou não. Não há regras.

Podemos fazer o melhor ou o pior.

Espero que Eu faça o melhor.

Nunca se sabe aonde o destino vai te levar!

(O Curioso Caso de Benjamim Button – Francis Scott Fitzgerald)

RESUMO

Ao problematizar o Cais da Sagração, romance escrito pelo maranhense Josué Montello, esta dissertação o entende como um texto que trata de lugares e existências situadas entre o mar e a terra, e que tem com o foco a vida e as práticas sócio espaciais do barqueiro Mestre Severino. Com efeito, tem-se como objetivo interpretar o referido romance de modo a *alongar o olhar* entre a obra montelliana e a geografia, ora se debruçando nas experiências dos sujeitos-personagens do livro, ora partindo da realidade da comunidade Camboa dos Frades, área do Porto de Itaqui, localizada a cerca de 15 km de São Luís, vivenciada a partir de pesquisa campo. Do romance, o movimento entre os lugares de Mestre Severino e São Luís dá o ritmo da narrativa literária. Pautada, sobretudo, em contribuições da Geografia Cultural e da Geografia Humanista, inscreve-se sob capítulos cujas questões principais são: revisão e reflexão bibliográfica de noções conceituais fundamentais ao estudo; eleição de temas, personagens e tramas espaciais referentes ao romance a fim de gerar interpretações; exercício de entrevistas e acompanhamento de palestras sobre a vida de Montello e a respeito da obra Cais da Sagração e desenvolvimento de trabalho de campo. Em suma, conclui-se que Cais da Sagração denota ensinamentos que traduzem a literatura como um texto que não se fecha em si mesmo, uma vez que a vida também pode, sim, imitar a arte. À Geografia também cabe compreender o referido estímulo.

Palavras-chave: Geografia e Literatura. Josué Montello. Cais da Sagração. Lugar e Existência.

ABSTRACT

By problematizing *Cais da Sagração*, a novel written by Jo Mestresué Montello, from Maranhão, this dissertation deals with a text of places and existences situated between the sea and the situated lands, and which focuses on the life and as spatial partners of the boatman Severino. In fact, it is possible to interpret the aforementioned novel in a way that, together with the view between Montellian work and geography, sometimes focuses on the experiences of the subjects-characters of the book, sometimes based on the reality of Camboa dos Frades, Porto area. from Itaquí, about 15 km from São Luís, undertaken as fieldwork. From the novel, the movement between the localized places of Mestre Severino and São Luís gives the rhythm of the literary narrative. Based, above all, on contributions from Cultural Geography and Humanist Geography, it is inscribed under whose main questions are: bibliographic review and reflection of conceptualized notions fundamental to the study chapter; selection of themes, and plot references to the novel for a purpose of spatial creation; exercise of interviews and follow-up of lectures about Montello's life and about the *Cais da Sagração* work and development of field work. In short, it is concluded that *Cais da Sagração* denotes teachings that translate literature as a text that does not close in on itself, since life can also imitate art. Geography is also responsible for understanding or referring to stimuli.

Keywords: Geography and Literature. Josué Montello. *Cais da Sagração*. Place and Existence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização da Comunidade Camboa dos Frades	14
Figura 2 – Fachada da casa de Cultura Josué Montello	57
Figura 3 – Edições da obra “Cais da Sagração”	58
Figura 4 – Palestra 1 (O Cais da sagração e o tema da morte)	65
Figura 5 – Palestra 2 (Os cenários de São Luís na obra de Josué Montello)	69
Figura 6 – Palestra 3 (Potencialidades Intermidiáticas em Cais da Sagração: conexões entre o romance, o teatro e o cinema)	72
Figura 7 – Vistas do portinho	80
Figura 8 – Barqueiro a olhar o horizonte	81
Figura 9 – Barqueiro entre a terra e o mar	84
Figura 10 – Barqueiros construindo um barco	85
Figura 11 – <i>Dona Maria</i> preparando a comida no mar	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCJM – Casa de Cultura Josué Montello

IBDU - Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

GEOGRAFIA E LITERATURA	13
CAP. 1. GEOGRAFIA E O LUGAR EM LITERATURA: NAVEGAÇÕES NA OBRA MONTELLIANA	19
1.1 Geografia e Literatura	20
1.2 Literatura e Lugar	24
1.3 Obra Montelliana e o “Antes do Romance”	28
CAP 2. CAIS DA SAGRAÇÃO: LUGARES E EXISTÊNCIAS ENTRE O BARCO (MAR) E A CASA (TERRA)	34
2.1. Mestre Severino: homem do mar e da terra	35
2.2 Lourença e Vanju: dois estilos de vida	39
2.3 O vilarejo de Mestre Severino e a São Luís	43
2.4 Mestr4e Severino: entre o <i>Bonança</i> e a prisão	49
2.5 A viagem a São Luís: a lição aprendida	52
CAP. 3. CAIS DA SAGRAÇÃO: PELAS FRESTAS, A VIDA IMITA A ARTE	56
3.1 Casa de Cultura Josué Montello: entrevista	57
3.2 Ciclo de Palestras Cais da Sagração (2021): interpretações	63
3.3 “A crítica e Cais da Sagração”	74
3.4 Lugares e Existências de barqueiros e pescadores na Comunidade Câmboa dos Frades (área do Porto do Itaqui)	79
VOLVER E PONTILHAR A GEOGRAFIA EMBARCADA EM ESTUDO ..	89
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES	98
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas junto a Casa de Cultura Josué Montello	99
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas/observações junto à Comunidade Câmboa dos Frades (área do Porto do Itaqui)	100

GEOGRAFIA E LITERATURA A VISTA

ADEUS
AO VELHO CAIS
Amanhã terás
Depois que partires
O vento do largo
O horizonte imenso
O sal do mar alto!

(MANOEL BANDEIRA. Estrela do Amanhã).

Introduzimos nosso texto dissertativo tirando proveito da poesia de Manoel Bandeira, epigrafe esta que o próprio Josué Montello usara na versão de 1971 de “Cais da Sagração”, por ora reaberto sob a ótica da Geografia. *O horizonte é imenso, o mar alto*, e o cais é sugestivamente um espaço do adeus, o *velho cais*, como o é Mestre Severino, personagem principal do romance em tela, e aqui será muito mencionado.

Um velho barqueiro septuagenário, ex-presidiário, com costumes tradicionais, Mestre Severino realiza uma jornada pelo mar desafiando a medicina e os limites de seu próprio corpo a fim de provar que ainda era capaz de navegar com o seu barco: Bonança. Falamos, porquanto, de um homem do mar que tem grande apreço pela sua profissão e que, como último desejo antes de morrer, pretendeu ensinar os saberes-fazeres de um barqueiro a seu neto, Pedro, a quem sonhava entregar o seu barco e transmitir a referida cultura, dando curso, assim, a uma tradição familiar, como seu pai fizera com ele, como seu avô fez com seu pai.

O barco Bonança, do ponto de vista físico, nem sempre foi o mesmo, pois, em outrora, se deteriorou. Entretanto, sentimentalmente, o velho barqueiro o enxergava como sendo o mesmo que ele recebeu do pai quando mais jovem, pouco importando que a carcaça fosse outra. O primeiro Bonança se decompôs depois de intensos dias de sol e chuva, atracado num trapiche que ficava no quintal da casa de Mestre Severino, enquanto este esteve preso. Um barco-símbolo, este ressurgiu quando Mestre Severino se liberta da prisão e compra um novo barco, o batizando com o nome de Bonança.

No enredo literário, Lourença é uma preta velha que deixou sua família para viver com Mestre Severino quando ainda era jovem. Devota de Santa Luzia, costumava pedir proteção para si, para o Mestre Severino e para o Pedro. Também rezava para Nossa Senhora do Livramento e Nosso Senhor Jesus Cristo. Em dias de aflição, rezava um “padre nosso” e uma

Ave Maria, para depois fazer o sinal da cruz. Notadamente, seus dias eram repletos de referências religiosas, que a ajudavam a suportar uma vida aparentemente penosa.

Pedro é um jovem que está descobrindo o mundo e conhecendo seus desejos, aflorados com o passar do tempo. De uma família de barqueiros, neto de ninguém menos do que Mestre Severino, este não despertou o interesse em viver navegando em um barco rumo a São Luís, apresentando gosto para outras questões. Imagina-se sendo padre, possibilidade sumariamente reprovada pelo avô, que sonhava que o neto fosse um “homem macho” desbravador do mar. Mestre Severino também não gostara quando o neto demonstrou aptidão pela pintura. Para ele aquilo não era coisa de homem. A trama ganha em significado quando o jovem apresenta possível atração por pessoas do mesmo sexo. Possível porque Josué Montello não é tão explícito quanto a isto.

Sem nos aprofundarmos sobre outros personagens, de modo geral, podemos afirmar que a literatura do Cais da Sagração se reporta a histórias espaciais de homens e mulheres que têm suas vidas desenroladas entre o mar e a terra, sendo O mar parte da Terra, como preconiza Dardel (2011). Entre a casa, o barco e o mar existem frestas entreabertas que revelam lugares e existências entre uma história e outra. Importante marco, o velho trapiche situado no quintal da casa do barqueiro é *por onde passam* as vidas e experiências vividas dos personagens que dão o tom da obra.

A respeito do trato da Geografia com a literatura, com os seus personagens, aqui já alvitramos as palavras de Livia de Oliveira, postas no prefácio do livro “Geografia literária em Rachel de Queiroz” (2019, p. 13), de autoria de Tiago Vieira Cavalcante, e que muito nos apetece: “são personagens de carne e osso, que pensam, amam, sofrem e sonham com uma vida melhor e mais justa”. Claro, a literatura não é espelho da realidade, mas é uma recriação desta, é criação de um ser real que faz despontar criatividade a fim de dar vida aos seres que habitam à obra que lança ao mundo.

Escrito por meio de temporalidades que vão e voltam na leitura, como que refazendo o movimento do mar, o romance Cais da Sagração, com a permissão do elogio, é encantador. Pelo menos me encantou. Foi daí então que eu me impus um desafio: *fazer Geografia e Literatura*. Também já impregnado pelos escritos de Dardel (2011), algo que concorreu sensivelmente para a estruturação dessa pesquisa, diante de tal quadro, as noções de habitar a Terra em movimento e habitar a Terra como espaço aquático foram fundamentais para dar cabo ao aludido desafio.

Na busca por uma obra de autor maranhense para trabalhar com Geografia e Literatura, um colega que cursava Letras me indicou ver o site da Biblioteca Digital de

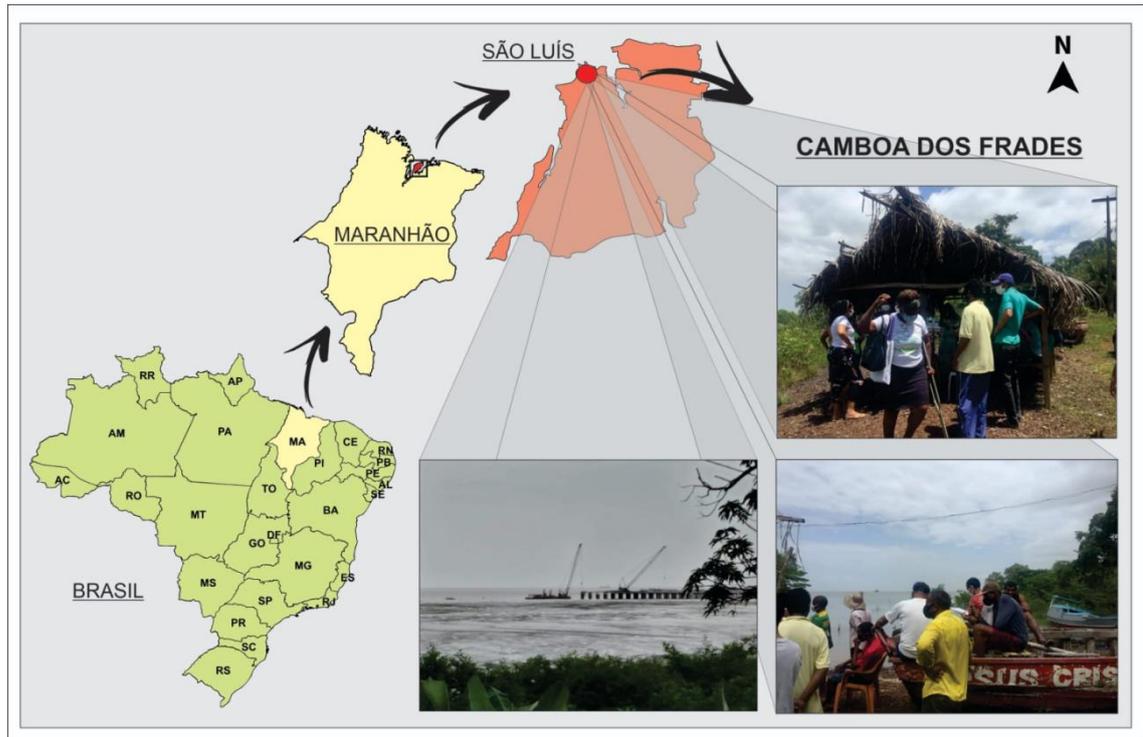
Literatura Maranhense. Porém, não encontrei nenhuma que me fizesse brilhar os olhos. Foi então que me embreei na biblioteca da Universidade. Por acaso, ou não, encontrei o *Cais da Sagração*. Na internet, ao ler o resumo, logo me interessei, pois por ali já se destacava o amor de Mestre Severino pelo mar, pelo seu barco e profissão. Dias depois adquiri o livro e, no curso de sua leitura, fui amadurecendo a ideia de elaborar um projeto de pesquisa em nível de mestrado naquela direção, do *Cais*. Eu sou de Caxias, Maranhão. Ali tenho meu porto seguro. Dali que sai para São Luís, Maranhão, uma vez aprovado no PPGGeo-UEMA, e a obra sempre esteve comigo.

As leituras que fui desenvolvendo do romance me fizeram imaginar como o autor, Josué Montello, percebia a cidade de São Luís, tendo, a respeito deste lugar, muito conhecimento e grande afeição, assim como tinha pelo mundo, afinal, a crítica social que propõe impressiona, e só assim o é porque foram escritas por quem tinha grande zelo pelos espaços sociais da vida. Pela arte *Cais da Sagração*, temas como machismo, homofobia, feminicídio, prostituição, tradição familiar, cultura e religiosidade são tratados. Impactado, relacionar tal arte à ciência geográfica é o que me cabia fazer.

E o fiz buscando trilhar reflexões pelos caminhos da Geografia Cultural e Humanista, direção pela qual, ora focalizando no jogo de significados que sustentam a vida, ora lançando luz sobre a figura do homem, é salutar interpretar as elaborações dos artistas a respeito da espacialidade humana. Neste sentido, no tocante à seleção de obras literárias visando o trabalho de pesquisa, Corrêa e Rosendahl (2007, p. 8) colocam: “ao geógrafo interessam aquelas pelas quais o espaço e o tempo não sejam meros panos de fundo, necessários e insubstituíveis, mas parte integrante da trama, sem os quais esta não poderia ser construída, tornada inteligível e identificável”.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo interpretar o romance *Cais da Sagração* de modo a *alongar o olhar* entre a obra montelliana e a geografia literária, ora partindo das experiências dos personagens do livro, ora com foco numa realidade empreendida como trabalho de campo na comunidade Camboa dos Frades, área do Porto de Itaqui, localizada a cerca de 15 km de São Luís (Figura 1). Alongar o olhar, pois, diz ainda da relevância geográfica que possui a literatura. Diga-se de passagem, alongar o olhar é um termo que muito aparece no romance, e que aproveitamos no título da Dissertação. Na obra em questão, alongar o olhar traduz ainda o movimento e a intenção corporal dos homens do mar quando miram o horizonte.

Figura 1- Mapa de localização da Comunidade Camboa dos Frades



Fonte: Jackson Sousa, 2022. Digitalização de Vanderson Rodrigues, 2022.

Metodologicamente, enquanto novidade criativa, o trabalho de campo não tem o sentido de comparar literatura e realidade. Propõe-se como uma experiência de mundo do investigador em ciências humanas (HISSA, 2017) e tem a ver com estabelecer contato e obter conhecimento de lugares e existências de homens do mar. Busca-se, a bem da verdade, fazer *transbordar o romance*. A escolha pela Camboa dos Frades como campo empírico se deu pelo fato de que esta é uma comunidade de pescadores e barqueiros e está situada próximo ao Porto do Itaqui, sofrendo sensíveis impactos com as atividades deste último. Aqui vale lembrar que Mestre Severino denuncia que o Cais da Sagração, principal porto da cidade, estava perdendo espaço para o Porto de Itaqui, o que o deixava temeroso com as mudanças ocorridas em São Luís, principalmente na Praia Grande, um dos espaços luminosos do romance.

Como na obra literária, em que Mestre Severino busca transmitir seus conhecimentos de mar e de vida para o seu neto, fazendo valer uma tradição de família, em Camboa dos Frades os pais também transmitem ensinamentos de pesca e navegação para seus filhos quando estes ainda são jovens. Além disso, o romance de Montello descreve sobre os dramas humanos vividos por sujeitos espaciais que tem o mar presente em suas vidas. Em Camboa dos Frades, o mar é um elemento fundamental para o modo de vida da comunidade. Os

moradores dali também navegavam até à Praia Grande, o que não é mais possível devido ao crescimento do Porto do Itaquí. Esta pauta, portanto, é por nós discutida.

Efetivamente, entre os autores que nos aninhamos enquanto fundamentação teórica da pesquisa citamos aqui alguns nomes destacáveis: Holzer (1992), Collot (2012), Brosseau (2007), Marandola Jr. (2007), Cavalcante (2019) e Feitosa (2021). Tais autores enxergam a literatura como forma de expressar geografias vividas, nos proporcionando uma visão enriquecedora dos trabalhos que dialogam com a arte.

Sem dúvidas, a literatura possui uma visão particular do mundo –é o que estamos chamando de mundo literário – não devendo ser confundida com o conteúdo de outras ciências, como no que se reporta à Geografia (LIMA, 2017). Em todo caso, será sempre possível *fazer Geografia* a partir dos mundos abertos pela literatura, basta que saibamos bem olhar pelas frestas. Assim sendo, “a geografia deve ser literária sem, entretanto, cair na literatura”, o que nos direciona para a necessidade de pensar bem a nossa escrita de geógrafos, que deve valorizar o texto, a linguagem, mas sem a pretensão de se tornar literatura (SUZUKI, 2017, p. 131).

Por sua vez, Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 487) colocam o “espaço e a Geografia como elementos inalienáveis e fundamentais em toda narrativa e não apenas como palco da trama literária”. Desta feita, nos preocupamos com o lugar, com as existências nos lugares, e logo nos lembramos de Cosgrove (1998, p. 110), para quem: “pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem oferecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais ‘factuais’”.

Em termos de método de abordagem dos conteúdos literários na interface com a realidade pensada como campo empírico, esta pesquisa ensaia aproximações com as investidas caráter fenomenológico. Por esta lógica, preza-se pelas experiências vividas pelos sujeitos espaciais, sejam eles personagens ou pessoas reais. Neste âmbito, parece ser necessário transver percepções, sensações e emoções que surgem da relação do homem com a Terra (DARDEL, 2011). Para Männich (2013), o estudo das percepções na Geografia Humanista pode ser baseado em uma filosofia fenomenológica, interpretação de mundo esta que permite o desenvolvimento de pesquisas que envolvem a vida do ponto de vista físico, mas também simbólico e imaginário.

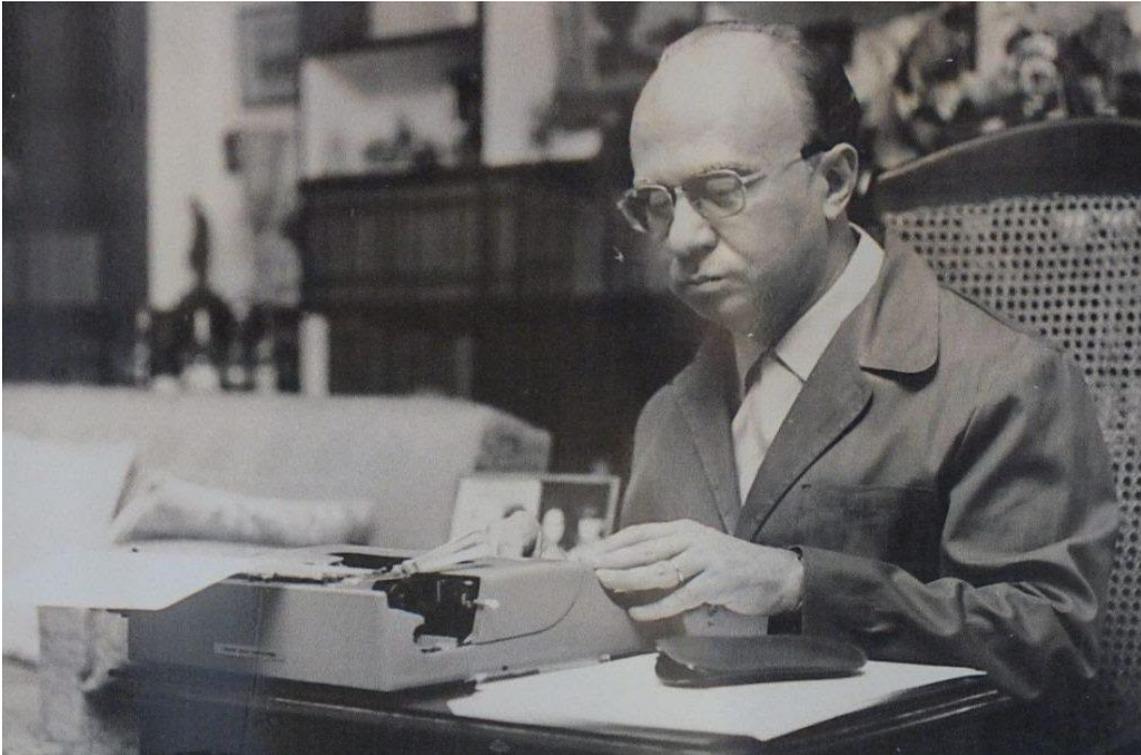
Usaríamos então da fenomenologia ou nos deixaríamos levar por ela como fazia Mestre Severino nas situações de mar e ar corrente? Dado o sinal do vento, chegamos à apresentação do corpo da Dissertação, inscrita sob três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Geografia e o lugar em literatura: navegações iniciais na obra montelliana*, reserva-se a um investimento de revisão e reflexão bibliográfica de noções fundamentais ao estudo, com foco nas discussões de Geografia e Literatura, Literatura e Lugar e na obra de Josué Montello, tocando no “antes do romance” Cais da Sagração. Visa servir de aporte às compreensões gerais do texto integral e tende a comungar com a metodologia adotada.

No capítulo dois – *Cais da Sagração: lugares e existências entre o barco (mar) e a casa (terra)* – mergulhamos no romance, elegendo temas, personagens e tramas espaciais a fim de gerar interpretações geográficas. Com referência no “mundo literário”, os lugares e existências de personagens destacáveis são debatidos, mas com foco nas experiências espaciais de Mestre Severino. Segue a relação das seções do capítulo: Mestre Severino: homem do mar e da terra; O cotidiano do vilarejo de pescadores; O vilarejo de Mestre Severino e São Luís; Mestre Severino entre o Bonança e a prisão; A viagem a São Luís: lições aprendidas.

Cais da Sagração: pelas frestas, a vida imita a arte, o último capítulo, é quando intentamos fazer “transbordar o romance”, condensando percepções alcançadas mediante entrevistas e acompanhamento de palestras sobre a vida de Montello e a obra Cais da Sagração. É também nesta parte do trabalho que problematizamos o desenvolvimento do trabalho de campo ventilado. Esclarecemos, pois, que a contração “pelas”, utilizada no título do capítulo remete à ideia de vida em movimento, que pelas suas frestas dá cabo à arte, lhe proporcionando substância e inspiração. Assim, o capítulo é circunspeto pelas seguintes seções: Casa de Cultura Josué Montello: entrevista; Ciclo de palestras Cais da Sagração (2021): interpretações geográficas; “A crítica e Cais da Sagração”; Lugares e a existências de barqueiros e pescadores na Comunidade Camboa dos Frades (área do Porto de Itaqui).

Correspondente às considerações finais, em *Volver e pontilhar a geografia embarcada em estudo*, regressamos em algumas questões cruciais no texto e pontuamos outras considerações e, de tal maneira, reafirmamos as nossas escolhas teóricas e metodológicas no trato com a literatura e “geografia” do Cais da Sagração.



Fonte: Acervo Casa de Cultura Josué Montello, 2021.

CAPITULO 1

GEOGRAFIA E O LUGAR EM LITERATURA: NAVEGAÇÕES INICIAIS NA OBRA MONTELLIANA

Neste capítulo, como sugere a imagem acima, onde Josué Montello parece estar numa ocasião de trabalho, buscamos realizar aproximações entre Geografia e Literatura, e o fazemos acreditando que o escritor sabe muito de geografia e dos lugares do mundo e, por isso mesmo, escreve e inscreve textos potencialmente relevantes também às apreciações científicas. Tendo o lugar como referência, investimos em reflexões teóricas por parte de geógrafos e não geógrafos, examinamos brevemente a vida e obra de Josué Montello e, antes de chegarmos aos capítulos do romance *Cais da Sagração*, debruçamo-nos pelo “antes” da sua escrita, nos apoderando, assim, de uma espécie de depoimento do próprio Montello que conta seu processo de criação.

1.1 Geografia e Literatura

A relação entre Geografia e literatura pode ser alcançada quando nos atentamos aos elementos físico-naturais, econômicos e sociais descritos nos enredos das obras, investidas, nas quais ficção e realidade se confundem. Trata-se de um movimento de sensibilidade sinalizadora que arte e ciência podem brotar do envolvimento do homem com o mundo, o que permite (re)construir imagens, imaginações e compreender experiências vividas (TUAN, 1978). Apoiada nisso, a Geografia pode tirar proveito reflexivo e interpretativo de textos literários, utilizando-os como arenas de estudos.

Notadamente, na história dos estudos de Geografia e literatura, a cartografia tem papel de destaque, o que resulta de percepções e representações diversas sobre as *grafias* dos lugares. A cartografia literária europeia já nos ensinara que o mapa amplia visões e permite diferentes percepções e interpretações sobre uma mesma realidade (CUNHA, 2011). Por meio do mapa a teorização parece mais fácil de ser realizada, a coisa pública vem à mostra e a esfera do institucional se impõe.

Fato é que a grande maioria das obras literárias comportam lugares e tempos pelos quais a narrativa transcorre. Dardel (2011) diz que o homem é agenciado pelo ambiente geográfico, portanto, sofre influência e influencia o ambiente. Não seria por aí que as tramas de vida também acontecem no mundo literário? Não seria no desenvolver de experiências ambientais que os personagens das obras se estruturam no mundo? Por mais ficcional que sejam as literaturas, grosso modo, elas tendem a dizer da ordem do dia. Não raro, tratam de ter e buscar espaços outros enquanto movimento do viver humano.

Tomando a discussão posta como referência, citamos o *Cais da Sagração*, de Josué Montello, que retrata a cidade de São Luís, capital do Maranhão, o mar e um vilarejo de pescadores; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que lança luz sobre o Ceará; a *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo, enredo que se passa na cidade do Rio de Janeiro. O que todas essas literaturas têm em comum? Elas têm como qualidade central espaços e tempos de vida, onde os dramas humanos dão o tom da vida enredada.

Pensando na relação entre Geografia e literatura, tecendo aproximações entre arte e ciência, para Cavalcante (2019, p. 22), “a geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado”. Portanto, a relação entre ambas pode ser compreendida como mais uma forma de ver e sentir as coisas, tomando por base o real, mas com fortes margens para que o mundo seja reescrito.

Sim, reescrever o mundo porque ele se refaz pelas imaginações de quem o escreve, de quem o lê. Uma vez escrito de outra maneira, o mundo se faz outro e assim é enxergado: outro, outros, no plural porque são muitos, incontáveis, espetaculares. Para Brosseau (2007, p. 84), “os conhecimentos que uma relação entre a geografia e a literatura podem produzir inscrevem-se no interior mesmo desse diálogo, nessa tensão que as separa”.

Do estudo de Geografia e Literatura, a paisagem que compõe o lugar é um dos primeiros elementos imaginados (MARANDOLA JR., 2006), esfera em que os autores, e também leitores, se deixam prender pela qualidade das descrições paisagísticas propostas. Por outro lado, a realidade geográfica físico-natural descrita tem o poder de revelar a diversidade de elementos que a Geografia pode oferecer na construção de obras literárias. Comumente, para fazer vingar a sua mais nova obra literária, o escritor realiza diversas incursões sobre os lugares que pretende escrever. Sobe e desce ruas, conversa com as pessoas, observa com atenção a natureza e anota tudo. Bem imagina.

O autor cria geografias para dar vida aos *seus* personagens. Transvê os costumes, revisita as normas, repensa as práticas espaciais, critica a realidade e propõe mundos outros. Ao seu fazer, a realidade não está pronta e acabada, não é puramente objetiva, ou calcada na concepção exclusiva da economia enquanto definidora da vida. Ela é também cultural, portanto, transformável ao passo de um voo de passarinho, de um súbito do corpo humano, de uma decisão política, entre outras ações humanas e/ou naturais que vir a surpreender. O contexto geográfico é cambiante, e cada homem sabe bem de geografia porque a vive diariamente (CLAVAL, 2010).

Vale destacarmos que os primeiros geógrafos não eram bem geógrafos. Eram historiadores, antropólogos, biólogos, teólogos, entre outros. Mesmo não sendo geógrafos de formação, uma vez que a Geografia ainda não havia sido sistematizada como ciência, eles se utilizavam do grande tato e sensibilidade para realizar estudos espaciais. Eles se utilizavam da observação e descrição para compor seus escritos. Portanto, os *geógrafos* eram, e continuam sendo, motivados pela curiosidade para com os fenômenos espaciais do mundo. No que difere essa posição quando vislumbramos os empreendimentos dos autores de literatura? Muito difícil responder por que o mundo é examinado pela paisagem, e como muita atenção, por todos, eruditos ou não.

Observar a paisagem. Imaginá-la. Descrevê-la. Atentar para as suas características de tamanho, forma, cor, cheiro e movimentos. Essas são funções dos geógrafos, ontem e hoje. Descrever as paisagens da terra é o desafio. Quem também assume esta tarefa para si é o escritor em literatura, que, por tão bem fazer, fundam um *mundo na obra*. Com esmero, fazem

a imaginação do leitor navegar por entre suas palavras, possibilitando que este veja cenas, paisagens e construam, junto com os personagens, lugares, deslocando, assim, os seus mundos particulares. Sabe-se que essa discussão adentra vigorosamente no campo da subjetividade e que, metodologicamente, isso só pode ser tocado por meio da interpretação, da escuta atenta.

São variadas as formas como a Geografia aborda a Literatura. Já se sugeriu que a literatura fosse utilizada como ponto de apoio dos geógrafos interessados pelas sínteses regionais. Já se recomendou buscar a poesia dos lugares na literatura. Já foi dito que a literatura deveria ser explorada devido à crítica que traz do mundo. Também já se recomendou a busca pelos espaços vívidos contidos em tais páginas. Mais recentemente, a Geografia Literária reconhece todos estes potenciais, e acrescenta a noção de que as obras literárias devem, efetivamente, ser encaradas como objetos de estudos pelos mundos que constituem e representam, se fazendo assim como um “outro sujeito para a Geografia”, nas palavras de Brosseau (2007).

Como evidenciado pelo autor supracitado, o desafio está em enxergar na literatura um objeto de diálogo que vai além da precisão, e que toca no campo da educação de mundo, ideia esta potencialmente traduzida no seguinte raciocínio:

[...] mesmo um romance regional realista “enraizado” talvez não busque tanto nos “informar” sobre os destinos comuns de uma população e de um território precisos, e sim sugerir o caráter exemplar desse destino [...] É preciso então reconhecer que aquilo que é implicitamente invocado é a autonomia parcial do mundo fictício em relação ao mundo cotidiano, graças à forma estética na qual ele está encaixado e com o qual tem vínculos (BROSSEAU, 2007, p. 114).

Ora, entende-se daí que a essência da literatura é ser literatura. Saber e praticar isso dirá muito sobre os diálogos ensaiados por nós geógrafos. Neste ponto, devemos avançar para que superemos quadros como o que é descrito abaixo:

No entender do leigo, será contrassenso incluir um livro de literatura, um romance, por exemplo, entre os tratados da Geografia, como um documento duma região, ou dum acidente. Certo, a obra de ficção – conto ou poesia – não é estritamente uma composição geográfica, mas, do mesmo modo que um tomo de Geografia é uma obra literária, um romance ou volume de versos podem constituir excelente repositório de dados geográficos (SEGISMUNDO, 1949, p. 327).

Ademais, através de abordagens mais flexíveis, de um lado, espera-se desfazer a ideia de que a literatura é tão somente texto de apoio e, de outro lado, superar os subjetivismos no tratamento com tais conteúdos. O *rigor* da ciência encontra daí uma inversão de leitura (BENJAMIN, 2016). O rigor se instauraria pela capacidade criativa, do geógrafo,

no nosso caso, em fazer desdobrar geografias outras (HISSA, 2011, CAVALCANTE, 2019), o que quer dizer desvelar questões espaciais dos textos de literatura como ainda não se tinha visto. Assim, na pesquisa, a flexibilidade de caminhos possíveis coaduna-se com a criatividade do espírito científico (BACHELARD, 1988). A obra literária, deste modo, não acabaria na última página. Ela se estenderia logo ali na esquina, nas palavras e silêncios das pessoas do mundo.

A estes termos, a cidade é um exemplo de organismo social que fornece à literatura paisagens, lugares, territórios, ruas, praças, bairros, entre outros dos seus elementos. Tratamos, devemos salientar, de uma relação mútua. Ou não seria verdadeiro que a Literatura tem a capacidade de refazer a cidade? (GRATÃO, 2010). Na contemporaneidade, realidade e arte fazem da cidade um mundo complexo, polissêmico, portanto, suscetível a ganhar páginas de literatura: um campo de imaginação esplendoroso à expressão humana da realidade (BACHELARD, 1988), o que, certamente, inclui o mundo dos autores, requisitados e/ou sugeridos por eles.

Tudo isso envolve a sensibilidade de saber “enxergar” a obra literária em suas cenas poéticas (HOLZER, 1992), mas também em seus contextos históricos. A dimensão do conhecimento geográfico nos remete, em tal magnitude, a um tipo de exame que revela personalidades, mas também relações políticas e sociais. Assim, a expressividade do fenômeno “torna possível o inter-relacionamento com Literatura em razão de sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa, capaz de exprimir as diferentes representações da realidade geográfica” (FEITOSA, 2012, p. 185).

Mais uma vez ressaltamos que a literatura possui uma particular visão de mundo, por isso não deve ser pensada como um conteúdo que viria substituir a Geografia, mas, sim, que deve ser problematizado como um contributo à produção do conhecimento geográfico. O diálogo seria, portanto, um movimento de valorização entre esses dois campos do conhecimento humano (LIMA, 2017). Geógrafos e autores de Literatura imaginam e interpretam o mundo e, os seus textos, possibilitam que outros o imaginem e o interpretem novamente, corroboram com a reprodução da vida. Ou não seria assim que o mundo segue sendo e se (im)pondo para nós?

Os geógrafos que enveredam pela geografia literária se interessam pela representação da realidade geográfica e pelas expressões denotadas pelas maneiras de habitar a Terra. Segundo Almeida (2010), a linguagem literária tem a particularidade de comunicar aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana, revelando, de um lado, a visão e posicionamento do autor frente ao mundo e, de outro, a sensibilidade de quem lê o texto

literário. Estamos tratando, então, de um potente processo de comunicação de mundos. Um caso desses pode ser encontrado em “Os Tambores de São Luís”, um romance também escrito por Josué Montello, publicado em 1975, e que versa sobre a escravidão no Brasil e no Maranhão.

No tocante aos estudos sobre a literatura por parte da Geografia, as tramas espaço-temporais representativas dos lugares têm sido desveladas com efetiva plasticidade. Em meio aos diversos direcionamentos do viver humano, lugar é desejo e condição colocada em pauta por homens, mulheres, geógrafos, autores em literatura, e agora será por nós debatido.

1.2 Lugar e Literatura

As vivências das pessoas nos lugares acendem experiências significativas. Ao longo do tempo, as suas existências se mostram associadas às identidades desenvolvidas mediante aspirações de um espaço qualificado. Certo é que as experiências vividas e as representações atribuídas ao lugar consolidam uma relação de afetividade por parte homem. A habitação se dá num certo grau de cumplicidade e complementaridade. Heidegger (1954) diz que habitar é traço fundamental do ser-homem. Tuan (2012, p. 56), por sua vez, diz que “a literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos”. Assim, as experiências vividas pelo ser-homem nos lugares criam laços afetivos. Na Literatura, ou na Geografia, esta afirmação é relevante.

“Os geógrafos abordaram o estudo do lugar a partir de duas principais perspectivas: lugar como localização, uma unidade dentro de uma hierarquia de unidades no espaço; e lugar como um artefato único” (TUAN, 2018, p. 5). Na literatura essas duas perspectivas são restritas, contudo, ao lugar como artefato único é primordial para o acontecer das tramas literárias. Mesmo quando é possível destacar com mais vigor as questões de espaço, região, território e paisagem, o lugar estará *por ali*, como que uma lembrança ao corpo e à alma para que eles se assentem, ainda que este assentar seja visto pela tônica do movimento. “Fenomenologicamente o lugar não é o meio físico separado das pessoas associadas com ele, mas o indivisível e normalmente imperceptível fenômeno de pessoa-ou-pessoas-experienciando-lugar” (SEAMON, (2014, p. 11). Em todo caso, os geógrafos têm trilhado os seus estudos fundamentados pelos conceitos-chave da Geografia.

Quanto à problematização geográfica das substâncias literárias, o lugar tem merecido tratamento especial, e talvez porque o lugar é realmente atraente aos seres humanos. Barcelos

(2009) por sua vez, afirma que a literatura moderna deixou de ter como tema central o meio ambiente e a mera descrição da paisagem, passando a dar maior relevância aos “lugares com sentido” – com a permissão a redundância –, lugares atribuídos de significados, espaços relacionais, potencializadores do ser-humano.

As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou o nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. É o lugar como aconchego que levamos dentro de nós [...] Talvez a mais significativa dimensão do lugar seja a sociofísica, na qual o conceitual e o figurativo se equilibram entre a intinerância e a radiância, pois almejamos a aventura do nômade de conhecer novos lugares, novos mares novas gentes e, ao mesmo tempo, desejamos um “lar” onde chegar, estabelecer e acalantar nossos sonhos e fantasias (OLIVEIRA, 2012, p. 15-16).

Falando do posto da geografia humanista, a professora Lívia de Oliveira nos abrilhanta com uma *aula* sobre o sentido de lugar, raciocínio este complementado pelo que diz Carney (2007, p.129): “Lugares fornecem ancoragem emocional para a atividade humana. São blocos de construção para o conhecimento geográfico [...] lembretes que os seres humanos precisam de espaço para viver, trabalhar e brincar”. Lembramos, pois, que o lugar impregna as páginas de romances *mundo a fora* e *adentro*. Dão sentido às narrativas criadas pelos autores e liberam as imaginações criativas das cabeças que por ali transitam, pelas páginas lidas.

Aceitamos a ideia de que a cada página lida as “terras incógnitas” que constituem as mentes humanas podem ser movimentadas, fazendo ressurgir geografias esquecidas ou fazendo surgir novas (LOWENTHAL, 1982). Isso ocorre porque os itinerários ficcionais podem nos transportar por realidades só nossas; realidades poéticas e filosóficas, pensadas como paisagens íntimas (COLLOT, 2012).

Evocamos agora Seemann (2014, p. 83), quando este diz que “o leitor é capaz de ler um mapa como um texto com um significado, porque ele traz ao olho da mente paisagens, evento e pessoas do próprio passado, envolvendo a própria identidade na representação”. Assim sendo, este entendimento também nos convida a pensar que o texto literário, por exemplo, pode ser lido como um mapa, uma cartografia não linear, mas orientadora, ao passo que pode nos carregar para o interior de nós mesmos, para alhures, denotando lugares que nem se sabia da existência.

No campo da literatura, não é surpresa quando escutamos críticas que dizem do lugar como personagem crucial de obras, ou ainda quando os lugares são ditos como que a se confundir com as pessoas, sendo extremamente difícil distinguir uma coisa da outra. Pensando assim, nas obras “a localização é dada a partir da inter-relação do homem com as

coisas e os lugares. A posição exata não tem significado se o lugar não for reconhecido como parte da vida das pessoas ou dos grupos dos quais pertencem” (NOGUEIRA, 2014 p. 124).

Ao passo e ao ritmo da leitura de obras literárias, é comum o sentimento de que os lugares vão ganhando forma a cada nova página. Como também o é o fato de que bons textos seguram os leitores, ávidos pelo enredo e já enlaçados pelos lugares que viram (leram) brotar. Imagina-se com certa facilidade o movimento humano acontecendo. Veem-se as paisagens do lugar em suas dinâmicas cotidianas. A forma como o homem se relaciona com o meio ambiente em que vive é compreendida. E nas situações em que o leitor é também geógrafo? Este se põe no seu *lugar* e lê o texto como pessoa geógrafa. Por esta perspectiva, Brosseau (2007, p. 31) afirma que “se admitirmos que é difícil buscar na literatura uma informação positiva sobre os lugares, estaremos dizendo que o romance, ao evocar de maneira eloquente o ressonante interior de uma experiência dos lugares pode servir para enriquecer as teses sobre a identidade espacial, o enraizamento do homem, o sentido que este atribui aos lugares (Murton, 1983)”. Querendo, com grande esforço, pode fazer descortinar pesquisas interessadas pela cultura e humanidade que o texto literário traduz.

Este geógrafo saberá que a literatura “constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens”(MOISÉS, 2014, p. 44), e que mundo e homem necessitam de lugar, de lugares, pois sem estes a existência humana é quase que impensada (OLANDA; ALMEIDA, 2008). Em literatura, o lugar é também memória, dos autores e leitores. Os textos são, assim, memórias representadas pela grafia (NOGUEIRA, 2014). Neste sentido, *marcas-textos* marcam também os seres humanos, leitores sabedores de como o mundo estrutura-se em pontos luminosos, e é repleto de geografias existências (BESSE, 2011).

Em face da relação ciência (Geografia) e arte (literatura), destacamos agora outra questão sobre o lugar: a vinculação entre arte e o contexto social no qual essa é desenvolvida. Aqui, de pronto, requisitamos as ideias de Fernandes (2012, p. 22), que esclarecem: “há um diálogo evidente entre o campo da ciência e da arte, visto que as manifestações artístico-culturais não são desconectadas do todo social, que enseja sua produção, estando, quase sempre, relacionadas ao contexto sócio-histórico-espacial dado”. Acreditamos, assim, que os lugares dos autores também despontam nos seus escritos, estimulam o teor dos dramas humanos que comporão as suas obras.

Ponderando que as manifestações do lugar exercem influências sobre o modo e conteúdo da escrita dos autores, até certo ponto condicionando-os, Serpa (2021, p. 81), utilizando de uma ótica fenomenológica, reflete que “se considerarmos que sempre agimos a partir de um lugar e que essas ações constituem um enredo, uma enunciação, então todos os

lugares são lugares da enunciação, base para a reprodução do vivido e para a realização das práticas espaciais”. A rigor, reprodução do vivido e práticas espaciais, em muito, são responsáveis pelo desenrolar das literaturas.

Trazendo Marandola Jr. (2014, p. 14) para o debate ensejado, aludimos à afirmação do autor de que “lugar é uma das ideias geográficas mais importantes atualmente. Transcende em muito a ciência geográfica, permitindo diálogos e conexões com a teoria social, a filosofia, a arquitetura, a literatura, a psicologia, o cinema”. Foquemos na literatura e, novamente, citamos o exemplo da obra *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*, publicada em 2019, na qual Tiago Cavalcante estuda os escritos e a biografia da escritora cearense Rachel de Queiroz, possibilitando, assim, uma *viagem* pela vida da autora, lembrando, entre outras coisas, o amor pelo seu lugar Ceará.

A afetividade que os autores têm com os seus lugares reverbera, pensamos nós, na obra escrita, dando cabo a um objetivo ficcionista de reconstrução dos quadros sócio espaciais dos mesmos, reproduzindo de certa forma um regionalismo literário. Sobre este assunto, Murari (2014, p. 36) enfatiza que “as literaturas nacionais participaram de várias maneiras da difusão de uma consciência do espaço nacional, construindo representações de um território vivido e imaginado”. Nos casos de narrativas que denunciam os problemas sócio espaciais, pode-se acusar determinado deleite dos autores ao escreverem os seus lugares, suas ruas, praças, portos, ferrovias, as pessoas, seja indo ou retornando, trabalhando, rezando, sofrendo, felizes, nascendo, morrendo, (re)e(xis)tindo aos dramas humanos e situações de vida. Mas, uma vez escritos, estes lugares já não pertencem somente aos autores. Os leitores acionam suas memórias, relacionando-os.

A casa, a cidade, a rua, geralmente são os lugares de memória mais afetuosos, muitas vezes tornando-se referência das obras romanescas. A seu modo, casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade (BACHELARD, 1993), ou seja, um lugar porto-seguro de si mesmo. Um lugar de onde o medo ainda pode existir, mas não resiste por muito tempo, porque o sentimento de segurança habita homem e espaço (TUAN, 2018).

O lugar é para a literatura tão importante quanto os personagens que o compõem. Nem teríamos como separá-los, é verdade. Os personagens experimentam os lugares, sentem seus cheiros, ouvem seus sons, possuem a sua dinâmica, implicam suas vontades, condicionam e são condicionados por seus estímulos. Tuan (2018, p. 12), por sua vez, anuncia que “a literatura e a pintura produzem uma consciência de lugar que reflete a nossa própria experiência; o que antes era sentido agora pode ser visto”, lido, reinterpretado, reescrito, no papel e no vento dos devaneios, no mar das emoções.

De acordo com Serpa (2021), a relação entre lugar e literatura pressupõe articulação e encontro entre tempos, pessoas e espaços específicos. Essa é, por exemplo, uma característica do romance *Cais da Sagração*, quando Montello entrelaça memória e história, estabelecendo um movimento entre os tempos presente, passado e futuro, construindo com as pessoas imagens de uma São Luís antiga e moderna, vivida, temida, sonhada e transbordante de si. Por tudo isso, Brosseau (2007) defendeu que a literatura nos possibilita pensar de maneira que nenhuma outra obra de arte consegue fazer.

Em muitos casos, os lugares de uma obra literária não se resumem ao onde as narrativas são desenroladas. São também fundações significativas por onde as narrativas passam. Passo é movimento. Porque os autores se movimentaram, movimentam as narrativas e, do mesmo modo, movimentam os leitores que por tais páginas passam, tornando-se factício os momentos em que ficção e realidade se encontram em pontos do espaço e da mente humana. Amorim Filho (2010, p. 86) defende que “a busca do conhecimento, da experiência e de sentimentos de simpatia, admiração, ou aversão por itinerários, regiões, paisagens e lugares desconhecidos e, sobretudo, exóticos reflete-se no desenvolvimento de uma variada e rica literatura”. Entendamos, sobremaneira, o fato de que a realidade pode ser revista como que numa trama intelectual para se escrever novos capítulos nos romances que cada um carrega consigo. Cada um de nós é (somos) muitos lugares. *Sagração* por isso!

Chegamos agora à obra de Josué Montello, que em muito é *cheia* do seu lugar, São Luís, um porto quando perto e muito presente quando o autor esteve fisicamente longe. Do romance que apreciamos pela Geografia, nos debruçaremos a seguir no “antes do romance”, pautando considerações sobre o processo de produção dessa literatura.

1.3 Obra montelliana e o “antes do romance” *Cais da Sagração*

“Antes do romance” é uma seção que abre o *Cais da Sagração*, publicada em 1971, na qual Montello relata sobre inspirações e a respeito do processo de escrita do romance, dizendo onde estava, por (a)onde sua imaginação passeou quando o enredo da obra lhe tocou, e descreve, pela sua perspectiva, a noite do lançamento e de autógrafos em São Luís. Discorre ainda sobre a tradução do romance para a língua inglesa, algo que aconteceu meses depois do seu lançamento.

Montello expõe que a ideia do romance já andava em seus pensamentos desde 1965, mas que só começou a escrevê-lo em 1969. Ou seja, a obra não nasceu de forma repentina. Foram muitos os momentos nos quais Montello se deu conta de estar pensando o romance,

ora intencionalmente, ora involuntariamente. Enquanto um novo romance, a preocupação de não repetir as questões que já escreva em outros romances era real. Crítico aguçado, sedento por aprender e apreender o mundo, Montello dominava bem a arte de escrever. A saber, na sua obra como um todo, mesmo que São Luís tenha se repetido como tema por várias vezes, ela sempre nascia outra, outros personagens, enredos, dramas sociais, lugares, outro espaço grafado, outras geografias.

As obras têm temas, uns centrais, outros postos como pano de fundo, tamanha a sensibilidade e crítica de quem as escrevem. Elas fazem surgir paisagens, ora caóticas, ora aprazíveis, sobretudo humanas, culturais, geográficas. Dentre as possibilidades de pensar a paisagem, Dardel (2011, p. 31) diz que “a paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante”. A partir dessa afirmação, é possível interpretar que a paisagem de São Luís unifica a obra montelliana justamente pela afeição que o autor nutria pela cidade. Quando ele nos coloca que pensou reiteradas vezes em cada movimento e expressão dos personagens, além da vila de pescadores onde Mestre Severino morava, é São Luís que ele escreve, e nos ensina que a cidade acontece em árvores, passarinhos, ônibus e pessoas (MONTELLO, 1971).

Cais da Sagração, sexta livro de Josué Montello, é uma de suas obras mais estudadas, sendo, no contexto da literatura brasileira, citada pela capacidade que o autor teve de pôr em relevo uma potente crônica da vida cotidiana do litoral maranhense. Seu enredo, por bem traduzir a imaginação criadora do autor, tende a aguçar também a imaginação dos seus leitores, ao ponto de se envolverem com a vida imposta nos personagens. Tal capacidade se explica por aquilo que o próprio Montello disse ter deixado fazer morada em si: o mistério da elaboração romanesca.

Vejamos. Em Paris, 1969, quando se pôs *longe* da conversa que desenvolvia com o amigo Thiers Martins Moreira, Montello diz que teve a revelação do trecho do Cais da Sagração:

Na verdade, por alguns instantes, eu andara longe dali, por águas do Maranhão, na instantânea composição do trecho de um novo romance [...] Daí em diante ficou morando em mim a urdidura do livro. Ainda não era o romance, mas apenas o seu esboço, com figuras indecisas. Eu tinha comigo o mar, a cidadezinha de pescadores, a orla do cais em São Luís (MONTELLO, 1971, p. 11).

Naquela situação, Montello passava a ter com ele parte da *geografia do romance*. Faltava um agente importante. O personagem principal. O mapa de São Luís, arte do Dr. Justo Jansen Ferreira, velho geógrafo maranhense, que mantinha na sua mesa e que *passava o dedo*

constantemente, teria sido capaz de lhe proporcionar uma viagem mental, lhe fazendo achar o título do romance: Cais da Sagração. Nesta perspectiva, pelo *gosto do mundo*, questiona-se o mapa como instrumento exclusivo de representação, pois é também objeto de dimensões reflexivas e criativas da alma humana, um trabalho artístico que pode se voltar novamente à arte (BESSE, 2014).

Incessante, Montello procurava o personagem principal de seu romance em viagens, livros e revistas. Folheando uma revista, em Paris, ele teria conseguido antever características físicas e pessoais daquele através de uma imagem na qual um homem despontava num barco ao entardecer. Naquela oportunidade, conseguia até ouvir a sua voz e ver a cor de sua pele. Nostálgico, porque tinha em mente o litoral ludovicense, em êxtase, o autor só não sabia ainda o nome do *seu* Mestre. Com o tempo, pelo gosto de escrever, conviveria imaginária e diariamente com os personagens, daí clareando os rostos, as conversas e prosas e os “trechos de paisagem”, como ele mesmo se referia no tocante às cenas romanescas.

Para Gomes (2001, p. 69), “a paisagem é um reservatório de utopias, estética, política, raciocínios e didática. Seu estudo contemporâneo sempre esteve associado a uma crítica à civilização”. A literatura é sabedora disso. Montello, sensível ludovicense, profundo conhecedor das paisagens maranhenses, porque assim quis se (re)formar com o mundo, também soube. Em campo, focado, como que junto da trama a ser escrita, alongava o olhar como fazia o pescador que observara. Conversava para alcançar as existências daqueles homens, e para ao seu leitor “oferecer-lhe, através do romance, aquele conhecimento do homem, que talvez apenas a ficção lhe possa dar” (MONTELLO, 1971, p.16).

No movimento de busca, habituado a descer as ruas do centro histórico de São Luís caminhando, com extremo gosto por ouvir, a bem da verdade, ele nos dá um exemplo e um depoimento que serve de orientação quando das realizações de nossas “experimentações de mundo”, ou seja, dos nossos trabalhos de campo (HISSA, 2017). Foi exercendo a busca em movimento que descobriu a existência do Mestre Severino. Sobre esse assunto, leiamos uma das suas potentes descrições da cena de quando o encontrou:

O BARQUEIRO SEVERINO, herói principal deste romance, eu conheci em São Luís, sentado na amurada do Cais da Sagração, em silêncio, o cigarrinho de palha de canto na boca, voltado para o mar. Por esse tempo já devia ir a caminho dos sessenta anos, muito magro, rugas fundas no rosto queimado, os cabelos de fogo começando a embranquecer, o pomo-de-adão saliente no pescoço comprido, a camisa de algodão para fora da calça, nos pés rudes das alpercatas de couro (MONTELLO, 1971, p. 19).

A vida, aos olhos de Montello, imitaria então a arte que ele viria a escrever? Em seu Diário (1998) o autor conta que diversas vezes saía pelas ruas de São Luís apenas para ver a poesia genuína: a vida aberta em ruas e pessoas, em terra e no mar, com demônios e deuses. Seria possível dominar a arte de contar história se mantendo distante das pessoas, sem escutar com zelo as suas histórias? Para as duas perguntas deste parágrafo, por ordem, seguem as respostas: sim e não.

Foi escutando a história de outro mestre ludovicense, quando este o falava sobre a lenda das aparições sobrenaturais do navio do rei Dom Sebastião na praia dos lençóis, o Mestre Lucas, que Josué Montello (1971), genuinamente, pelo menos aos nossos ouvidos, transferiu para o papel a seguinte poesia:

Os barqueiros que o avistam,
Navegando em alto mar
Ou correndo pela praia
Seu corcel a cavalgar,
Sabem que a chama da vida
De um deles vai se apagar.

Por isso ninguém quer vê-lo,
De noite pelo luar,
E a verdade é que ele passa,
Passa e some-se no mar,
Quando não vai a cavalo
No seu doido galopar.

Esta poesia é um brinde aos leitores. Pois, grosso modo, era a tradição romanesca a sua grande paixão, que para ele só encontrara irrigação na realidade, na disciplina do olhar e pela aproximação. Retornamos agora, com a licença para poder lançar um trecho extenso de seu depoimento, a mais uma cena da tentativa de aproximação de Montello para com o Mestre Severino, isso pelos idos de 1960, quando nem mesmo a ideia do romance andara com o autor:

Apoiei os cotovelos no parapeito da muralha, acomodando-me para tentar puxar conversa com o barqueiro, a pretexto de saber onde andaria nosso vendedor de livros de cordel, e eis que vejo o velho saltar da amurada para o convés do barco que se achava ancorado junto de uma das rampas. Dir-se-ia um pulo perfeito de acrobata, na curva elegante do salto e ainda na precisão com que o barqueiro caiu sobre a ponta dos pés, contraindo o corpo e retesando as pernas.

Não mais o perdi de vista, nos momentos que se seguiram. Mestre Severino, sem que se soubesse observado, parecia agora um bailarino no palco, na agilidade com que se movia desatando as escotas, içando o pano-grande, levantando a âncora, correndo a prender a cana do leme, firmando a bujarrona, até que o barco, de vela armada, equilibrado na maré montante, ergueu a quilha da proa, deslizou do dorso das vagas, e foi avançando, avançando, com a serenidade de um grande pássaro correndo para alçar vôo, já voltado para a amplidão da barra. Em breve estava a maio caminho entre a Ponta do Bonfim e a Ponta da Areia, o triângulo da vela cor de terra destacado no fundo azul claro do horizonte, a figura de Mestre Severino de pé na popa. O veleiro avançou mais, recebeu os primeiros banzeiros do mar alto, depois deu a impressão de ter ficado imóvel, e ali desapareceu, apagando-se na derradeira claridade do dia (MONTELLO, 1971, p. 23).

A partir do momento citado acima, Josué Montello só vê Mestre Severino por mais duas vezes, e ainda assim não fala com o mesmo. Em todo caso, o autor diz que as três vezes foram suficientes para guarda-lo bem na sua memória e, na soma com as histórias que ouviu a respeito do Mestre, pôde lhe penetrar “a vida heróica, estuante de substância romanesca” (MONTELLO, 1971, p. 24). Notadamente, o intercurso no tempo que Josué Montello desempenhou foi plástico. No momento do pensar a obra o escritor demonstrara forte encantamento por aquele homem-personagem. A habilidade do barqueiro o impressionara, e mais, parece ter facilitado a sua habilidade para escrever o romance, lançado em São Luís, no Cais da Sagração, em 21 de outubro de 1971.

Chegamos num tempo e espaço simbólicos para Josué Montello: a noite de lançamento do livro Cais da Sagração. O local escolhido já era um lugar para Montello: o Cais da Sagração, Centro Histórico de São Luís, Avenida Beira-Mar, Praia Grande, onde por diversas vezes passou, esteve, caminhou, olhou, conversou, escutou e sentiu a vida de barqueiros e pescadores. Misturou-se conscientemente com eles.

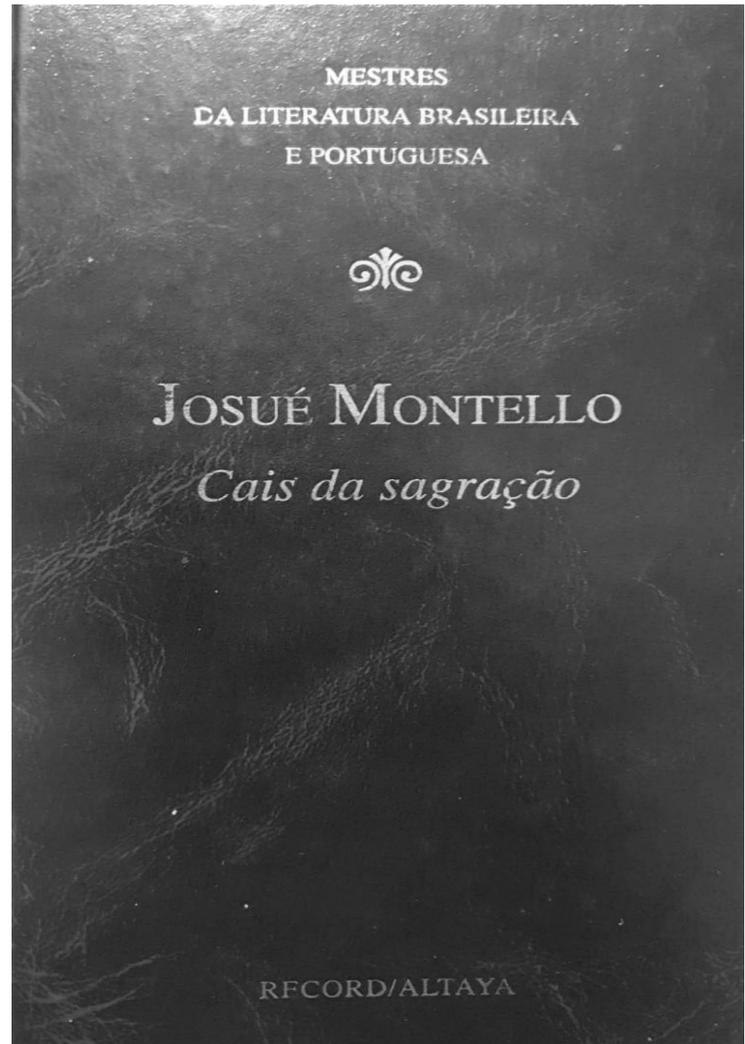
O Cais da Sagração foi um terminal portuário da cidade de São Luís. Sua construção foi iniciada em 1841 e recebeu este nome por em função dos festejos na Província do Maranhão a sagração do Sr. D. Pedro II. Mas mesmo antes deste período, barcos já atracavam naqueles domínios territoriais. Após a construção do Porto de Itaqui, perdeu seu poder econômico e hoje funciona como terminal hidroviário no transporte de passageiros na travessia São Luís-Alcântara. No período de lançamento da obra, o cais vivia seu apogeu, situando-se como principal centro comercial da capital maranhense. Por tudo que foi dito, nada melhor que ali fosse lançado o romance de nome homônimo.

Sem nos encompridarmos sobre as percepções de Montello com referência à essa noite, sabe-se que o autor, ainda que já tivesse um código de escrita bem avaliado pela crítica, teve grande receio da reação das pessoas da sua terra perante à obra que lançava. Havia chegado a São Luís há dois dias e, desde então, ficou pensando incessantemente nessa noite.

Horas antes do evento, caminhou pela cidade e foi ver como que as coisas andavam pelo cais, tamanha a ansiedade. Teria ou não muitos livros a autografar? As pessoas iriam ao evento? Foram. Muitas. Mais de dez mil pessoas. Quando viu a multidão, modestamente, e ainda desconfiado, Montello disse para si mesmo que toda aquela gente se encontrava ali apenas por causa do grupo de bumba-meu-boi que se apresentaria.

Nem se soube quantos autógrafos, por ora contente, o autor dispensou. Mas se conta que ele só saíra do lugar quando não havia mais nenhuma pessoa pedindo autógrafo. A noite de lançamento do romance foi um sucesso, rendendo, logo na sequência, traduções para outras línguas e dois prêmios que o distinguira: o da Fundação Cultural do Brasil e o da União Brasileira de Escritores. Teria valido a disciplina de sentar por várias manhãs, com uma concentração que assustava até o próprio autor, para escrever o material, entrefechado somente em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1971, por onde naquela altura já morava.

Em 1969, o amigo Jorge Amado, numa visita que fez para Josué Montello, em Paris, lera o romance, e, quando do seu retorno a Salvador, lhe presenteou com a capa do livro, obra assinada pelo, também maranhense, Floriano Teixeira. Foi por este acontecimento que o Montello afirmou que mesmo antes de concluído, “o Cais da Sagração tinha o traje vistoso com que sairia à rua”, vindo a “preencher os claros e divulgar o escondido” (MONTELLO, 1971, p. 13 e 24).



Livro “O Cais da Sagração”
Fonte: Souza, 2021.

CAPITULO 2

CAIS DA SAGRAÇÃO: LUGARES E EXISTÊNCIAS ENTRE O BARCO (MAR) E A CASA (TERRA)

Este capítulo, como sugere a capa do livro Cais da Sagração, busca, a fim de realizar interpretações de cunho geográfico, mergulhar nas páginas da referida literatura. Depois de submersos, conhecendo as morfologias significativas das palavras lidas e sentidas, subimos trazendo conosco temas, personagens e tramas espaciais respirando. Nesse *mar* que é o *mundo literário*, profundo, maleável, por segurança científica, elegemos tão somente alguns lugares e existências, e esses perpassam, via de regra, pelas experiências espaciais de Mestre Severino. Tal seleção se deu, sobretudo, pelas cenas que mais nos inquietaram. Outras proposições serão sempre possíveis.

2.1 Mestre Severino: homem do mar e da terra

O período das grandes navegações por parte dos europeus, quando estes buscavam a colonização de novas terras, é singular na relação do homem com o mar. “Para a fenomenologia, especialmente a merleau-pontiana, todo conhecimento humano tem sua origem na experiência perceptiva do mundo, pois a consciência não existe fora dele, em si mesma, como defendiam as teorias clássicas, antes forma-se na inter-relação “consciência/mundo” (NEVES, 2013, p. 298). Vislumbramos, portanto, que a relação do homem com o mar inaugura experiências perceptivas do homem ligadas ao meio aquático, daí ampliando a sua consciência de mundo.

Os homens habitam o mundo vivendo-o intensamente, com o corpo e por meio de percepções diversas (MERLEAU-PONTY, 1994). Mestre Severino, como já se sabe, tem seu mundo vivido traçado pelo mar e pela terra. Mar e terra representam, assim, espaços geográficos nos quais a existência de tal homem se desenrola: lugares onde o seu ser se projeta e faz pulsar a vida (DARDEL, 2011).

Mestre Severino mantinha grande afeição pela vida de barqueiro, considerando, ao que nos cabe interpretar, seu barco, o *Bonança*, um lugar onde se sentia completo. Em terra, seja no vilarejo onde morava, seja pelas ruas de São Luís, era um homem que também guiava sua vida por lugares potenciais. “Lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”, como afirma Tuan (1983, p. 4). Ainda segundo este autor, os lugares são experienciados em sentimento e pensamento. Isso equivaleria dizer que Mestre Severino experiência o mar e a terra como lugares porque os sente e os pensa como centro de satisfação de sua alma, aventureira e repousante.

Do início de sua jornada de vida, Mestre Severino parece viver intensamente os seus lugares. O trapiche onde costumava deixar seu barco ancorado é um daqueles que merece destaque. Era dali que, orientado pelos astros no céu, seguia e, seguindo, contornava a grande cerca de Alcântara, até aportar no cais da sagração, em São Luís, exatamente no mesmo local em que seu pai lhe ensinara a vida de barqueiro. Local habitado como lugar, o cais da sagração lhe lançava entre mundos, o do mar e o da terra, do tempo presente, das lembranças e do futuro. Mundos e lugares de (re)orientação, compostos de uma paisagem com sabor de mar, onde o sujeito se detém enquanto ser-no-mundo, lançando daí seus sonhos e suas aventuras (CAVALCANTE; DANTAS, 2020).

Segundo Nogueira (2014, p. 129), ao investigar barqueiros de rios da Amazônia brasileira, afirma: “os barqueiros possuem conhecimento preciso das rotas e se localizam e se orientam a partir da experiência adquirida no espaço de circulação vivido diariamente por eles”. Ao nos referirmos ao sentido de orientação, “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p.33).

Em nosso estudo investigamos barqueiros de mar do Maranhão e, ainda assim, concordamos com o que defende Nogueira no que concerne ao entendimento posto acima. Quanto à literatura trabalhada, Mestre Severino tinha a acunha de mestre não por acaso. Era conhecido pela sua habilidade em lidar com o mar, sabia muito bem das rotas marítimas porque as fazia diariamente. Experiente, orientado, guiava e levava seus passageiros a São Luís. De tal maneira, as pessoas que embarcavam com ele tinham suas geografias alteradas, uma vez que às suas condições terrestres eram apresentadas um novo mundo.

Se sabendo ligado à Terra, chamado a se realizar em sua condição terrestre, Mestre Severino demonstra forte relação com a geografia do cais da sagração, como podemos perceber por meio de alguns dos seus depoimentos:

– Eu podia ter atracado na Rampa Campos Melo ou no Desterro – acabou por dizer o velho, num começo de confidência, sem desviar o olhar para o neto, que não o perdia de vista – mas preferi vir para cá, onde os barcos já quase não atracam. Foi aqui que meu pai atracou o *Bonança* quando eu vim com ele a São Luís pela primeira vez. Eu quis fazer contigo a mesma coisa.

Sem querer, respirou fundo, num suspiro. E levando à boca um cigarrinho de palha, para espalhar a emoção:

– Maistarde, quando chegar a tua vez, há de atracar o *Bonança* aqui mesmo, com teu filho. Nesse dia te lembrarás de teu avô, como eu me lembro agora de meu pai (MONTELLO, 1971, p. 232).

O cais, na condição de um lugar decadente devido às investidas no Porto de Itaqui, ardia com magnitude ao ser de Mestre Severino. Aquele lugar ligava o Mestre a São Luís. Era quando deixava o barco que a cidade começava para ele, e não lhe fazia bem ver a pujança comercial do lugar perder força. Nesta perspectiva, é como se o próprio Mestre Severino e a sua história fossem se desfazendo com o cais. A tentativa de transmitir os saberes-fazer que detinha ao neto denunciava a vontade que o nauta tinha de fazer com que o cais se revigorasse.

Uma característica que o destacava dos demais barqueiros era sua recusa em deixar de atracar no Cais da Praia Grande para atracar no Porto de Itaqui, novo e com muito mais

tecnologia que o velho cais. Mesmo com a maioria dos outros barqueiros rumando ao Itaqui, Mestre Severino insistia que o velho cais seria seu porto até seu último dia de vida, e ansiava que o mesmo ocorresse com Pedro, quando este tomasse para si o *Bonança*.

Mestre Severino foi ensinado pelo seu pai a lidar com o mar desde cedo, quando ainda tinha treze anos. Desse tempo até a sua viagem com Pedro, para ensinar a este a profissão, se passaram sessenta e três anos. Deste total, quarenta e um anos foram dedicados à profissão de barqueiro, o que tornava aquele velho barqueiro um dos mais experientes no vilarejo onde morava, fama que também pudera ser atestada em São Luís. As pessoas sabiam, confiavam e falavam das habilidades daquele homem quando da posse de seu barco.

- O senhor vai Viajar, Padre Dourado?
 - Perfeitamente. Perfeitissimamente. Mas não é de barco que eu vou, Mestre Severino. **Se fosse de barco, ia com o senhor.** Vou direto. Assim: zupe! - adiantou o padre, a cortar o ar no sentido do teto, com a mão espalmada. (MONTELLO, 1971, p. 93).

O vilarejo de Mestre Severino, criação ficcional de Montello, representa de um lado a realidade de diversos lugares do Maranhão, e de outro revela a capacidade imaginativa do autor. Notemos que em todo o romance, Montello não cita o nome do vilarejo. Contudo, é possível imaginarmos a dinâmica do local por meio das experiências dos personagens. Nunca é demais lembrar que, de acordo como Nogueira, Soares e Petarnella (2016, p. 84-85), “o real corresponde ao ‘mundo extratextual’; que o fictício se manifesta como ato, revestido de intencionalidade e que o imaginário tem caráter difuso, devendo ser compreendido como um funcionamento”. Sendo assim, percebemos a potência dos conhecimentos e experiências que Montello tinha acerca da vida em um vilarejo de pescadores.

Estando na terra, Mestre Severino, era homem do mar, estando no mar era homem da terra, acostumado com o balanço do *Bonança* acompanhando as ondas que chacoalhavam de um lado para o outro e se mostravam mais desafiadoras durante as noites tempestuosas. Em terra firme, como no caso de quando estava em São Luís, o Mestre era parte das ruas, se envolvia com os burburinhos dos comerciantes e catraieiros, porque também lidava com encomendas.

Regressemos agora ao velho trapiche localizado no quintal da casa do barqueiro que, literalmente, funcionava como uma ponte entre a mar e a terra, entre a terra e o mar: espaço de transição. Para Heidegger (1954, p. 5) “é somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro”. Para Mestre Severino, o telúrico e o aquático eram

acessados mediante o trapiche e se, de modo geral, a casa é tida como um espaço seguro e o mar como um espaço agitado, na perspectiva do Mestre, mais vale focar na completude do seu ser dada pelas águas, sob as tábuas do *Bonança*, em movimento.

A casa e o barco se completavam, unidos pela pequena ponte de tábuas, em forma de trapiche, que avançava mar adentro, por cerca de cem metros, e que as ondas cobriam nas marés altas, sobretudo nas noites de plenilúnio. Embora a casa ficasse longe, na eminência da ribanceira, acima das palmas dos coqueiros-anões, o trapiche a prolongava, como se fosse a extensão da nesga de praia de seu quintal (MONTELLO, 1971, p. 57).

Uma ponte entre a casa e o barco. Este era o significado do trapiche. Porém, muito mais que ligar a casa ao barco, ligava o barqueiro também aos seus passageiros. Um ponto-ponte de encontro. Um divisor e ao mesmo tempo uma conexão. Ainda segundo Heidegger (1954, p. 6) “a ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar”. Dessa forma, o velho trapiche deixa de ser um mero local onde o *Bonança* atracava e desatracava em suas idas e vindas a São Luís, para se tornar um lugar de experiências das pessoas que viajavam com Mestre Severino.

- Eu levo o seu filho de graça. Basta o que o senhor já gastou com ele. Vá descansado.

E enquanto o imenso Abdala, emocionado, enxugava com a polpa dos dedos os olhos crescidos, Mestre Severino aproximou-se de D. Corina Soares, que vinha chegando ao trapiche num vestido azul brilhante, a cabeça grisalha envolta num lenço estampado, cada mão segurando uma sacola repleta, e que lhe disse, ao vê-lo caminhar ao seu encontro:

- Quase que eu não vinha, Mestre Severino. À última hora, minha filha mais nova, a Dudu, queria por força me fazer desistir da viagem. De noite, ela sonhou que a casa estava pegando fogo, achou que podia acontecer alguma coisa comigo no caminho. Tive de bater o pé para vir. Bobagem. Só se morre no dia. (MONTELLO, 1971, p. 166).

Quando partiam, o trapiche era o último espaço com o qual os passageiros se relacionavam em terra, quando retornavam, ele era o primeiro espaço a recepcionar os passantes: um lugar condensado de sentimentos, espaço símbolo no qual, com os pés molhados, Mestre Severino pisou inúmeras vezes. Ademais, este lugar é simbólico no romance porque foi ali que o velho *Bonança* ficou atracado ao se deteriorar completamente enquanto Mestre Severino cumpria sua pena na cadeia. Naquela conjuntura, Lourença sempre que olhava o barco lembrava-se do seu querido Mestre Severino. Vanju, um dia por ali também aportou.

2.2 Lourença e Vanju: dois estilos de vida

O romance *Cais da Sagração*, que nos envolve com a história de Mestre Severino, é apinhado de tradicionalismos e casos do cotidiano. Em grande parte do enredo, o homem é quem provê a casa e a mulher cuida dos seus afazeres. Há indícios de adultério dos homens, que consideram esta uma prática normal, mas quando há uma suspeita de adultério de uma mulher, ocorre um feminicídio. Machismo ao extremo, cremos, desponta como um dos temas tão bem abordados por Montello.

No romance, a mulher é tratada como um ser dependente do marido. O patriarcalismo pode então ser discutido. Para Peterson (1999, p. 15), “muitas teorias respaldam o estudo das relações entre homens e mulheres e, dentre elas, a teoria do patriarcado, na qual o processo de subordinação feminina foi construído a partir da necessidade masculina de dominar a mulher, cujo desejo estaria em transcender sua privação dos meios de reprodução da espécie”. Toquemos nos estilos de vida de Lourença e Vanju e a luz desta questão.

Lourença era uma mulher velha, muito apegada à religião e desponta na literatura quase sempre pedindo aos céus por proteção a Mestre Severino durante suas viagens. Quando foi morar com o barqueiro, ainda era jovem. Depois de anos e anos, como escrevera Montello, se tornaria uma mulher castigada pelo tempo, e que jamais culpou seu companheiro quando este a trocou por Vanju, que era uma mulher mais jovem, bonita, formosa de corpo.

De pés no chão ou nas sandálias cambadas, vestido corrido e velho, os primeiros fios de cabelo branco descendo para os ombros, duas rugas fundas entre a asa do nariz e o canto da boca, consumida pelos trabalhos da casa e as tribulações da sorte, Lourença reconhecia que nem por sombra podia competir com a Vanju, que mesmo sem se arrumar era bonita (MONTELLO, 1971, p. 54).

Vanju gostava de andar enfeitada, sempre usando chapéus, chamava a atenção por onde passava. Atraía os olhares tanto de homens quanto de mulheres, que se sentiam ameaçadas por tamanha beleza. Criada na cidade grande, acostumada com grande movimento de pessoas, era *mulher da vida* antes de se casar com Mestre Severino.

Nunca Mestre Severino tinha visto uns seios como os da Vanju, rijos, altos, mamilos pequeninos, e que agasalhara enlevado na concha das mãos felizes, com a impressão de lhes sentir a palpação sensual. Nem se recordava de outra cintura como a dela, de curvas tão suaves, o umbiguinho quase ocluso, quadris cheios, o risco leve de uma cicatriz por cima do sexo, as coxas unidas, talvez um pouquinho grossas, logo resvalando docemente para os joelhos, toda a nudez envolta pela tez de tom uniforme, mais róseo que moreno queimado, sem uma só mancha, o pêlo macio a

arrepiar-se de leve quando seus dedos viris deslizavam sobre ele no impulso irreprimível de uma carícia (MONTELLO, 1971, p. 35).

Mesmo ocupando o lugar de primeira mulher na casa do barqueiro, Vanju jamais conseguiu ter a total confiança por parte de seu esposo. O fato de ser atraente e um dia já ter possuído vários homens, despertava em Mestre Severino sentimentos que o intranquilizava. O trecho abaixo, retirado do romance, demonstra como Vanju parecia brilhar no pequeno vilarejo de pescadores onde nem mesmo a energia elétrica havia chegado.

Não era só o chapéu da Vanju que chamava a atenção – mas o vestido também, de cetim branco, mangas compridas, muito justo, a acompanhar as linhas do seu corpo bem feito. Por cima do peito, um broche doirado; no pescoço, um colar de contas vistosas, com um camafeu italiano; nos braços, três pulseiras de ouro; na mão direita, um anel de água marinha (MONTELLO, 1971, p. 31).

Lourença e Vanju eram de mundos diferentes e tinham estilos de vida dessemelhantes. A primeira era acostumada com a calma, a outra com a vida agitada; a primeira exercia cotidianamente uma vida de orações, a outra não demonstrava afeição por coisas do tipo; a primeira se acostumou a servir seu parceiro, a outra foi acostumada a ser servida e paparicada pelo mesmo.

Lourença, a primeira esposa de Mestre Severino fazia todas as vontades do barqueiro. Mulher dedicada a casa, sem luxo e judiada do sol, se via realmente como mulher velha, enxergava em si as rugas do tempo no rosto e, naquele contexto, não se achava mais uma mulher com feições bonitas, capaz de continuar sendo desejada pelo marido. Muito por conta disso, ela não culpou o barqueiro por trocá-la por uma mulher mais jovem, com a pele limpa, feições corporais bem definidas, rosto bonito. A outra tinha tudo o que ela não tinha, era *quente*, assim Lourença avaliava. “Tudo” seria o que podemos limitar a chamar de beleza física, porque como que Vanju teria tudo, se nem mesmo da casa ela sabia cuidar, algo tão valorizado pelo Mestre Severino?

A velha sabia fazer de tudo dentro de casa. Cozinhava bem. Costurava bem. Tinha jeito com as crianças. Preparava remédios com ervas da natureza. Rezava para que a vida fosse bem. O lar era a sua vida. Respeitava como ninguém o marido. *Não tinha besteira* com roupas e coisas caras, portanto, não dava grandes gastos. Tudo isso, que aparentemente encantava Mestre Severino, não o impediu de trocá-la por outra, ou melhor, dizendo, parcialmente trocá-la, pois a velha companheira continuava sendo a grande referência do velho barqueiro, o seu porto seguro, daquelas referências e portos que os barcos necessitam em meio a um mar agitado.

A submissão das mulheres a seus maridos e ao lar é um tema social, portanto, ganha relevo na referida literatura. Isso tem relação com o tradicionalismo nas famílias. Segundo Araújo (2001), no período do Brasil Colônia, o condicionamento do comportamento e da sexualidade feminina passava pela submissão e aprovação do pai, que era o mantedor da casa, depois o marido seria a pessoa a mandar na esposa após o casamento, lhe direcionando a uma rígida educação voltada quase exclusivamente aos afazeres domésticos. Castells (2002) admite que antes o trabalho da mulher se restringia a cuidar do lar e educar os filhos. Mas, nos últimos anos ela passou, em muitos casos, a ser a principal provedora de seu lar e as manifestações feministas fizeram com que ela deixasse de ser esposa e mãe por tempo integral e tivesse a oportunidade de refazer sua identidade como profissional, mãe e esposa.

Ao que podemos avaliar, Montello parece ter tido a intenção de denunciar que:

A sociedade de classes não oferece à mulher um quadro de referências através do qual suas funções possam ser avaliadas e integradas. Neste tipo de estrutura social, a vida feminina se apresenta contraditória. Há, para as mulheres, uma necessidade subjetiva, e, muitas vezes, também objetiva, embora nem sempre a primeira se torne consciente, de integração na estrutura de classes e, de outra parte, uma necessidade subjetiva e objetiva de se dar à família (SAFFIOTI, 1976, p. 57).

Na contramão do estilo de vida de Lourença, quando Montello dá cabo a personagem de Vanju, outro tema contemporâneo se lança luz: a vida submetida às aparências físicas associadas ao consumismo. O desejo de ser olhado por outro, ter o corpo admirado, ser tido como uma pessoa bonita e reconhecida por usar artigos de luxo – como os chapéus, joias e vestidos usados por Vanju – são ações que guiam grande parte dos seres humanos no presente de então, e que precisam ser debatidas. A literatura é um caminho. A Geografia é uma possibilidade.

De volta à literatura, quando Mestre Severino leva Vanju para morar com ele em seu vilarejo, ele não ousou colocar Lourença para fora de casa. Logo ela que lhe havia dedicado toda uma vida cuidando dele? Não, isso não! Ele sabia e dizia que não poderia fazer tal atrocidade com quem havia sido tão extraordinariamente sua companheira e, nos modos possíveis pelas circunstâncias, o continuaria sendo. De tal maneira, as duas mulheres passaram a conviver dentro da mesma casa. Se não uma convivência amistosa, estabeleceu-se uma convivência sem conflito.

A chegada de Vanju na casa redesenha a *geografia* de Lourença naquele ambiente. Neste sentido, o movimento mais sintomático foi a sua perda de espaço no quarto do casal, cedido para a outra mulher, bem como o corpo e os caprichos sexuais de Mestre Severino. Agora num quatinho situado nos fundos da casa, Lourença se submetia a escutar e a conviver

com o deleite sexual do novo casal, tendo que ainda, dar conta das tarefas domésticas. Enquanto isso, no seu mundo, embora sob o mesmo teto, Vanju vivia a folhear as revistas trazidas por Mestre Severino de São Luís.

Por razões pessoais, Lourença evitava falar com a nova mulher do seu Mestre Severino. Este fato entristecia e irritava Vanju, que se desesperava em não ter ninguém para conversar enquanto seu esposo se encontrava viajando para São Luís. A condição de estar sozinha enquanto o barqueiro estava de viagem nunca afligiu Lourença, pois a mesma sabia da importância que a viagem tinha para o Mestre, para o sentido do seu lugar no mundo (OLIVEIRA, 2012). O que realmente afligia Lourença eram os perigos que Mestre Severino corria no mar, aflição que a acompanhou mesmo quando ele já não a tinha como esposa. Da parte de Vanju, tal aflição não ganhara expressão. Para esta, as viagens do Mestre Severino significavam a manutenção do seu estilo de vida.

O ambiente da casa muda mais uma vez quando da chegada de Mercedes, filha de Mestre Severino, a quem Vanju deu à luz. Foi mãe e não sabia cuidar da criança. Não levava jeito para pegar a criança, dar banho, preparar e dar comida, pôr para dormir, acalantar. E mais, para Vanju, amamentar a filha poderia fazer cair os seus seios, o que ela temia demais. Os cuidados, então, ficaram por conta de Lourença, que nunca tivera dado um filho ao barqueiro, mas que sabia cuidar muito bem de criança, e assim o fez com Mercedes, tanto que a amou expressamente, e com ela criou laços extraordinários. Até a própria Vanju se admirava de tamanha ligação, e agradecia Lourença por isso.

- No dia do batizado, quem vai levar a Mercedes é você. A madrinha de batismo não podia deixar de ser a Noca; mas a madrinha de carregar tem de ser você. Eu e Severino tivemos a mesma idéia.

Sem dizer que sim ou que não, a Lourença, nesse mesmo dia, começou a tecer a larga renda de entremeio para a camisola do batizado. De noite, com a Mercedes adormecida no berço ao fundo do quarto, sentava-se diante da almofada, apenas com a luz de uma vela espetada no gargalo de uma garrafa, e perdia a conta das horas nos serões felizes, enquanto o tinido dos bilros, que seus dedos longos manejavam, parecia responder ao cricri dos grilos no silêncio da casa.

Pelo resto da vida Lourença se lembrará da tarde do batizado, principalmente do calor da Mercedes em seus braços, rechonchuda e rosada, os olhos vivos da mãe, as mãozinhas vermelhas, a cabecinha envolta pela touca de renda, a camisola também de renda enfeitada por uma fita cor-de-rosa nas mangas e na barra. (MONTELLO, 1971, p.62).

Ademais, por conta do passado de Vanju, Mestre Severino a mantinha sempre em casa, por medo de que sua esposa fizesse algo que o desonrasse. Aos poucos foi permitindo que ela se encostasse à janela para observar o passar do dia e não se aborrecesse tanto com a vida pacata do vilarejo. Contudo, o gosto por estar à janela fez com que Mestre Severino

desconfiasse da fidelidade de Vanju, o que, mesmo dizendo amá-la, culminou no assassinato da jovem pelas mãos do próprio esposo. O feminicídio, tema que no Brasil, por exemplo, tem merecido extensas discussões, é, assim, uma das enfáticas pautas do romance. Segundo a Rede de Observatórios de Segurança, uma mulher é vítima de violência a cada cinco horas e ao menos um feminicídio é registrado no Brasil por dia.

Com a morte de Vanju, Lourença retorna ao posto de principal mulher da casa. Cuidou das coisas de Mestre Severino enquanto ele esteve preso. Mesmo depois de tudo que passou, quando Mestre Severino precisou de uma companheira, foi Lourença que esteve lá. Sempre esteve, ali, no vilarejo.

2.3. O vilarejo de Mestre Severino e a São Luís

Josué Montello escreveu 27 romances durante sua vida. Entre esses romances, 14 deles se passam em São Luís. O autor, ludovicense, e nutrindo forte afetividade por sua cidade, conheceu muito bem a sua cultura, sociedade e seus modos de vida diversos, logo se utilizando dos conteúdos de vida da cidade para fazer desenrolar seus mundos escritos. Nesse sentido, pensamos a cidade de São Luís não apenas como o (a)onde se passam seus romances, mas também como uma personagem-cidade-personagem que ora se manifesta mais materialmente, ora imaterialmente. “A inspiração da arte é – pulso, impulso – um pressentir de linguagens. A criação artística espelha a visão pessoal do artista, da mesma forma que a criação científica reflete a visão pessoal do artista. O cientista necessita tanto da criatividade quanto o artista” (GRATÃO, 2010, p. 310). No Cais da Sagração, mesmo direcionando acentuada atenção ao vilarejo de Mestre Severino, Montello o faz na sua relação com São Luís

Quando se imagina uma vila de pescadores, normalmente, se imagina um cotidiano tranquilo em alguma parte do litoral onde o trabalho é intenso e se vive em franca relação com a natureza. Neste cenário, não raro, é possível a projeção de barcos atracados à espera de seus donos para mais uma aventura em alto mar em busca do sustento da família. Ali, em um átimo, os saberes são transmitidos entre gerações. As mulheres cuidam da casa e os homens trabalham no mar. A dinâmica dos dias é diferente das dinâmicas cidadinas. A economia segue o ritmo das marés. O lugar é envolvido por marcas naturais.

Em o Cais da Sagração, a vila de pescadores é fruto da criação imaginária de Montello. Melhor dizendo, ela não existe com referência à realidade, de outro modo veio à tona pela arte do autor na proposição de tal espaço romanesco. Talvez os fragmentos de sua

memória tenham sido valiosos nesta produção. É nesta vila que moram Mestre Severino, Lourença e Pedro, dentre outros sujeitos. O cotidiano da vila ocupa parte das páginas lidas e nos envolve de modo em que também procuramos as nossas referências de quadros espaciais afins. Em todo caso, sabe-se que a vila mantém reiterados contatos com a cidade de São Luís, via mar, e se situava no litoral maranhense.

Composto especialmente pela cultura e vivências relacionadas ao espaço marítimo, o vilarejo carrega ainda em seu seio elementos tipicamente rurais. O espaço em Cais da sagração ocupa uma posição de motor de memória, em cada ambiente frequentado por Mestre Severino traça-se uma visão do que fora sua vida de outrora e de como evoluiu ao que se tornou hoje (ALMEIDA; LOPES, 2020). As lendas, por sua vez, envolvem as crenças e credices de pescadores e barqueiros em situação de alto mar, e estão extremamente presentes no dia a dia daquela gente. Por exemplo, mencionamos a lenda da visão do espírito de Dom Sebastião, responsável pelo desaparecimento de muitos barcos no contexto das águas do Maranhão.

“A lenda de D. Sebastião é, sem dúvida, a que mais entranhadamente penetrou na alma maranhense, inspirando cantadores de boi, compositores populares, poetas, romancistas e pintores” (MORAES, 1980, p.20). Ainda sobre a referida lenda, é dito que “em noites de lua, o monarca derrotado pelos mouros toma a forma de um touro negro, com uma estrela na testa. [...] Navega também pelos “furos”, canais formados pelas águas das marés mais altas da nossa costa, que invadem o continente e encontram os rios” (PEREIRA, 2005, p. 66), assombrando, assim, os desavisados.

No romance, Montello se reporta a esta lenda ao destacar que avistar a imagem do monarca era um mau presságio e usa desse conteúdo para dar um ar de suspense à leitura, sobretudo quando Mestre Severino diz que até então não havia visto o rei no seu navio mal-assombrado, causando a admiração de Clementino, com quem conversava que disse:

- Muito me admira. Me criei ouvindo falar nesse navio. Que ele aparece na praia dos Lençóis, nas noites de sexta-feira. Há quem diga que o rei sai do navio e dá uma volta na praia, montado num cavalo, e depois volta ao navio, que torna a desaparecer. E o senhor, que nestes 42 anos sempre passou por lá, nunca viu nada? É estranho. Muito estranho (MONTELLO, 1971, p. 180).

No âmbito da religião, o vilarejo tem uma igreja liderada pelo Padre Dourado, um padre respeitado, velho e inconformado com as peripécias das pessoas dali e que, vez ou outra, fala em ser substituído para descansar. Em momentos mais inflamados, Padre Dourado se encontra fissurado em comprar um chicote de rabo de tatu, que segundo ele seria perfeito

para aplicar castigos às pessoas no confessionário. O seu chicote foi encomendado a Mestre Severino, quando este decide ir a São Luís para provar que ainda conseguia viajar no *Bonança*.

No que pese à natureza do texto literário, percebe-se que Montello busca retratar o poder que a igreja católica desenvolvia no cotidiano das pessoas e lugares, impondo, assim, leis, diretrizes e aconselhamentos. De acordo com Bitencourt (2008, p. 115), “no mundo da igreja existe um conjunto lógico sistemático e coerente de representações e significados, de normas e regras, que prescrevem aos seus agentes o que devem pensar e como devem pensar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem dizer e fazer e como devem dizer e fazer”. A saber, o *episódio do chicote* é visto pelo Padre como sendo necessário porque a “modernidade” – lembremos até deste fato como sendo a razão pela qual Mestre Severino culpa a decadência do Cais da Sagração em prol do Porto de Itaqui – teria desnortado as mulheres, que agora não queriam mais servir seus maridos e estavam mais preocupadas com a aparência. O Padre criticava das traições até as vestimentas usadas para ir à igreja.

Para o Padre, os *ventos* da grande cidade mudaram o mundo do vilarejo. Conta o Padre que quando chegou ao vilarejo, ainda moço jovem, as coisas eram totalmente diferentes do que via na velhice. As migrações acabaram por trazer boas influências, mas também coisas ruins. Neste sentido, Damiani (1997, p. 239) nos lembra que “o impacto das modernizações é diverso, pois além das forças externas, depende das forças existentes nos espaços atingidos”. Ainda segundo esta autora, “as modernizações como projeções no sistema mundial, também, tomaram formas diferentes nos espaços dependentes, nos diferentes períodos de sua difusão no mundo” (DAMIANI, 1997, p. 239). No Brasil, as metrópoles concentraram muitos serviços e uma rede de imposições culturais. Esse processo também aconteceu em e a partir de São Luís do Maranhão.

Outro espaço de poder do vilarejo que merece destaque é a promotoria. É pela promotoria que um dos sujeitos-personagens da trama romanesca chega ao vilarejo, o Dr. Genésio. Ele chegou ao vilarejo próximo do parto de Vanju, quando esta daria luz à Mercedes. Foi Mestre Severino que o trouxe de São Luís. Homem casado e com dois filhos, Dr. Genésio viria a causar ciúmes em Mestre Severino. Enciumado, o Mestre Severino parece criar em sua mente a imagem que a sua esposa, neste tempo, Vanju, se fazia infiel, algo que não se sabe ao certo.

O que podemos afirmar é que a vida no vilarejo de pescadores sofria forte influência de São Luís, que ficava há um dia e uma noite dali, considerando uma viagem feita num barco movido a velas. Aqui não queremos simplesmente enveredar pela visão dualista entre rural e

urbano, como realidades distintas, um espaço atrasado e outro moderno, algo já superado (SANTOS, 2002). Sabe-se que em termos de modos de vida, as fronteiras que dividem espaço urbano e espaço rural estão cada vez mais difíceis de serem delimitadas, tanto é que São Luís, na obra montelliana, desponta repleta de características urbanas e rurais, uma extraordinária personagem.

Caldeira (2007, p. 148) diz que “na impossibilidade de ser sujeito, a personagem que não tem fala, é falada pelo discurso dos outros, pelos desdobramentos do discurso do narrador”. Sendo São Luís uma cidade-personagem nos romances montellianos, ela é descrita de acordo com o ponto de vista do autor, que a faz falar. Ainda segundo Caldeira (2007, p. 149) “é por esse viés que tais narrativas dão destaque ao papel fundamental atribuído à memória, que abre caminho à atualização da temática da nostalgia, realizada plenamente em seu belo sentido etimológico: a dor da perda”.

Em diversos romances de Montello é possível perceber o sentimento de perda sendo exercido com vigor. A nostalgia em ver a cidade antiga sendo tomada pela cidade moderna é por várias vezes notadas. A descrição bem detalhada da velha São Luís feita pelo autor parece ser então uma tentativa de preservação daquelas memórias, como pode ser percebido no trecho abaixo.

Antes que as marretas destruidoras batam em cheio nas suas paredes para tentar destruí-las, que destino terão estes sobrados em agonia? Talvez a sorte decadente das belas casas de azulejos da Rua do Giz, algumas de beiral de porcelana, filigranas de ferro nas sacadas, hoje convertidas em prostíbulos, nos arredores do venerando Convento das Mercês, que o tempo transformou em Quartel da Polícia.

A poesia das lendas, que floresce melhor nas ruínas, há de persistir na Praia Grande, habitando ainda alguns de seus sobrados, depois que se extinguir de todo a palpitação de vida antiga que lhe assinalou o prolongado esplendor. Gemidos de escravos, correntes arrastadas, uma porta que bate sem motivo, o rumor de passos errados na calada da noite, alguém que galga correndo uma escada escura, a pilha de pratos que de súbito despenca e se estilhaça, em meio a um sussurro de vozes ásperas, hão de ouvir-se por largo tempo, no interior vazio destes sobrados de antanho, naturalmente propícios aos fantasmas penitentes, que sempre preferiram os escombros e as casas abandonadas.

Uma geração contará à outra, à revelia do silêncio da Praia Grande, a gesta dos desesperados que ali foram mortos ou se mataram - a moça bonita de compridas tranças, que um escravo violentou e a seguir pendurou numa escápula de rede; o comerciante que se atirou da mais alta janela da Rua do Trapiche e que de noite regressa à loja fechada para discutir com os seus credores; a velhinha que se matou por não saber onde havia escondido os seus dobrões de ouro; o negrinho que morreu apanhando por ter furtado o dinheiro de sua própria alforria e que reaparece todos os anos na procissão de São Benedito, à hora em que o andor entra de novo na igreja por entre o estoiro dos foguetes e o repique dos sinos. (MONTELLO 1971, p. 245).

Daí pensamos que seja assim a sua contribuição: uma literatura feita como o legado do amor pela cidade. A cidade mostra-se com uma impressão do imaginário, da percepção,

estímulos oscilantes entre o dito e o não dito. E “não se pensa a cidade sem imagens. Infere-se que não há um espaço sem imagens. Percebe-se, no entanto, que a cidade é mental, por isso não afastada do fenômeno do referente” (ABREU, 2018, p. 18). O referente é a cidade, a literatura uma imagem resultante de tantas outras formas de paisagem (COLLOT, 2013).

Lembramos, pois, que quando Mestre Severino iniciou sua jornada para São Luís, levado por seu pai, o cais foi onde ele primeiro aportou e viria a aportar em todas as suas idas àquele sítio, tornando-se assim um lugar onde o barqueiro se sentia ambientado, desejando, inclusive, que aquele lugar fosse sempre agitado, como nos tempos de seu apogeu, como que se quisesse preservar tal imagem, aquela paisagem cultural da cidade que lhes proporcionava trabalho. Nisso, no que diferiria Mestre Severino de Josué Montello? Difícil dizer. Para cada um deles, incorremos em dizer, a *literatura* pairava sobre a terra (THOREAU, 2012).

Diferente do vilarejo onde o barqueiro morava, a Terra São Luís era grande, movimentada, com muitos e os mais variados comércio. Tudo que se procurasse, era encontrado em alguma loja da Praia Grande, o grande ponto comercial da cidade, e todos os produtos lá encontrados chegavam através do cais. Montello, a bem da verdade, joga como muitos lugares, ruas e espaços da cidade. Entre eles, podemos citar, além do cais, a Rua do Giz, a Rua do Sol, a Praia do Caju, a Praia Grande, a Igreja da Sé e a Igreja de Santo Antônio. Como que num labirinto, a leitura vai nos colocando num cenário urbano esplendoroso.

De tal maneira, tratar a cidade como personagem exige que consideremos que os acontecimentos nela ocorridos vão condicionando os sujeitos romanescos e os seus lugares no mundo, existências essas que farão a cidade renascer todo dia, mais ou menos transformada, reivindicada, chorada, feliz, esperançosa, desafiadora. Citemos, pois, uma passagem em que o romance tomou um novo rumo diante das influências da cidade: quando Pedro ainda não conhecia a cidade de São Luís, esse ansiava por se tornar um padre. Porém, quando avista pela primeira vez a cidade percebe que há uma infinidade de outras possibilidades para ele. Pedro, ainda que com saudades, não pretendia retornar para morar no vilarejo de pescadores.

Na São Luís do romance, os prostíbulos são espaços tidos como comuns. É para estes espaços que recorre Mestre Severino na tentativa de *fazer de Pedro homem*. O Mestre vai num bordel onde trabalhava uma prostituta que só se deitava com barqueiros. O velho busca por uma mulher com quem ele já havia se deitado, a fim de pagá-la para deitar-se com seu neto. A saber, tal tipo de estabelecimento não era encontrado no vilarejo no qual Pedro e Mestre Severino moravam.

Nessa mesma viagem a São Luís, quando Pedro se encontra com Davi, que é filho de Seu Abdala, este o leva a uma pensão onde residia. Mesmo com seus pais morando no

vilarejo, Davi, um jovem homoafetivo, há muito tempo frequentava São Luís e sabia um tanto de seus segredos. A pensão, no que podemos interpretar, era um local onde viviam muitas pessoas, com pensamentos diferentes, o que fazia com Davi não achasse por bem mostrar Pedro, devido aos boatos que circulavam sobre sua pessoa.

Koehler (2013, p. 134) afirma que “homofobia é aqui definida como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade”. Ainda segundo a autora acima citada, existe uma grande dificuldade em se perceber a homofobia como fenômeno relacionado a questões e relações de gênero, já que o termo, na maioria das vezes, se refere apenas a casos de discriminação contra homossexuais masculinos (KOEHLER, 2013).

Davi, que apresenta a cidade de São Luís a Pedro, é pobre e gay, e não era respeitado pelo pai e nem pelas pessoas do vilarejo de pescadores, como é percebido no trecho abaixo:

Juro a você que, se soubesse que esse Davi vinha nesta viagem, tinha procurado outro barco para vir a São Luís. Olhe onde guardei minha bolsa, desde que dei com os olhos nele: aqui, debaixo de mim. Sabe por quê? Para evitar que o Davi se engraçasse dela. Sim senhora: além de afeminado, é ladrão. É o que estou lhe dizendo: ladrão(MONTELLO, 1971, p. 225).

Vejamos: o fato de que Davi era afeminado fez com que uma passageira de Mestre Severino, moradora do vilarejo, o associasse a um ladrão. Puro preconceito e desconhecimento da vida no espectro humano do termo. Vale aqui destacarmos que, segundo o IBDU (2017, p. 61) “a violência vinda de familiares atravessa a população LGBT em sua diversidade. Espancamentos, estupros, proibição de sair de casa, vigilância intensiva e outras formas de violência são experimentadas nos espaços domésticos em muitos contextos familiares”. Mesmo com todos os avanços conceituais e políticos vividos atualmente, ainda é grande a falta de entendimento das pessoas LGBTQI+ no Brasil e no mundo, e a literatura montelliana contribui, a seu modo, para caminhamos em direção a um mundo mais humano, com espaços mais democráticos, onde as pessoas possam ser elas mesmas e as diferenças sejam vividas e respeitadas.

A cidade é, portanto, uma perspicaz personagem para se fazer pensar um novo mundo (CERTEAU, 2014). A sua geografia possui a *matéria* para que nos façamos outros seres humanos. A literatura de Montello olha por esta perspectiva a cidade de São Luís. Já quando esta mira na situação de vida de Mestre Severino entre o *Bonança* e a prisão são outros dramas humanos que faz emergir.

2.4 Mestre Severino: entre o *Bonança* e a prisão

A casa é, na maioria das vezes, um lugar que transmite paz e tranquilidade. A casa pode ser lar, onde a vida se funda e abriga o ser (DARDEL, 2011), abrigo acolhedor, onde as fraquezas e as fortalezas ganham berço. O lar não é só a casa. Pode ser a cama, o quarto, um cantinho ali, só nosso. Lar transmite completude (TUAN, 2012). Pode ser lugares da cidade. Pode estar significado por meio da companhia de uma pessoa. Pode estar relacionado a um tempo vivido, ainda que recheado de incerteza. Destarte, o lugar não pode ser visto apenas como algo estável.

Para Mestre Severino, interpretemos, o mar é um lar, calmo em alguns momentos, ameaçador em outros, mas ainda assim um lar, pois, no contexto da navegação, a alma do Mestre parece encontrar abrigo. Navegar conduzindo o *Bonança* na rota para São Luís é prazeroso e motivo de orgulho para o velho barqueiro. Tirar isso dele seria diminuí-lo em termos de vida, existência, essência. Isso é percebido quando, em seu tempo de presidiário, o velho barqueiro, ao ouvir o barulho das ondas do mar, diz sentir saudade das águas, e pede a Deus que lhe permita voltar logo a navegar.

Sem dúvidas, Mestre Severino (sobre)vive num universo simbólico representado pelo mar e o *Bonança*, tanto que ele desejava morrer neste contexto: navegando pelas rotas que sempre fez em todos os seus anos como barqueiro. “Se não tinha remédio, antes morrer no mar” (MONTELLO, 1971, p. 72). “O melhor que fazia era morrer logo, e morrer no mar”(MONTELLO, 1971, p. 297). Talvez Mestre sabia que “o mar é um ponto de contato e conexões em diversos níveis – entre diferentes sociedades, entre diferentes *pólis* e tradições, entre homens mortais e deuses imortais, entre vivos e mortos, entre a finitude e a eternidade” (JOURDAN, 2019, p. 182). Segundo Jourdan (2019), morrer no mar é, em muitos casos, perder a vivacidade do corpo, mas expandir-se à eternidade.

Noutra escala e substância, outro lar do Mestre Severino é o seu barco. Afinal, onde já se viu barqueiro sem barco? E o *Bonança* não é qualquer barco. Tem história e tradição de família. Não é só instrumento de trabalho. Representa a coragem de quem o guia pelas águas e leva com segurança pessoas e mercadorias. É objeto significado de identidade familiar. É onde o ser de Mestre Severino descansa mesmo em noite de tempestade, como nas noites em que esteve preso. A seguir temos um trecho da literatura pela qual podemos perceber a forte relação mantida com o *Bonança*:

- Vai vender o Bonança, Mestre Severino?

- Vender eu não vendia. Preferia fazer com ele o que fiz com o outro, quando estive preso, e que deixei apodrecer junto do trapiche, no fundo do meu quintal, como o senhor sabe. O que vou fazer agora é passar o barco ao meu neto, que já está quase um homem. Deus não me deu um filho, mas me deu um neto, a quem posso entregar a cana do leme.

Por mais que recebesse boas propostas para vendê-lo, ela o deixou ali, cumprindo ordens de Mestre Severino, e o barco permaneceu anos seguidos no mesmo lugar, até que o vento, a chuva e a maresia o degradaram, convertendo-o a princípio em abrigo de gaiivotas, depois em valhacouto de dois mendigos, para afinal soçobrar de repente numa feia noite de temporal(MONTELLLO, 1971, p. 247).

O fato de o barqueiro preferir que o barco se destruísse a vendê-lo diz muito sobre a referida ligação. Essa ligação fica ainda mais evidente quando, depois de libertado da prisão, com o antigo *Bonança* destroçado pela ação do tempo, Mestre Severino surge com outro barco, lhe dando ainda o mesmo nome de *Bonança*.

Vinte e três anos depois da morte da Vanju, Mestre Severino fez ancorar junto ao trapiche, vindo de longe, o seu novo barco, com o mesmo nome e as dimensões do outro. Parecia que o *Bonança* havia refluído à tona das águas, pintado de fresco, com o antigo barqueiro no banco do leme, e está novidade: o Lucas Faísca no comando das velas (MONTELLLO, 1971, p. 65).

Vinte e três anos. Esse foi o período que Mestre Severino ficou preso pelo assassinato de Vanju. Em todo esse tempo, o velho barqueiro só desejava um dia poder tomar o leme de seu barco novamente, comandando-o em alto mar em direção a São Luís, ancorando no velho cais, onde desejava que seu neto ancorasse quando este tomasse o *Bonança* para si. A relação do barqueiro com o barco parecia mútua, como se o barco clamasse por seu dono, esperando-o para navegar. Em determinada parte do enredo, Lourença diz que “via o *Bonança* ancorado junto ao trapiche, como a ‘chamar’ pelo dono com o mastro nu a oscilar no balanço das ondas” (MONTELLLO, 1971, p. 64). Em deleite poético, compreendemos então que, com a demora do retorno de Mestre Severino da prisão, o barco teria se entregado ao tempo, perdido as suas forças.

No período em que ficou preso, o barqueiro se perguntava quanto tempo conseguiria ficar preso, longe do *Bonança*, longe do mar, da sua vida, da missão que tinha na terra. Quando preso, a mando do Dr. Genésio, ele foi colocado em uma pequena cela, em condições sub-humanas. Porém, a pedido de Padre Dourado, foi transferido daquela cela, e, da nova cela onde teria sido posto, podia ver e ouvir o mar. Assim, a prisão se tornava um espaço menos brutal, mais próximo do lugar do barqueiro, pois da praia parte o pescador, condição que faz dele mais sujeito marítimo que continental (CAVALCANTE, DANTAS, 2020).

Avistar o mar lhe tornava um homem sensível, saudoso, desfeito da carcaça que vestia a imagem de um homem sempre viril. “E Mestre Severino quase chorou de emoção

quando reviu o mar por trás das grades de sua nova cela, ao lento esmorecer da tarde, à hora em que os igarités de pesca vinham voltando” (MONTELLO, 1971, p. 134). Isso implica dizer que, por uma fresta aberta da janela de sua cela, o barqueiro revive a vida que tivera e que sonhava retomar.

Durante os anos preso, o barqueiro foi perseguido pelo seu desafeto, Dr. Genésio, primeiro na condição de promotor e depois como juiz. Mesmo assim, ele ainda conseguia fazer visitas a sua filha Mercedes e sempre que podia ia ao túmulo de Vanju levar flores e conversar. Foram anos difíceis na vida do velho barqueiro. Por vezes imaginou que não suportaria ficar tanto tempo longe do *Bonança*, longe do mar, sem viver o dia a dia no cais da Sagração. Contudo, sempre ressurgia em si um desejo pela liberdade, apenas para um dia desfrutar novamente dos prazeres que o mar lhe proporcionava. Era, como já avaliamos, um homem do mar convicto.

A respeito das condições em que vivem os presos no Brasil, Machado e Guimarães (2014, p. 565) esclarecem que “ao contrário do que estabelece a lei, os presídios atualmente proporcionam um ambiente degradante e desumano ao preso, tendo em vista, a superlotação, a ausência de assistência médica, a precariedade na alimentação e a falta de higiene que desencadeiam diversas doenças”. Se tais condições de vida não foram preocupação primeira de Montello, a leitura do romance nos faz repensá-las.

Preso, a Mestre Severino incorreu a impressão de que Vanju lhe visitara. Segundo o barqueiro, ele a reconhecia pelo cheiro. Isso demonstra que mesmo tendo matado sua amada, o barqueiro sentia a sua presença, e isso funcionava para ele como uma expressão de amor. E ele sempre rezava pela alma de Vanju, morta por ele por meio de afogamento. Para Lima e Martins (2019, p. 110) “de acordo com o pensamento cristão medieval a morte tornou-se símbolo de passagem, de travessia, de viagem ao reino de Deus ou do Diabo”. O barqueiro rezava por sua alma na intenção de que Vanju estivesse no paraíso, no reino de Deus.

O ato de rezar por entes queridos nos remete a questões das mais variadas religiões. A respeito da crença de rezar para os mortos tem efeitos divinos, Gomes (1985, p. 97) assim se coloca: “rezamos pelos nossos santos pais e bispos falecidos, e em geral por todos os que já dormiram antes de nós. Acreditamos que esta oração é aproveitada sumamente às almas pelas quais é feita, enquanto repousa sobre o altar a santa e temível vítima”. As rezas dedicadas aos mortos, na tradição católica, provável religião do Mestre, têm o objetivo de rogar por um caminho de luz para suas almas.

Mestre Severino rezava pela alma de Vanju mas, num estado de consciência intrigante, ainda se achava certo por ter cometido o assassinato da amada.

Todos os dias, de manhã e de noite, rezo por você. Peço a Deus que lhe dê paz e juízo. Sobretudo muito juízo. Onde você está agora, não se pode ter cabeça de vento. Veja bem como se comporta. Se aproxime de Nossa Senhora. Se chegue aos bons. E não guarde mágoa de mim. Cada dia que passar, você vai ver que eu tinha razão de ter feito o que fiz (MONTELLO, 1971, p. 136).

Na verdade, o velho barqueiro tenta encontrar explicações para o ocorrido, e somos capazes de interpretar que o assassinato aconteceu porque a sua intenção era a de não deixar que as coisas piorassem e que, assim, ele não tivesse a sua honra de homem barqueiro ferida. Cabe-nos, portanto, fazer algumas perguntas: que qualificação de pensamento era esta de Mestre Severino? Em que ponto sensível da vida contemporânea quis tocar Josué Montello? Fato é que temos muito a aprender e as culturas refazer. Viajar é um caminho. Viaja-se em estradas e por palavras e também pelo mar, como fizera, por muitas vezes, Mestre Severino.

2.5 A viagem a São Luís: a lição aprendida

O velho barqueiro já tinha setenta e seis anos quando fez uma consulta com o médico a fim de descobrir qual o motivo o levava a sentir tantas dores no peito e falta de ar. Do alto da sua idade, havia passado quarenta e um anos viajando em alto mar e vinte e dois anos preso. Daí se compreende que ele começou a navegar muito jovem, quando tinha por volta de treze anos.

Quando Mestre Severino descobre sua doença decide ir a São Luís conduzindo o *Bonança* na intenção de provar que ainda conseguia governar seu barco e que o diagnóstico dado pelo médico estava errado. Nessa jornada, ele imagina que precisa de alguém para ajudá-lo, e isso devido ao receio de se sentir mal em alto mar. Logo vem em sua mente a imagem de Lucas Faísca, que um dia fora seu companheiro nas viagens a São Luís. Ao encontrá-lo, o barqueiro tem uma surpresa. Seu amigo, adoentado, parece não ter mais forças no corpo para tanto. Ambos discutem a possibilidade da viagem, porém, Lucas Faísca não aprova a ideia e aconselha o amigo a não tentar tal façanha, ainda mais apenas por orgulho. Mestre Severino, um homem reconhecidamente teimoso, assim como o é o mar em dias revoltos, assume que fará a viagem de qualquer forma, mesmo que o amigo Faísca não o acompanhe.

Ainda precisando de um companheiro para a viagem, Mestre Severino começa a receber recados de algumas pessoas dizendo que irão com ele a São Luís. Tais pessoas não sabiam da condição de saúde do barqueiro, logo não imaginavam que poderiam correr perigo durante a viagem. Lourença, temendo pela vida de Mestre Severino e dos demais passageiros,

no intuito de afugentá-los e fazer com o seu Mestre desistisse da ideia, começa a contar às pessoas que barqueiro não se encontra bem de saúde. Contudo, isso o chateia expressivamente, o deixando ainda mais obcecado pela viagem.

Com as atitudes de Lourença e os últimos acontecimentos relacionados a Pedro, seu avô decide levá-lo consigo na viagem. Pedro já se encontrava com quase quatorze anos, quase a mesma idade que seu avô começou a navegar. Mestre Severino considera que precisa ensinar ao neto tudo que sabe, antes que seja tarde demais. Transmitir os ensinamentos significava transmitir a cultura da qual é fruto, fundante do mundo que experienciara (CLAVAL, 2010). Nessa aventura, a qual Mestre Severino pensa ser a sua última viagem a São Luís, ensinar Pedro a conduzir o *Bonança*, partindo do velho trapiche no quintal de sua casa até atracar no velho cais da Praia Grande, tem efeitos de um ritual de passagem.

Silva (2020, p. 148) denota que “a viagem sempre engloba em suas dimensões pares dialéticos: o real e o imaginário, o conhecido e o desconhecido, a partida e o retorno e está tramada na geografia e na literatura desde tempos imemoriais, sendo este um tema de começo, um tema iniciático”. Quando Mestre Severino comunica a sua decisão a Lourença, essa entra em desespero pelo fato de não gostar da ideia de Pedro embarcar na aventura que é do avô, isso menos pelos perigos do mar do que pelas condições de saúde de seu amado. Ela receava que a falta de ar voltasse a visitar Mestre Severino e este fosse impossibilitado de comandar o barco, os deixando à deriva em alto mar, acontecendo algo semelhante com o que viveu Vicente, pai de Pedro, que saiu para o mar e nunca mais voltou. Mesmo com todos os apelos de Lourença, o barqueiro não desiste da ideia e dá como certa sua viagem com o neto. Era questão de honra.

De início o velho barqueiro tinha onze passageiros já apalavrados que iriam com ele a São Luís. No entanto, com as investidas de Lourença, esses passageiros começaram a desistir da viagem. De repente o barqueiro mais afamado do Maranhão passava a ser desacreditado no seu vilarejo. Contudo, ele estava tão decidido a fazer a viagem ao ponto de que disse que iria mesmo sem passageiro algum. Era também uma de questão vida para o Mestre Severino, afinal, toda quase ela se deu no mar.

E a viagem aconteceu. Nem todos os passageiros desistiram. Partiram no *Bonança* Mestre Severino, seu neto, Pedro, Davi, filho do Seu Abdala, Dona Corina Soares, Clementino Pinto e a filha de Seu Neco Torres, a quem o barqueiro disse que viajaria de graça no *Bonança*, pois estava com o barrigão, já pelas horas de dar à luz.

Durante a viagem, Mestre Severino passou mal, porém não a ponto de não conseguir conduzir seu barco. Mesmo assim, sentiu-se assustado com as fortes dores no peito. Seria

aquela a última viagem que faria realmente? Conseguiria conduzir seu barco levando seus passageiros sãos e salvos até São Luís? Daria tempo de ensinar a Pedro todas as habilidades necessárias para que se tornasse um distinto barqueiro, como ele era? Essas eram algumas das questões que afligiam o velho barqueiro.

Em alto mar, Mestre Severino teve uma visão do navio encantado de Dom Sebastião. Como já vimos, há uma lenda entre os barqueiros do Maranhão que conta que quando alguém vive tal experiência esta pessoa está condenada à morte, não conseguindo mais voltar para casa.

E ei-lo que começa a ver à sua direita o navio encantado de D. Sebastião, com a sua inconfundível luz de muitas cores. Por trás do navio, a praia se espreguiça, toda branca de luar - a faixa de areia rente às águas, a rocha escarpada que as vagas lavam com seu banho de espuma, as dunas alcantiladas fechando o horizonte (MONTELLO, 1971, p. 195).

Fechar-se-ia o horizonte para Mestre Severino? Apesar de ter observado a imagem do navio bem próxima de si, conhecendo as histórias afins, Mestre Severino resolve ignorar a crença popular e avança, contornando a grande Barreira de Alcântara, aportando no velho cais, chegando e fazendo chegar seus passageiros a São Luís. É no retorno ao vilarejo que, em alto mar, se passa a cena em que Mestre Severino tenta ensinar Pedro a conduzir o *Bonança*. No barco, estavam só os dois, e com o peso de um agravante: em São Luís, Pedro disse ao avô que em nada desejava ser barqueiro, o que o irritou a ponto de decidir que na viagem de volta não levaria nenhum passageiro.

Enquanto estão em alto mar, chega o momento da provação maior para o velho barqueiro e também para seu neto. Uma grande tempestade se forma e despenca sobre o *Bonança*. Pela experiência de uma vida, Mestre Severino sabia que naquele combate perderia quem se cansasse primeiro. No entanto, o velho barqueiro sente os pulmões se contraírem e a falta de ar vem mais forte do que nunca, impossibilitando-o de conduzir seu barco. O velho barqueiro, o barco e Pedro, todos encontravam-se totalmente dependentes das habilidades do próprio Pedro, que nunca antes tinha guiado um barco, muito menos em alto mar, e muito menos ainda numa situação de forte perigo.

Para a surpresa de Mestre Severino, seu neto possuía a agilidade de um grande barqueiro. A destreza do neto na condução do *Bonança* fez o barqueiro ganhar um sopro de vida, lembrando que “depois de uma luta desta, a gente aprende a gostar do mar para o resto da vida” (MONTELLO, 1971, p. 302), como disse o Lucas Faísca após seu primeiro temporal em alto mar. Mestre Severino aprendeu que embora o neto trouxesse na massa do seu sangue os saberes necessários a um exímio barqueiro, cabia a ele exercer ou não a profissão.

O mundo é um *mar* de possibilidades. E nós acreditamos que assim como a arte imita a vida, o contrário também é verdade, mas uma verdade em debate, em um mundo polivocal, estruturado em frestas e em distintas (re)interpretações.



Ilustração do Cais da Sagração

Fonte: Acervo Casa de Cultura Josué Montello, 2021.

CAPITULO 3

CAIS DA SAGRAÇÃO: PELAS FRESTAS, A VIDA IMITA A ARTE

Representante de uma inquietação transbordante, atravessada pelo cais da Sagração, o capítulo que se segue vai do *mar* que é a literatura à realidade, condensando desta última, percepções alcançadas mediante entrevistas e acompanhamento de palestras sobre a vida de Montello e a obra Cais da Sagração, frestas pelas quais o mundo se dar a interpretar. E mais, é também neste capítulo que problematizamos o desenvolvimento do trabalho de campo na comunidade de pescadores Camboa dos Frades, experimentação de mundo guiada pela intencionalidade de estabelecer contato com lugares e existências humanas afins à vida no mar.

3.1 Casa de Cultura Josué Montello: em entrevista

A Casa de Cultura Josué Montello (Figura 5) localiza-se na Rua das Hortas, nº 327, no centro da cidade de São Luís, Maranhão. Tem como uma de suas principais funções, difundir as obras de Josué Montello, recontando a própria história de vida do autor, seja através de visitas, exposições, seja quando empreende incursões e eventos em escolas de São Luís e do interior do Estado.

Figura 2 - Fachada da Casa de Cultura Josué Montello



Fonte: Acervo da Casa de Cultura Josué Montello.

Exímio pesquisador, Montello lia e analisava vários documentos e livros antes de escrever suas produções, o que fez com o que o autor acumulasse um grande acervo bibliográfico. A saber, todo este material foi doado, em vida, pelo autor para a Casa de Cultura e por sua esposa Dona Ivone após a morte do autor. Ademais, cumpre salientar que a Casa de Cultura abriga todas as obras escritas por Montello, além de acolher muitos objetos pessoais e profissionais do autor. Dito isso, as discussões que se seguem são referentes às questões que levamos às diretoras da Casa de Cultura, em entrevista.

A entrevista, segundo Lüdke e André (1994, p. 34), “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações

desejadas”. Dessa forma, observando a importância que uma entrevista denota à pesquisa científica, optou-se por entrevistar a diretora e a museóloga da Casa de Cultura Josué Montello por considerarmos que elas sabiam muito da vida e obra de Josué Montello, não só por serem leitoras atentas, mas também porque uma delas chegou até a conviver com o mesmo. A saber, apenas Wanda teve convívio com Montello. Joseane não conviveu com o autor. Ela chegou a Casa de Cultura em 2007 e o autor veio a falecer um ano antes, em 2006. Abaixo, na figura 6, encontra-se a representação de algumas edições do romance estudado.

Figura 3 - Edições da obra Cais da Sagração



Fonte: Santos, ago., 2021.

No dia 20 de agosto de 2021 realizamos entrevista com Wanda França de Sousa, responsável pelo museu Josué Montello, e com Joseane Maria de Souza, diretora da Casa de Cultura. A referida entrevista aconteceu de forma simultânea com as duas agentes citadas, uma vez que assim poderíamos assegurar a possibilidade de diálogo entre elas, entre a gente (QUEIROZ, 1998). Wanda França é a entrevistada que conviveu com Josué Montello, já na Casa de Cultura, experiência que lhe autoriza tecer sensíveis considerações sobre a vida profissional e obra de Montello. Por intermédio da aprovação em um concurso público do estado, Wanda chegou à Casa de Cultura Josué Montello no dia 21 de agosto de 1992, dia do 75º aniversário de Josué Montello. Como a Casa de Cultura pertence a um dos órgãos da Secretaria de Estado da Cultura, ela ali foi lotada. Vale destacar que a entrevista, realizada por cerca de duas horas, apesar de ter sido guiada por um roteiro (Ver Apêndice 1), a este não se prendeu, permitindo outras nuances temáticas.

Dentre as informações alcançadas, podemos começar pela que diz que o autor sempre gostou do mar e que, às vezes, ele passava a maior parte do dia à beira do cais, observando a vida dos barqueiros e também observando Alcântara, que inspirou outro romance de sua autoria, “Noite sobre Alcântara” (1978). Montello tinha o mar próximo de si, e lhe admirava as habilidades dos barqueiros no trato com as águas do mar. Também lhe admirava as velas dos barcos dançando entre as ondas, ao que comparava a um baile, onde cada passo é realizado com ritmo e leveza.

Na entrevista, pudemos ouvir que antes mesmo de terminar uma obra ele já tinha ideias e imaginava cenas dos próximos romances que escreveria. Segundo Wanda, corroborando com o que há em o “antes do romance”, o autor concebeu a ideia de escrever o Cais da Sagração durante uma conversa com um adido cultural da embaixada da Espanha, enquanto conversavam no Rio de Janeiro. Quando o adido lhe chama ao canto para dar-lhe seu juízo sobre Os Degraus do Paraíso (1965), romance que ele acabará de publicar, este se ausenta e, imaginativamente, avista o mar no litoral maranhense, um barqueiro em seu barco, sacolejando nas ondas. Esse vislumbre acontece no ano de 1965, quatro anos antes de ele publicar o romance. Em 1968, três anos após o vislumbre do novo romance, Montello, viajando de navio para Havre, na França, tinha a esperança de ali encontrar *o seu* Mestre Severino.

Contudo, só mais tarde, enquanto repassava revistas brasileiras em seu apartamento que ele se deu com a figura do velho barqueiro em uma das páginas. Ao passear imaginativamente pelas ruas de São Luís, observando a planta de São Luís embaixo do vidro de sua mesa, presente dado por Justo Jansen, o autor encontra o título de seu novo romance. Contudo, disso tudo, o que vale destacar mais uma vez é a capacidade imaginativa de Montello, de suas “terras incógnitas”. E é Wright (2014, p. 8) que nos diz: “ao contrário das imagens mentais que podemos meramente evocar da memória – como a lembrança de cenas já vistas – uma concepção imaginativa é essencialmente uma nova visão, uma nova criação”.

Corroborando com a noção de que a arte é criadora de mundos e de imagens, a reflexão a seguir, feita por Wanda França, nos parece intrigante: “*Montello costumava dizer que as inspirações dele vinham de ‘alucinações’.* Também dizia que o mar do Maranhão não era trabalhado pelos autores. Então, para ele, faltava um romance do mar, e ele precisava criar”. Saja (2010), por sua vez, defende que a arte encontra o “homem mundo”, reeditando, através de uma gramática poética essa relação. Para o autor:

O ideal da Arte, neste raciocínio, é criar um espaço, oferecer um terreno propício ao novo, não pelo novo, mas enquanto advento do **outro**, como abertura para o

improvável, o inefável, para o *insight*, enfim, para o entendimento do homem no seu lugar, no tempo em que o espaço acontece como signo exterior à vida, expressão dos seus signos interiores que o destino quer transfigurar: deste diálogo se estabelece a terra-dos-homens como um jogo de espelhos (SAJA, 2010, p. 17).

Deste diálogo a terra espelha o homem e o homem espelha a terra e, por que não, a arte imita a vida e a vida imita a arte? Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Maranhão é a unidade federativa com o segundo maior litoral do Brasil, com cerca de 640 km de litoral, contando com várias especificações de barqueiros e embarcações, não haver um romance sobre esses homens do litoral maranhense, que ora viviam em terra firme, ora no sacolejar do mar, estimulou então a imaginação criadora de Josué Montello. Instintivamente, parecia até que ele pensava como Wright (2014, p. 8), que colocou: “quanto menos imaginativos nós formos, menos nova e original será nossa escrita e ensino e menos eficientes seremos no estímulo de imaginações alheias”.

Estímulo sobre estímulo, bem imaginar para, assim, só assim, ser capaz de mexer com as imaginações alheias. Seria esta a sina da Literatura? Sem resposta definida, destacamos outro possível estímulo de Josué Montello, a obra do seu amigo Jorge Amado, que publicou, em 1936, “Mar Morto”. Esta obra conta sobre o nascimento, vida e morte de Guma, um Mestre de Saveiro¹ que tem como destino morrer no mar da Bahia e, mesmo sabendo de seu destino cruel, ele se apaixona por Lívia, e ambos vivem um romance. A obra cita santos do candomblé, o modo de vida do povo do litoral, naufrágios e mortes no mar.

Durante a entrevista Wanda nos relatou que Jorge Amado leu o último capítulo do romance Cais da Sagração, quando Montello ainda o escrevia. Como o texto não agradou o amigo, como também não agradou a Ivone, sua viúva, sobretudo sobre o que leu quanto ao encerramento da narrativa literária, Montello rasgou seus escritos e reescreveu o “fim da história”. Agora amparado pelos conselhos de Jorge Amado, ele teria conseguido empreender mais densidade à carga humana que a obra já continha.

De acordo com Wanda, o barqueiro era a figura humana que mais chamava a atenção de Montello quando este estava à beira do cais. E isso pelo fato de que esses sujeitos espaciais “*exerciam uma função social de ida e vinda de suas localidades a São Luís, deixando Montello burilando com a mente o quê de poesia tinha naquilo*”. Uma poesia colorida, ao que podemos pensar, porque as velas dos barcos, para ele, “*deixavam coloridas as águas do entorno do cais da cidade*”, ainda nos disse Wanda.

¹ Mestre de Saveiro diz respeito aos barqueiros que navegavam em um Saveiro. Segundo o dicionário Junior de Língua Portuguesa, Saveiro é: 1. Embarcação estreita e comprida, de fundo chato com um ou dois mastros, usada em rios e perto da praia; 2. Homem que tripula essa embarcação.

Inspirado, Montello então ambicionou escrever um romance de um homem do mar. Segundo os seus próprios relatos, pode-se dizer que é inconfundível o modo de vida do homem do mar, algo bem marcado, por exemplo, pelo seu caminhar, significativamente diferente do caminhar do homem da terra. Sobre esta questão, Jorge Amado (1987, p. 88) escreveu: “de longe se conhecia que eram homens do mar, pois vinham naquele passo largo e inseguro dos que vivem nas embarcações. Os corpos gíngavam como se houvessem apanhado vento forte”. Essa reflexão logo nos remete às memórias de Josué Montello, quando este confidenciou ter visto Mestre Severino pela primeira vez:

O Barqueiro Severino, herói principal deste romance, eu o conheci em São Luís, sentado na amurada do Cais da Sagração, em silêncio, o cigarrinho de palha no canto da boca, voltado para o mar [...] Mestre Severino, sem que se soubesse observado, parecia agora um bailarino no palco, na agilidade com que se movia desatando as escotas, içando o pano grande, levantando a ancora, correndo a prender a cana do leme, firmando a bujarrona, até que o barco, de vela armada, equilibrado na maré montante, ergueu a quilha da proa, deslizou no dorso das vagas, e foi avançando, avançando, com a serenidade de um grande pássaro correndo para alçar vôo, já voltado para a amplidão da barra (MONTELLO, 1971, p. 19-23).

Voltando-nos ao legado deixado por Montello, logo saberemos que após publicar “Cais da Sagração”, em 1971, Montello publica “Os Tambores de São Luís”, em 1975 e “Noite Sobre Alcântara” em 1978. Segundo as diretoras da Casa de Cultura Josué Montello, Cais da Sagração está entre as obras mais procuradas do autor, ao lado das duas já citadas, formando assim uma tríade das obras mais importantes do autor. Notadamente, de acordo com Wanda e Joseane, Cais da Sagração é a obra mais premiada entre as obras do autor. É peça fundamental no conjunto de suas obras. Cais da Sagração, assim elas retratam, foi um romance que deu visibilidade para o autor tanto no Brasil quanto em outros países.

Wanda nos relatou que havia por parte do autor uma angústia sobre como ele conseguiria escrever Cais da Sagração estando distante de São Luís, do mar do Maranhão, dos homens do mar e das velas coloridas dos barcos. “*Mas isso não o abateu, pelo contrário, o fez presente, em mente, na terra que tanta amava*”, ela nos diz. Ademais, tamanho o rigor que tinha consigo mesmo, o autor teria rasgado os primeiros rascunhos do romance por duas vezes, reiniciando tais trabalhos na sequência, consubstanciado de ideias novas. Afirmou também que o capítulo final do romance foi escrito antes mesmo da escrita de desenvolvimento da obra. “*Ele rasgou esse romance todinho duas vezes. Era muito corajoso*”, disse Wanda.

São encontrados muitos elementos religiosos dentro da obra de Montello, como por exemplo, nas obras Degraus do Paraíso e Aleluia, escritas em homenagem a seu pai. Isso se

deu pela formação religiosa do autor, considerando que ele vinha de uma família religiosa e desde cedo foi preparado para assumir o cargo de pastor de uma igreja presbiteriana, cargo este ocupado por seu pai. *“A formação dele era religiosa. O pai era pastor de uma igreja presbiteriana em São Luís. E ele, ao nascer, já estava sendo preparado para ser pastor, mas quando chegou na sua adolescência ele diz ao pai que não tinha pretensão de ser um homem religioso. Mas sim, ele acabava levando muito de religião para as suas obras, e tem muito da sua formação religiosa”*, refletiu Wanda. Ela ainda acrescentou que é perceptível que, no decorrer dos anos, o autor foi se desligando de sua formação religiosa, pelo menos em seus romances, quando se percebe que a religiosidade não é muito apresentada em seus romances.

Segundo Joseane, a obra *Cais da Sagração* é importante para o Maranhão porque esta *“traz um resgate do estilo de vida do homem do mar no litoral maranhense, mais precisamente de São Luís”*. A própria diretora cita a obra *“Embarcações do Maranhão: recuperação das técnicas construtivas”* do professor Luiz Andrés publicado em 1998, que mostra os diversos tipos de embarcações encontradas no Maranhão, as técnicas dos navegadores, além de especificar em quais locais essas embarcações são encontradas, mas esclarece que a obra de Montello traz à tona mesmo é a identidade do homem do mar, como grupo, sem distinção de embarcação.

Com tudo isso, percebemos o esforço das diretoras da Casa de Cultura em destacar que as obras de Montello, ficção como o são, estão repletas das experiências vividas pelo próprio autor, como comenta Wanda: *“São histórias que têm essências que ele traz da vida dele pessoal para a obra. Claro que com desfechos diferentes e com algumas modificações, com a graça de sua arte”*. Por exemplo, na cena em que Pedro, neto de Mestre Severino, diz ao avô que não pretende ser um homem do mar, um barqueiro, nos faz lembrar, segundo Wanda, do fato em que o próprio autor contou a seu pai que não queria seguir carreira religiosa, que não pretendia se tornar pastor de igreja.

Para Wanda, Montello queria e sempre se preparou para ser autor de literatura, porque tinha no mundo e na vida que levava as pessoas a sua grande inspiração. Foi assim que ela nos disse que, para escrever *Cais da Sagração*, Montello conversou com vários barqueiros e diversas pessoas que (con)viviam no velho cais de São Luís. Para ela, porque assim ele o entendia, este é um procedimento de escrita que tem a intenção de fazer com que a obra literária (arte) se confunda com a realidade (vida), de tão dramática, humanamente falando.

Quando debatemos sobre a visibilidade de Montello no cenário nacional, as diretoras da Casa de Cultura assumiram uma só postura, pela qual assim podemos interpretar: há, por parte da população brasileira, desconhecimento de obra tão rica. Ao reconhecerem o grande

desafio de difundir a obra montelliana até em termos de Maranhão, nos disseram que o fazem com prazer porque a arte e a nossas vidas merecem. Ademais, ainda nos disseram que um dos fatores que fazem com que o autor não seja tão reconhecido, se comparado a outros, se dá pelo fato de que ele era extremamente fiel ao que escrevia, ou seja, não aceitava que suas obras fossem modificadas por qualquer motivo. Para o autor, os seus escritos continham a sua identidade. Então, como que poderia aceitar intervenção de outros, sujeitos do mercado?

O que nos parece certo é que as obras de Montello atraem pesquisadores de diversas áreas. Geógrafos, arquitetos, historiadores, letristas, poetas, fotógrafos, entre outros profissionais se debruçam sobre suas páginas. Dessa forma, seu legado atrai tantas pessoas ligadas à ciência quanto à arte. Na seção a seguir, discutiremos a obra *Cais da Sagração* por meio dessa diversidade de olhares, nos baseando em discussões ocorridas em um ciclo de três palestras.

3.2 Ciclo de palestras *Cais da Sagração* (2021): interpretações

Ao longo de nossa pesquisa, a Casa de Cultura Josué Montello realizou a XI Semana Montelliana, em homenagem aos 50 anos da primeira edição do romance *Cais da Sagração*. No evento, também foi lançada uma nova edição da obra realizada pela Casa de Cultura Josué Montello. Como uma das propostas, o evento convidou profissionais de diferentes campos do conhecimento para debater a arte de Montello a partir da obra *Cais da Sagração*: uma doutora em Teoria e História Literária, um professor universitário e jornalista e uma pesquisadora e artista foram os convidados.

O ciclo de palestras foi realizado durante os dias 19 e 27 de agosto de 2021, durante a XI Semana Montelliana. As palestras aconteceram de forma presencial e remota, devido às consequências da pandemia da COVID-19. Além disso, também se expôs 10 edições publicadas do romance em tela, inclusive uma em inglês e outra em francês a fim de que tais conhecimentos fossem compartilhados com o público.

A saber, o ciclo de palestras foi pensado da seguinte forma:

Exposição: “Cais da Sagração: 50 anos de publicação”. Elementos de interação midiática: curiosidades, fotos, cenário e personagens. Data: de 19 a 27 de agosto de 2021 (Presencial, no Salão de Exposição da Casa de Cultura Josué Montello, e virtualmente, pela plataforma Instagram);

Palestra 1: “Cais da Sagração e o Tema da Morte”. *Palestrante*: Juliana Moraes Belo. *Data*: 19 de agosto de 2021 (Presencial, no Auditório da Casa de Cultura Josué Montello, e virtualmente, pela plataforma YouTube [CCJM²]: <https://www.youtube.com/watch?v=xLocMlaBEdo>);

Palestra 2: “Os Cenários de São Luís na Obra de Josué Montello”. *Palestrante*: Ed Wilson Araujo. *Data*: 23 de agosto de 2021. (Presencial, no Auditório da Casa de Cultura Josué Montello, e virtualmente, pela plataforma YouTube [CCJM]: <https://www.youtube.com/watch?v=oWxsoip304Y>);

Lançamento: 3ª edição do livro Cais da Sagração. *Data*: 23 de agosto de 2021 (CCJM).

Apresentação: “Cordel Cais da Sagração”. *Cordelista*: Maria Frazão. *Data*: 23 de agosto de 2021. (Forma presencial na Casa de Cultura Josué Montello e Virtual no Youtube da CCJM);

Palestra 3: “Potencialidades Intermidiáticas em Cais da Sagração: conexões entre o romance, o teatro e o cinema”. *Palestrante*: Michele Cabral. *Data*: 24 de agosto de 2021 (Presencial, no Auditório da Casa de Cultura Josué Montello, e virtualmente, pela plataforma YouTube [CCJM]: <https://www.youtube.com/watch?v=kDwVJv0X7Dg>).

As nossas interpretações, ou talvez seja melhor dizermos reinterpretações, como se pode presumir, intentam refletir a partir das obras dos palestrantes escutados, e sob uma ótica geográfica. Os escritos de Montello, a sua relação com a cidade de São Luís, adiantamos, foram temáticas que se misturam com as reflexões empreendidas sobre a obra o Cais da Sagração, denotando um rico ciclo de palestras.

Iniciemos pela palestra 1 (Figura 7), momento em que Juliana Moraes Belo problematizou o romance com o tema morte, questão fortemente presente no enredo da obra. Vale destacar que se não fosse a presença constante dos *enredos da morte*, os eventos ocorridos na obra não teriam o mesmo impacto. Podemos até afirmar que este foi um “artifício”, conscientemente, utilizado por Montello para dar cabo à narrativa. Ao lermos o artigo “A Travessia do Limiar nas Águas Maranhenses: o tema da morte em Cais da Sagração”, de Belo (2021, p. 55), apuramos que esta destaca que “tendo como problema a

² Casa de Cultura Josué Montello.

morte e a necessidade de um herdeiro nauta, a viagem de Mestre Severino ilustra a forte ligação do personagem com o mar e se apresenta como uma reflexão da vida assim como as mudanças da paisagem da cidade de São Luís”. Mestre Severino, este morreria um dia, e precisaria de um substituto. As mudanças na paisagem davam conta que o lugar São Luís, tão precioso ao Mestre, se esvaía. E foi por esta toada reflexiva que a palestra foi desenrolada.

Figura 4 - Mesa da Palestra (O Cais da Sagração e o Tema da Morte)



Fonte: Instagram da Casa de Cultura Josué Montello, 2021.

No romance a morte quase sempre aparece ligada às águas do mar. Vicente morreu no mar, oportunidade na qual saiu para pescar. Vanju foi morta por Mestre Severino nas águas de uma praia. Mestre Severino queria morrer no mar. Ademais, antes de matar a esposa, o barqueiro pensa em matar o homem com quem sua companheira estava supostamente lhe traindo. Enquanto preso, o nauta pensa em tirar a própria vida, por não conseguir ficar tanto tempo longe do mar, e também por querer acelerar o encontro que teria com a sua amada.

Notadamente, abaixo destacamos algumas passagens nas quais *a morte* é contextualizada na obra:

- O senhor sabe que hoje mesmo ela esteve na igreja e se confessou?
- Sei, Padre. Perfeitamente. Ela morreu de alma limpa. A esta hora, com o favor de Deus, minha Vanju está no Céu, e eu aqui penando em cima da terra, com todo o peso da maior desgraça da vida na minha cabeça (MONTELLO, 1971, p. 115).
- O senhor vai viajar, Padre Dourado?
- Perfeitamente. Perfeitissimamente. Mas não é de barco que eu vou, Mestre Severino. Se fosse de barco, ia com o senhor. Voudireto. Assim: zupe! - adiantou o padre, acortar o ar no sentido do teto, com a mão espalmada.
- E o outro, desentendido:
- De avião, Padre Dourado?
- Qual avião, que nada! Eu sou padre para andar de avião? Deus me livre e guarde de semelhante loucura. A asa que vai me levar é outra, Mestre Severino. Sabe qual? Olhe para mim. Não adivinhou? É asa de anjo, Mestre Severino. Fecho os olhos aqui

embaixo, abro eles lá em cima, diante de Deus. Compreendeu? Estou para bater as botas. Um dia destes, espicho as canelas. E não é sem tempo. Já dei conta do meu recado. Agora, posso descansar. Diga a nosso Arcebispo que vá tratando de escolher o meu substituto. Mas que não me mande para cá um padre sapeca. Quero um padre, padre! Como eu, Mestre Severino! (MONTELLO, 1971, p. 93).

A primeira das passagens postas acima se refere à conversa que Mestre Severino mantinha com Padre Dourado a respeito da morte de Vanju. Já a segunda passagem, também um diálogo entre os dois, Padre Dourado diz a Mestre Severino do seu cansaço, insinuando que já está chegando a hora de ele partir para um outro plano. Se debruçando sobre esta passagem do livro, Belo (2021, p. 65) destaca que “para o padre a morte não é um problema – ao contrário ela possui uma conotação de alívio, pois há a ideia de que tudo já foi feito na vida”. Tal análise nos remete ao cotidiano comum de muitas das nossas cidades e povoados, contextos espaciais em que, não raro, se diz que com a morte o finado terá descanso.

Retornemos ao desaparecimento de Vicente, esposo de Mercedes, filha de Mestre Severino com Vanju. Esperançosa, Mercedes espera incessante pelo seu marido, que teria saído para o mar e nunca mais voltou, provavelmente tendo morrido em meio as águas revoltas. Mercedes também vem a óbito, deixando seu filho Pedro sob os cuidados de Lourença, que sendo ex-mulher de Mestre Severino, por um momento, também imagina a morte do barqueiro numa ocasião em que evitasse que este levasse Pedro para alto mar, como podemos ler nos trechos abaixo:

As lágrimas iam caindo devagar de seus olhos entrefechados, de momento a momento ela as interrompia com as costas das mãos. Suspirava, sentia-se mais infeliz. De repente apoiou as mãos nos braços da cadeira, agarrou-os com força, como se fosse levantar. Mas permaneceu sentada, de busto direito, os olhos abertos para a penumbra da sala. Se Mestre Severino, em vez de morrer na viagem, morresse antes da saída do barco, tudo estaria resolvido - refletia Lourença. Mas logo negaceou com a cabeça, para sacudir da consciência o pensamento importuno. Não, ela não podia querer a vida do menino em troca da morte do avô! E fazendo o sinal-da-cruz:

- Me perdoe, meu Deus, ter pensado essa bobagem.

Porém a idéia lhe voltou, teimosa, insinuativa, e ela afiou o ouvido para a alcova, à procura do rangido da rede de Mestre Severino. O ruído do vento nas folhas da goiabeira não deixava escutar o rem-rem dos punhos no ferro dos armadores. Lourença ensaiou levantar, invadida pelo medo. E se Mestre Severino, sozinho na alcova, tivesse morrido de repente? Alarmou-se, como se a culpa fosse sua. Não, não queria a morte de ninguém, principalmente a dele (MONTELLO, 1971, p. 119).

Por ora, pensemos a morte sob a ótica do velho barqueiro, Mestre Severino, que ao perceber que a dinâmica da vida ao seu redor está se modificando ao longo dos anos, sente que seu tempo está se esvanecendo. Em sua fala, Juliana Belo nos lembra que Mestre Severino, ao sair do consultório onde foi examinado por um médico, saiu atordado, como se

o seu próprio corpo fosse um barco. Após essa consulta, o barqueiro repensa a vida e decide que teria como último propósito de vida ensinar Pedro a profissão de barqueiro. Nas obras de Montello, a construção do tempo é um dos elementos que vem por meio de flashbacks dentro da escrita do autor.

Por exemplo, ao olhar para a Praia Grande e vê-la “morrendo, o barqueiro mostra-se “melancólico e insatisfeito, consciente da crueldade do fim, não encontra outra saída a não ser caminhar em sua direção, dignamente” (FOGGETTI, 2006, p. 53). Viajante *dos bons*, parece até que Mestre Severino, em vida, sabia da morte como Bachelard (2018, p 77), que um dia escrevera: “a morte é uma viagem e a viagem é uma morte”.

Em sua palestra, Juliana Belo nos fez lembrar a todo momento que a morte esteve muito presente na vida de Mestre Severino. E também desvelou que ao mesmo tempo que a morte era uma constante na vida do velho barqueiro, ele se mostrava resistente. Vale lembrar que na viagem de volta para casa com Pedro, quando estes enfrentavam uma grande tempestade, mesmo passando muito mal, Mestre Severino não vem a morrer e consegue ver seu neto governando o *Bonança*, como era de sua vontade. Novamente gostaríamos de destacar a potência da literatura que Montello lança ao mundo, uma vez que, de fato, a morte é uma questão presente na vida de muitos barqueiros e pescadores, Brasil e mundo a fora. Quem mora nas linhas do litoral provavelmente conhece ou já ouviu falar de alguma história em que pescadores saíram em busca de seus sustentos e não voltaram às suas casas. Um drama. Um drama humano de uma profissão encantadora e perigosa. Seria este um ensinamento da literatura montelliana? Na nossa interpretação, eis uma possibilidade de leitura.

Outro fator que está ligado à morte e ao romance trata-se do simbolismo da água salgada, substância na qual o velho barqueiro passou a vida navegando. Tenhamos como exemplo a morte de Vanju. As águas salgadas do mar que banhavam seu quintal foi onde o velho barqueiro tirou a vida de sua companheira. E, antes que Vanju morresse, Mestre Severino a mergulhou várias vezes nas águas do mar na intenção de purificar seu corpo e livrá-la dos pecados cometidos na terra. Assim, pura outra vez, a amada do barqueiro poderia partir em paz para o paraíso e esperar a chegada de Mestre Severino, onde ela não mais pensaria em traí-lo.

Para Bachelard (2018, p. 151) “uma das características que devemos aproximar do sonho de purificação sugerido pela água límpida é o sonho de renovação sugerido por uma água fresca. Mergulha-se na água para renascer renovado”. Ainda segundo Bachelard (2018, p. 15), a “a água é o objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a

valorização da pureza” (BACHELARD, 2018, p.15). Nesse debate, recordamos o que escutamos dos pescadores na Camboa dos Frades, quando nos disseram que o banho de mar tira o *caé*, em outras palavras, tende a limpar o corpo e a alma. A saber, sexta-feira seria o dia mais indicado para tanto.

Segundo Cavalcante e Dantas (2020, p. 4) “o pescador percebe o mar, o conhece e o anseia com respeito. Para ele o horizonte não é só o que a vista alcança, mas um conjunto de sentimentos, receios e sentidos”. Desta feita, podemos dizer de um certo grau de cumplicidade entre o homem e o mar, o que, de pronto, nos faz lembrar uma passagem do Cais da Sagração de quando o velho barqueiro se encontra cumprindo pena pelo assassinato que cometera.

Entre as quatro paredes da cela, com uma janela abrindo para o pátio interno e outra para uma nesga do mar, ambas revestidas de fortes grades, Mestre Severino procurou convencer-se de que estava só no seu barco, no meio do oceano. Cerrava os olhos, para tentar fugir à realidade circundante. Em seu redor, água e céu, e as velas do Bonança amplamente abertas, com o vento soprando à feição no rumo de São Luís (MONTELLO, 1971, p. 130-131).

Que potência imaginativa a do Mestre. A imaginação do barqueiro o fez viajar mar adentro comandando seu barco a fim de lhe trazer vida, um sopro de liberdade, um misto de sentimentos; imaginação de um sujeito que não romantiza a sua vida, mas que também, ainda que inconscientemente, não abre mão do romance que ela poderia dar-se a escrever porque aquilo é a sua vida. Logo, reconhecemos que “esse imaginário não impede que o homem no decorrer do tempo se relacione das mais variadas formas com o mar, mesmo tendo sido essa relação, por um lado, temerosa e cuidadosa, por outro, aventureira e curiosa, afinal, para o bem ou para o mal, os mares sempre exerceram grande fascinação” (CAVALCANTE; DANTAS, 2020, p. 12).

Chegamos à palestra 2 (Figura 8), proferida pelo professor Ed Wilson, oportunidade em que se discutiu os cenários de São Luís na obra de Josué Montello, a exemplo do que se encontra em Cais da Sagração. Um esclarecimento: esta palestra não se restringiu a pensar o Cais da sagração. Também foi pontilhada por outras obras do autor. Não por acaso, o palestrante põe que a obra montelliana é quase toda ela obra ludovicense, maranhense, como era Montello, mesmo quando longe de sua terra natal, um atento escritor porque apaixonado pela sua cidade lar, “onde as raízes são mais profundas e fortes, onde se conhece e é conhecido pelos outros, o onde se pertence” (RELPH, 2012, p. 24).

Figura 5 - Palestra 2 (Os Cenários de São Luís na Obra de Josué Montello)



Fonte: Santos, ago., 2021.

O professor Ed Wilson defendeu que Montello oferece ao seu leitor uma lente de aumento a cerca de uma realidade que a gente pensa que conhece, mas passa a conhecer melhor com suas narrativas, de dimensões e cidades múltiplas. Geograficamente falando, arriscamos afirmar, Montello proporciona uma visão dos lugares, das pessoas e dos contextos que configuram o espaço da vida dos maranhenses, em especial da vida em São Luís, de uma forma que os sujeitos espaciais lidos são percebidos através de existências e dramas humanos que nos tocam pela experiência de pessoas que também somos e que tendem a ressignificar seus saberes de vida.

Tavares Júnior (2021, p. 76) diz que “como a sua produção bibliográfica é intrinsecamente ligada a São Luís – são quatorze livros que têm São Luís como matéria primária –, podemos dizer que Josué Montello preocupou-se em fazer com que o seu leitor se sentisse na cidade”. Nesse sentido, percebemos que as experiências cotidianas de Montello em São Luís e descritas no Cais da Sagração são carregadas de emoções sentidas pelo autor. Corroborando com isso, Mello (1990, p. 102), nos diz que “o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas”.

Sobre os cenários de São Luís nas páginas montellianas, Ed Wilson lançou luz ao termo afeto, alegando que só o afeto nutrido por Montello com relação à sua cidade teria lhe permitido escrever tão bem as suas nuances, detalhes, cotidiano e vivências, sobretudo no tocante à velha São Luís – cidade que o autor se sentia melhor abrigado e plenamente feliz,

lhe fazendo um sujeito sabidamente saudoso. Estabelecendo pontos de contato entre autor e personagem, no tocante ao Cais da Sagração, o palestrante expressou que em diversas passagens o Mestre Severino é exposto como um sujeito sensível, porque se mostra saudoso *daquela São Luís*, cidade na qual o cais da Sagração dava o rumo das coisas. E acrescenta:

O que eu percebo no Cais da Sagração, na minha condição de leitor, é que o Mestre Severino, no aspecto da memória, ele vai desencadeando a saudade. Mestre Severino está se despedindo daquela cidade que não é mais a cidade dele. E aí ele vai rememorando aqueles amigos, aqueles companheiros... Homens e mulheres com os quais ele conviveu, que ele trabalhou, aos quais ele teve contato pelo comércio, nas idas e vindas de onde morava a bordo do Bonança.

O palestrante ainda chama atenção para o fato de que *folhear* um livro de Montello e depois sair para conhecer a cidade é algo extremamente possível. Sem dúvidas, falamos de obras carregadas de marcas de uma cidade que existe, resiste e insiste com a vida porque é possuidora de uma “geografia literária”, uma espécie de segunda geografia, poética, inspirada nos homens e inspiradora, como apregoa Certeau (2014). Como exemplo, Cais da Sagração menciona várias ruas da velha São Luís e até hoje compõe o arranjo e os enredos da cidade. Largo da Matriz, Rua do Comércio, Rua Grande, Rua do Sol, são algumas delas.

A bem da verdade, Montello descrevia São Luís como um lugar íntimo, jamais estanho, embora causando estranheza por conta das suas mazelas. Tuan (1983, p. 156) nos lembra que “os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contatos. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação”.

A memória foi outra questão citada pelo palestrante pelo fato de Montello guardar lembranças extremamente minuciosas de sua querida cidade, e de uma forma carinhosa. Essas lembranças levavam Montello a outro sentimento, a saudade. A saudade de sua terra é percebida quando Montello ainda estava no processo de construção da obra, como relatado a seguir,

Embora eu tenha vivido nas mais belas cidades do mundo, incluindo esta em que moro, nunca deixei de ser um homem de minha província. Por baixo do vidro de minha mesa, em Paris, eu tinha a planta da cidade de São Luís, com seus velhos nomes de ruas, obra do Dr. Justo Jansen Ferreira, velho geógrafo maranhense, que ainda conheci todo de branco, debaixo do chapéu de palhinha, as mãos para trás das costas, passando pela calçada fronteira à minha, na Rua dos Remédios. De vez em vez, tocado por um suspiro de saudade, passeio por essas ruas, e é apenas o dedo indicador que vai por mim, acompanhando os riscos do mapa (MONTELLO, 1971, p. 12).

No mapa conceitual da obra de Montello, outro termo que o palestrante realçou foi a política. Não no sentido político-partidário, mas sim no sentido de enxergar a política tomando a cidade como referência no lugar, entre diálogos, anseios e existências dos personagens. Entre as obras destacadas nesta pauta, o palestrante citou o Largo do Desterro, obra que remete ao lugar de mesmo nome, texto que discute temas sociais e pessoais dos sujeitos espaciais em questão como adultério, suicídio e mudanças na sociedade com a evolução da tecnologia. Assim, grosso modo, Largo do Desterro funciona como uma espécie de local onde os acontecimentos eram discutidos pela população.

Por fim, agora toquemos no conteúdo da palestra 3, desenvolvida pela professora Michele Cabral (Figura 9), que fez referência às várias possibilidades que o romance Cais da Sagração permite em termos de adaptação para trabalho com artes e meios de comunicação diversos. A professora iniciou sua fala afirmando que teatro, cinema e literatura possuem fortes conexões, e que a obra Cais da Sagração é um texto salutar para tanto, sendo que ela mesma já teria desenvolvido um trabalho assim³. A saber, o nome da peça carrega o mesmo nome do romance: Cais da Sagração e foi apresentado em 2012, no teatro Arthur Azevedo, em São Luís.

A peça se inicia com o ator recitando trechos da seção “Antes do Romance, onde Montello descreve como iniciou o processo de escrita da obra. Um trecho que chama atenção nesse primeiro momento se dá quando o ator diz o seguinte. “junte-se ainda a crônica da vida cotidiana com seus amores, com seus desafios, as suas rivalidades, os seus ódios, suas vinganças, seus perdões”. O ator faz referência às percepções que Montello tinha dos homens do mar.

A primeira cena da peça é emblemática: Lourença rezando a Santa Barbará pedindo para que esta interceda em prol de que Mestre Severino não leve Pedro consigo em alto mar, pois Lourença imaginava que, devido as condições de saúde do barqueiro, a viagem poderia se tornar uma tragédia. A peça, percorrendo, na medida do possível, a obra, também se utiliza da técnica de flashback, exibindo cenas do passado e do futuro, mesmo com as dificuldades que se tem para se fazer isso no campo do teatro, como relatou a professora Michele Cabral:

O nosso desafio ao levar Cais da Sagração para o teatro era conseguir colocar ali, ao vivo, para aqueles telespectadores, um pouco do conflito daquelas relações. O texto de Josué Montello tem ali três gerações. Se passam quatro décadas ao longo da história [...] São muitos anos, muitos espaços. Então, como levar isso ao palco? Essa passagem de tempo. Esse envelhecimento de um personagem que é jovem e que é velho. Para a gente montar o Cais da sagração foi um desafio imenso.

³Ver a peça em: disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=v0kWTJm6OYg&t=258s>>.

A professora Michele relatou que este trabalho de adaptação da obra montelliana para o audiovisual era de grande responsabilidade. Para entender isso basta que recordemos do quão rigoroso com suas obras era Josué Montello, que não admitia modificações naquilo que teria escrito como Literatura.

Entre as possibilidades imaginadas para adaptar a obra, o cinema, segundo a professora Michele Cabral, era a que mais lhe fascinava, e isso logo nos chamou atenção, uma vez que “a investigação geográfica em cinema desenvolvida nas últimas décadas vem desafiar o próprio modo como percebemos os lugares através desse meio, propondo uma perspectiva crítica e reflexiva” (AZEVEDO, 2009, p. 99). Daí alcançamos mais um desafio por parte daquele que, ao fazer arte, busca adaptar uma linguagem a outra: desvirtuar a concepção de lugar que a obra original empreende.

Figura 6 - Palestra 3 (Potencialidades Intermidiáticas em Cais da Sagração: conexões entre o romance, o teatro e o cinema)



Fonte: Santos, ago., 2021.

Contudo, é dito durante a palestra que a obra Cais da Sagração contém elementos riquíssimos e que há uma vontade por parte da professora Michele Cabral em fazer um filme sobre a obra. Vale ressaltar que, caso um dia o filme realmente seja feito, o cenário já se tem: a cidade de São Luís. Os personagens também, se não atores, os homens do mar, incluindo barqueiros, que ainda são encontrados navegando nas águas de São Luís e atracando no velho cais. A palestrante relatou que uma adaptação para o cinema ainda se torna inviável

principalmente por questões financeiras, optando por isso mesmo em fazer uma adaptação para o teatro, que também era um campo de seu conhecimento e prazer.

Tendo optado pela adaptação ao teatro, a palestrante relatou as dificuldades que tiveram para representar as cenas no mar, por exemplo. Além disso, ainda esclareceu que por ser uma obra muito grande – Cais da Sagração –, várias partes precisaram ser cortadas, o que, certamente, impediria a total visualização das cenas contidas na Literatura. Outra dificuldade apontada pela professora disse respeito à construção imaginária que cada leitor desenvolve dos personagens da obra, coisa que o teatro tenderia a empobrecê-la. Enfim, Michele relatou:

O leitor lê o livro e cria uma imagem. Quem já leu o Cais da Sagração, cada um que esteja me ouvindo, tem uma imagem de como seja a Vanju. Cada um tem uma imagem pessoal de como é o Mestre Severino, porque quando a gente lê, a gente imagina. Imagina muito, imagina os lugares. Mas, ao levar para o teatro, eu vou dar corpo e voz àquilo que era subjetivo e imagético.

Percebemos assim que, de certa forma, analisando as palavras da professora, o teatro traz materialidade ao imagético, limitando, de alguma maneira, a liberdade do espírito de cada um, reduzindo, sensivelmente, as geografias criadas no ato da leitura da Literatura. E é Dardel (2011, p. 5) que nos diz:

Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes.

Na soma disso, Bachelard (1989, p. 193) nos recorda que “o verdadeiro campo da imaginação não é a pintura, mas a obra literária”, afirmando que esta expressa de modo singular a condição humana, fornecendo elementos mágicos para cada cabeça imaginadora de mundos e feições.

A professora Michele finaliza dizendo que ao escolher um ator para interpretar determinado personagem, há a possibilidade de os espectadores não gostarem da adaptação. Mas ela também lembra: há dois tipos de apreciadores da peça em questão: os que leram Cais da Sagração e os que ainda não leram, e que podem ser levados a realizar a leitura uma vez estimulados pelo teatro. Há também de demarcarmos aqui que uma coisa (teatro) não substitui a outra (Literatura). O que se pretende, na verdade, é valorizar a obra de Montello, tão rica, tão bela, como pudemos constatar nas críticas que lhes foram feitas.

3.3 “A crítica e Cais da Sagração”

Cais da Sagração é a 29ª obra da Coleção de Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa, da editora Record/Altaya (1971). O livro encontra-se dividido em quatro partes. A primeira diz respeito ao “Antes do romance”, trabalhada no primeiro capítulo da presente dissertação, onde se descreve os insights e os procedimentos de construção e conclusão do romance. A segunda parte se inicia com o poema Adeus ao Velho Cais, de Manoel Bandeira, o mesmo que utilizamos na introdução da dissertação, e, enquanto um texto que joga com realidade e ficção, foca no processo em que Montello conheceu Mestre Severino, personagem principal do romance. A terceira parte consiste no romance em si, texto trabalhado por nós no capítulo dois. Por fim, a última parte do romance consiste em uma seleção de críticas de vários autores sobre a obra, material agora problematizado por nós. Desta feita, devemos dizer que de todas, só destacaremos algumas das críticas ventiladas ali.

Iniciamos por Rachel de Queiroz, romancista e importante dramaturga brasileira, membra da Academia Brasileira de Letras, sendo a quinta ocupante da cadeira de número cinco. Ganhou vários prêmios da literatura nacional, como o Prêmio Machado de Assis (1957) e o Prêmio Camões (1993), este último o maior prêmio da Língua Portuguesa, sendo a primeira mulher a realizar tal feito. A seguir destacamos um trecho da crítica feita por Rachel de Queiroz acerca do Cais da Sagração:

COMO TODO ROMANCE de boa tradição clássica, conta um caso de amor e de morte. E, como todo cenário principal, utiliza-se o autor de elementos que já trazem consigo uma carga imemorial de força lírica e apelo poético: um barco veleiro, marinheiros, o mar. O herói Mestre Severino, é uma figura de paixão e de rude encanto viril, o eterno homem do mar, universal na sua essência, contemporâneo de todos os tempos e habitante possível de todas as ribeiras marinhas (QUEIROZ, Rachel. p. 313, 1971).

Vejamos, Rachel de Queiroz destaca a carga imemorial de força lírica e o apelo poético na obra de Montello, o que provavelmente garanta o deleite do leitor sobre as páginas do romance. Sem forçar as memórias alheias, é como se Montello compartilhasse com seu leitor o seu eu-lírico e, daí cada um conduz as suas compreensões pelas águas que lhe vêm às lembranças. Sem dúvidas, o mar é um espaço alentador neste sentido, e se torna ainda mais quando envolve amor e morte. Com o “herói” envolvido nesse arranjo sócio espacial, universalizado para a aproximação dos leitores, Montello nos prende à leitura e nos liberta a imaginação.

Rachel de Queiroz destaca o barco veleiro, os marinheiros e o mar como elementos principais da obra, chegando à conclusão de que a obra é um romance do eterno homem do mar, envolvido em ambiências e com percepções essenciais à vida. A este fator, cabe dizer que não caberia, diante de tal arte, a realização de juízos de valor. A arte que nos toca primeiro traz consigo o vislumbre poético. Atentar para isso nos fará pessoas transformadas, quiçá geógrafos outros, porque soubemos nos demorar no tempo da arte.

Quem entendia muito deste tempo era Oscar Mendes, professor universitário, conferencista, crítico literário e tradutor. Detentor do Prêmio Machado de Assis em 1968, foi membro da Academia Mineira de Letras e da Associação Nacional de Escritores. Em sua crítica à obra de Montello, Oscar Mendes (p. 314) diz que “a força central e dinâmica do livro está no drama humano, na psicologia das criaturas, no entrelaço das paixões, na vivência dos personagens”. Destaca ainda que Montello lança mão da técnica do flashback, o que exige que o leitor pense em retrospectiva a vida dos personagens e os tempos dos espaços enredados.

Ademais, enquanto drama humano, Oscar Mendes diz da potência de veracidade que têm os personagens, bem como da recriação do ambiente litorâneo por parte de Montello. Deste cenário, citamos algumas expressões: infidelidade, machismo, patriarcalismo, tradição familiar, feminicídio, homofobia. Notemos na psicologia do velho barqueiro muito disso. O que é “vida real” e o que é arte? É difícil também para a gente responder tal questão.

Já Austregésilo de Athayde faz uma crítica centrando na ideia de que a obra assegura um sabor da universalidade aos seus leitores, sobretudo por conta das sutilezas, requintes e amarguras encontradas no grupo de sujeitos espaciais que compõem a obra, mas que podem estar espalhados *por aí*, pelo litoral que se estende além romance, no Maranhão, consagrado como mundo humano pela obra de Montello. Ainda sobre o Cais da Sagração, Austregésilo depõe:

Requintou-se o poder de descrições de temperamentos, motivações sociais e panoramas da natureza, em que o mar adquire às vezes a força de um elemento da humanidade, que dialoga com o homem e, sobretudo, a virtuosidade pictórica em que São Luís ressaí em todas as belezas e raridades do seu passado arquitetônico, como se fossem gravuras de linhas tão nítidas que o leitor de fato vê, em sua pura imaginação, os sobradões de azulejos, as praças, as árvores, o cais, o mundo das reminiscências de pedra e tijolo que ali se abrem como a glória perpetua da cidade (AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, 1971, p. 315).

Pelo depoimento de Austregésilo, compreendemos Montello como romancista de uma cidade, da qual ele faz homem e mar dialogarem, porque assim é na realidade. A paisagem

exporia este diálogo para a gente, ativando a dialética entre interior e exterior (BESSE, 2014), e Montello faria o leitor ver isso tudo em pura imaginação.

Regressemos a Jorge Amado, amigo de Montello, parceiro e crítico de sua obra. Na crítica em que nos debruçamos referente ao Cais da Sagração, Jorge Amado tece considerações baseando-se em duas questões sociais. De um lado destaca o tema prostituição, e de outro ele diz dos elementos religiosos impostos por Montello na obra. Sobre a primeira questão, assim escreveu: “POUCAS PÁGINAS na novelística brasileira são tão densas de humanidade quanto aquelas em que Josué Montello, em Caís da Sagração, descreve a visita de Mestre Severino, o duro barqueiro envelhecido aos ventos e às marés, à pobre meretriz Dudu – Dona Dudu, como ele trata” (AMADO, 1971, p. 315). Jorge Amado se refere ao episódio em que Mestre Severino busca iniciar Pedro, seu neto, na vida sexual, em um cabaré, quando este completa quatorze anos. Há de se notar que o barqueiro não busca qualquer mulher. Ele busca Duda, uma *mulher da vida* que tem como especialidade se deitar apenas com barqueiros.

Seria a cena descrita acima estranha aos nossos conhecimentos de vida? Ou, como diz Eduardo Portela (1971, p. 316), “Mestre Severino representa a síntese daquela gente do mar: seus amores, desafios, ódios, vinganças, perdões, credices, esperanças, temores, coragens e lutas”? Talvez em Manoel Caetano, que teria sido membro da Academia Maranhense de Letras, poeta, ensaísta e advogado, encontraremos uma resposta “NINGUÉM MELHOR DO QUE ELE conta uma história” (CAETANO, 1971, p. 316), a história dos lugares que ele teimava em transformar em texto literário.

Luís Martins foi um escritor, jornalista, crítico e poeta brasileiro que também fez sua crítica a obra de Montello. Nela ele destaca a poesia e a grandeza humana explícita por Montello no Cais da Sagração. Elogia a cadência, o poder de encanto e a sedução, estabelecendo paralelos com a prosa machadiana. Neste ensejo, revela que a beleza do livro também está na bravura de um barqueiro que se mostra tão frágil diante do mistério do feminino. A luz sobre tal mistério prolongaria o horizonte humano da obra.

Já Antônio Olinto, famoso escritor brasileiro, que foi membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o quinto ocupante da cadeira oito e um dos muitos colegas de Montello que fez críticas favoráveis à obra Cais da Sagração, ratifica que “CAIS DA SAGRAÇÃO é romance do mar. Ainda quando os personagens estão em terra, é ao mar que eles se reportam” (OLINTO, 1971, p. 317). E quando Olinto realça as cenas do mar e das travessias do livro, ao que pudemos interpretar, este quer dizer da técnica de escrita que Montello utiliza para sinalizar que a vida também está passando.

E a vida passa em paisagem, por meio de paisagens. Pedro Calmon foi professor, ensaísta, historiador e biógrafo, e a sua crítica à obra de Montello destaca justamente o trabalho de superposição de paisagens e de histórias do Maranhão encontradas no Cais da Sagração e ancorada na vida de um barqueiro. Parte do romance lida com a paisagem de São Luís, prenhe de significados, o moderno e o contemporâneo, o tradicional e às novas relações sociais.

Sobre a figura do barqueiro, segundo Góes (2016) o barqueiro, como sujeito do mar, pode exercer diversas atividades sobre as águas, por isso a análise de um romance do mar deve levar em conta esse fato, pois o tipo de nauta define o ângulo com que o ambiente marítimo é percebido e desenhado. Assim, a linguagem, os códigos quase sempre desconhecidos por quem não convive com esses sujeitos e os mistérios que eles carregam, somado à energia e os reclames do mar distinguem o homem comum do homem do mar.

Santos Moraes lembra que, de modo geral, a obra de Josué Montello cria um vínculo indissolúvel entre leitor e a terra Maranhão. E, com Cais da Sagração, o vínculo se estende para o mar do Maranhão. Isso nos faz lembrar a entrevista que realizamos com Wanda França, museóloga da Casa de Cultura Josué Montello, quando esta nos disse que Montello teria se revestido da ideia de produzir mesmo um romance do mar, porque assim a literatura do Maranhão merecia. Não por acaso, Moraes elogia o grande tipo humano que é o barqueiro, e o quão sua história enche as páginas do romance. Não por caso porque ele sabia das investidas de observação que Montello empreendia no cais, onde gostava de ficar observando o mar em seu estado físico e humano.

Adiante, é Fernando Góes, escritor e cronista, quem se expressa. Intelectual conhecido pelo rigor de suas críticas, a respeito do Cais da Sagração ele afirma que Montello se renova com os romances que escreve e, assim, brinda seus leitores. Nesta direção, dois aspectos são apontados como sendo fundamentais. O primeiro, de ordem sentimental, o ambiente físico que o autor recorre, São Luís. Isso se daria pela afetuosidade que o autor tinha pela sua cidade natal, de onde tirava os personagens e a *geografia* dos seus romances – nota-se determinada intencionalidade de lugar. Pensando por essa ótica, os lugares se tornam vivos através da memória, dos rastros e marcas deixadas nele (SERPA, 2021). Exagero ou não, chega a dizer que Montello era romancista de uma cidade, sem dúvidas, São Luís. O segundo, de ordem artística, seria inerente às virtualidades do escritor, destacando “o cuidado formal que no romancista maranhense é o ponto de honra” (GÓES, 1971, p. 319).

Também em tom de elogio, Pessoa de Moraes diz da capacidade de Montello em reconstruir a atmosfera humana da antiga São Luís, muito forte na obra em questão. Destaca

tal plasticidade principalmente no que tange à dinâmica do cais da Praia Grande e de tudo que lhe envolvia no campo da densidade e história humana. Para Moraes, a descrição montelliana da paisagem não deixa escapar o que há de mais grandioso na literatura: os movimentos da vida. E, de fato, podemos apostar que Montello sabia que “a paisagem é representação, não se esgota: reproduz-se, renova-se, regenera-se, tal qual as sociedades” (LUCHIARI, 2001, p. 22).

“O QUE FAZ Cais da Sagração é o estilo. Isto é, a marca do autor. Certamente a emoção profunda que subentende a evocação de uma São Luís já metamorfoseada”. Assim Jean Roche (1971, p. 321) inicia a sua crítica. Roche fala da literatura de Montello como desejo, desejo de um fazer pessoal e diferente daquilo que teria sido feito até então. Ele reconhece, tem muita técnica e estilo na obra, mas uma técnica envolta de disciplina e beleza, coisa que só os grandes mestres da palavra sabem fazer, como sabem que “a linguagem com a qual um indivíduo representa uma experiência no momento mesmo em que a vive através de seu corpo e de sua linguagem é diferente da linguagem mobilizada pelo romance, mesmo quando ele narra uma experiência semelhante” (BROSSEAU, 2007, p. 37).

Com Fausto Cunha, um dos maiores críticos literários do Brasil, encerramos o rol de críticas que selecionamos. E este logo reconhece: “Cais da Sagração dá um passo fora do realismo tradicionalista e fortemente descritivo, em favor de uma nova dimensão – o tempo. O romancista é mais subjetivo, aceita a lição proustiana e entra no cenário (CUNHA, 1971, p. 322). Dessas palavras façamos uma interpretação: autor e personagens fazem parte de um mesmo complexo de projeção ficcional do romance, logo tocam a realidade e mexem com a vida de homens do mar e leitores atentos.

Avaliamos, assim, nos fazendo das variadas pistas dadas pelas críticas que lemos, no que pese a uma seleção tendenciosa por parte da edição do livro, que a literatura de o Cais da Sagração faz pairar sobre nossos olhos um texto potencialmente criativo, digno de problematizações geográficas, uma vez que, valorizando experiências e existências vigentes no mundo, apresenta este último em materialidade e imaterialidades (MARANDOLA JR., 2010).

Vigentes também são os lugares e as existências de barqueiros e pescadores da comunidade Camboa dos Frades, ilustrada e escrita a seguir no intercurso de trabalhos de campo.

3.4. Lugares e existências de barqueiros e pescadores na comunidade Camboa dos Frades (área do Porto do Itaqui)

“Ser uma experiência é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles, em lugar de estar ao lado deles”

(MERLEAU-PONTY, 1996, p. 99).

As palavras acima foram extraídas do livro *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty (1996), e nos ajudam, enquanto epígrafe, a refletir sobre as nossas investidas de campo na Comunidade Camboa dos Frades, como ambicionamos: *transbordar a literatura* a fim de alcançar uma experiência de comunicação com o mundo, com o corpo, com barqueiros e pescadores, nos seus “lugares”, habitados também com o espírito. Em Heidegger (1954) aprendemos que o habitar é traço fundamental do ser-homem e que seus lugares não estão limitados às suas habitações; é um fenômeno que ultrapassa construções físicas.

Não fictícia, a comunidade Camboa dos Frades, localizada aproximadamente 15 Km de São Luís, foi por nós trilhada a partir de questões que podem ter sido aventadas na obra *Cais da Sagração*, mas não se resume a estas. Ademais, destacamos que os barqueiros que ali residem não fazem a travessia de barco para São Luís, haja vista a proximidade e as facilidades de se fazer este movimento por terra. Trata-se de uma Comunidade composta quase que exclusivamente por famílias de pescadores residem ali há muitos anos, que com a chegada do Porto de Itaqui, na década de 1960, começou a sofrer alterações na sua dinâmica, envolvendo questões relacionadas à tranquilidade sonora até a dificuldade para acessar à alimentação. As obras por conta do Porto teriam afetado a quantidade e a qualidade dos peixes pescados pelos moradores.

Cruz (2022) salienta que “todas essas modernizações, somando-se às outras que foram acopladas ao complexo portuário do Itaqui, como a implantação de indústrias de fertilizantes, têm causado grandes impactos ambientais e alterado a dinâmica do território rural da Camboa dos Frades, os quais podem ser observados empiricamente”.

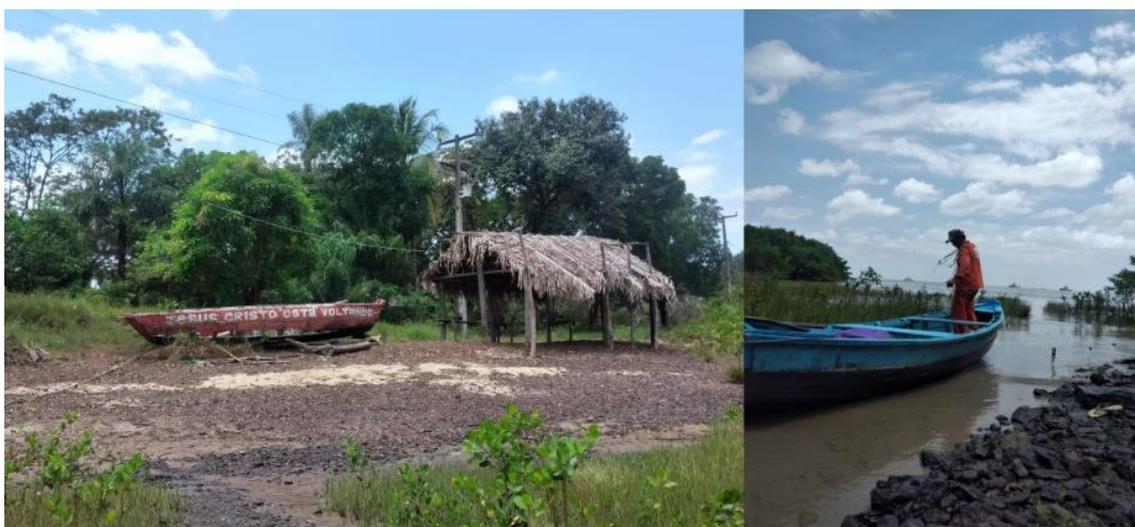
Tendo à sua frente a presente imponente, às vezes ameaçadora, do Porto de Itaqui, cumpre salientar que a pesca, feita ali de modo artesanal, é a grande base econômica da Comunidade. Grandes navios e constantes patrulhas passaram a fazer parte da vida da Comunidade. Se na literatura o Porto de Itaqui ameaçava as ambiências sociais da Praia Grande, em São Luís, preocupando Mestre Severino, para a Comunidade em tela este Porto destoa das suas vidas e das formas que habitam a terra. Destoa do “portinho” que a

comunidade mantém, de onde partem e retornam do mar em seus pequenos barcos. Se não em seus *Bonanças*, mas em barcos que também lhes garantem “calma”, “sossego”, instrumento fundamental para trazer das águas marinhas o alimento a ser consumido, trocado, vendido, sustentador, portanto, da reprodução da vida.

A pesca em si não é um tema discutido na obra *Cais da Sagração*. Porém, buscando trazer depoimentos deste tipo de homem do mar – pescador – à pesquisa, os escutaremos tendo em vista às suas *artes de vida* e os dramas que enfrentam no lugar enquanto circunstancialidade, nos aproximando, assim, talvez, do enredo da literatura. De tal maneira, nos remetemos a Marandola Jr. (2014, p. 244) para entendermos que “o lugar enquanto circunstancialidade abre a possibilidade de abrir seu sentido mais essencial, ligado a mundanidade do mundo cotidiano”, que ainda assim opera como centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido, segundo o autor.

Ao lhe indagarmos sobre este movimento de *alongar o olhar* – expressão que em muito aparece pelas palavras de Josué Montello, e que em muito nos intrigou na leitura do *Cais da Sagração* –, alguns pescadores nos disseram que estavam olhando como o mar estava, se bom ou ruim para prováveis aventuras, ou para saber quem (barco) estava para chegar do mar. Sem dúvidas, são esses “saberes vernaculares” (CLAVAL, 2010) que somente aqueles homens possuem, e que Montello bem capturou. Abaixo trazemos duas fotos do portinho. Uma do portinho para o mar e outra do Mar para o portinho.

Figura 7 - Vistas do Portinho



Fonte: Santos, ago., 2021.

Claval (2011, p. 82) indica que “a experiência do horizonte é também fundamental, porque ela sugere permanentemente a existência de outros espaços, de outras possibilidades”. Daí então podemos falar em espaço aquático se referindo ao mar e do mar enquanto possibilidade de vida. O pescador da Camboa dos Frades sabe muito bem da qualificação deste espaço e das possibilidades que ele oferta todos os dias, pois, “a sua experiência espacial forja, pelo menos em parte, a sua identidade, e contribui para dar um sentido à sua vida” (CLAVAL, 2011, p. 82). Traduzindo: a identidade resulta senão da geograficidade que aquele homem tem com o mar. A cumplicidade é tamanha que é impossível separar o homem do mar. Eles conhecem os horários das marés, sabem quando ir e voltar de uma pescaria, a hora de pescar no mar e de pescar no mangue.

Na representação abaixo (Figura 10), registro da nossa na primeira visita à Comunidade em agosto de 2021, podemos notar um pescador sentado no barco Jesus Cristo a olhar o horizonte pontilhado por navios na proximidade do Porto de Itaquí. De seu ponto de observação, o pescador se dá conta da nova dinâmica do lugar, onde ele não tem mais a mesma liberdade para navegar, e isso em função do novo Porto, como apurado no seguinte depoimento: “*Nós não podemos mais navegar por onde queremos. Eles não deixam mais a gente chegar tão perto do porto. Antigamente, a gente saía daqui e ia até à praia grande. Hoje não podemos mais*”, como cita o pescador registrado da imagem abaixo.

Figura 8 - Barqueiro a olhar o horizonte



Fonte: Santos, fev., 2021.

Feitosa (2014, p. 158) diz que “simbolicamente, o mar expressa a dinâmica da vida. De acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant ‘tudo sai do mar, e tudo retorna e ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Isso nos remete a uma colocação feita por Dona Albacelia, uma das moradoras dali, que durante uma de nossas atividades na Comunidade, janeiro de 2022, nos disse: “o mar é nossa vida. Se não tiver peixe pra gente pescar a gente não sobrevive e a vida fica difícil”. Em consonância com o pensamento de Dona Albacelia, Cruz (2022, p. 136) revela que “os desdobramentos da expansão do porto e das atividades industriais interferem diretamente na economia local, acentuando a precarização da vida, uma vez que inviabilizam a atividade da pesca artesanal”.

Foram cinco as nossas incursões na Comunidade, duas em agosto de 2021 e três em janeiro de 2022. E nessas experiências pudemos, certamente, não constatar, mas sentir a estreita sintonia entre aqueles sujeitos espaciais e o mar. Ademais, desafiados pelas pessoas do lugar, participamos de um dia de pesca, num barco, ao sabor dos ventos, barco que abrigo, lugar de esperança, sociabilidade e de partilha, barco que leva ao mar e, “se Deus quiser”, traz de volta à Comunidade.

Com esta experiência de ir ao mar de barco, algo incomum para mim, como que a levar a obra Cais da Sagração comigo, lembrei da conversa que Lourença tinha com Mestre Severino quando lhe disse que ele passava tanto tempo no mar que até quando estava em terra firme sentia o chacoalhar das ondas.

– Sinto a casa jogando, como barco em alto mar – confessou ele à Lourença, num desses acessos [...]
 –É a força do costume, Mestre Severino. De tanto viajar, seu corpo pensa que está no barco quando está na terra. Isso passa.
 (MONTELLO, p. 26, 1971).

A sensação de estar navegando nas águas, mesmo estando em terra, nos dá uma dimensão do quão foi doloroso para Mestre Severino estar preso numa cela de cadeia, sem o seu espaço aquático. Para Dardel (2011), o espaço aquático exerce sobre determinados homens uma atração que chega à fascinação. Determinado, notamos que o velho barqueiro era um desses fascinados.

Logo no início da aventura, ajudamos o Sr. Cam a empurrar o barco para as águas do mar. A maré já começava a baixar naquele momento. Adentramos todos ao barco e, enquanto eu remava de um lado, o Sr. Cam remava do outro. Já distante do portinho, começamos a estender as redes antes que a maré baixasse completamente. Enquanto mexíamos nas redes, Dona Maria abanava o fogareiro que havia trazido aceso de casa.

Com o “sol já no meio do céu” e com a maré baixa, Sr. Cam desce do barco e começa o que eles chamam de despescar as redes, que consiste no ato de retirar os peixes que ficaram presos na rede. Após o processo de despescar, ele deixa as redes no mesmo local para, quando a maré subir, a gente retirá-las lavando-as. Depois de despescar, ele inicia um tipo de pesca chamada de “pesca com as mãos”. Eles sabem onde tem peixes apenas olhando a lama deixada pela maré baixa. Eles chegam perto do local e começam a cavar a lama com as próprias mãos até pegar o peixe.

Dona Albacelia, que também foi pescar nesse dia, foi por terra, pela maré seca. Nesse dia ela pescou apenas com as mãos. Para guardar os peixes, eles amarram uma caixa de isopor a uma corda e a amarra nas costas para puxarem para onde forem. Enquanto a maré estava seca, restavam apenas alguns pontos onde tinha água. Eram por esses pequenos trechos de que eu fiquei responsável de guiar o barco enquanto o Sr. Cam, Dona Albacelia e Antonio (um amigo da Geografia) enfrentavam a lama da maré baixa em busca de peixes. Enquanto eles pescavam na maré seca e eu guiava o barco, Dona Maria pescava caranguejos com um anzol. Ela colocava um pedaço de peixe como isca no anzol e o mergulhava na água. Os caranguejos mordiam e elas os puxava para dentro do barco.

Quando a maré começou a encher, Dona Albacelia retornou para casa, para não ficar presa na maré. Enquanto isso, Dona Maria preparava nosso almoço com arroz e farinha trazidos de casa e os peixes que já haviam sido pescados. Por volta das 13h, inicia-se uma chuva e começamos a nos abrigar embaixo de lonas que haviam dentro do barco. Havia um cuidado para não deixar o fogo apagar. Quando a maré encheu, começamos a retirar as redes, lavando-as e as colocando de volta no barco.

Na volta para casa, ainda com chuva, eu remava de um lado, Sr. Cam remava de outro, Dona Maria e Antônio se abrigavam embaixo das lonas. Em determinado ponto, ainda um pouco distante do portinho, acabamos ficando encalhados em um banco de areia. Sr. Cam desceu e desencalhou o barco enquanto eu remava. Os ventos eram fortes, então o Sr. Cam decidiu que iríamos atracar em outro local próximo ao porto. Assim fizemos e, ao nos aproximarmos, Dona Maria e Antônio descemos e fomos levando os peixes, panelas, fogão para terra firme. A chuva insistia. Após estar tudo em terra, Sr. Cam puxou o barco para a praia e o amarrou em um galho de mangue.

Localizada às margens do Oceano Atlântico, como já sinalizado, a Comunidade tem um ponto nomeado e significado como “portinho”, onde muito barcos repousam atracados ao ritmo das marés e muitos pescadores se concentram para conversar e observar o horizonte que têm à frente.

De volta ao “portinho”, local de partida e chegada dos pescadores da Comunidade se torna um lugar de experiências múltiplas, uma vez que a cada nova partida um misto de emoções afeta o corpo dos pescadores e a cada chegada têm-se uma sensação de gratidão correndo pelo corpo, como foi dito pelo Sr. Cam, um dos experientes pescadores daquelas terras, que já chegou a ficar á deriva no mar esperando por resgate. O Sr. Cam foi o pescador com quem fomos pescar um dia no mar. De acordo com os moradores, o local onde hoje se encontra o “portinho” sofreu muitas transformações desde a chegada do Porto do Itaqui e a instalação de empresas nas proximidades. O que antes era uma praia de areia fina e clara, hoje é um pequeno local coberto por pedras, onde os seus pequenos barcos atracam. Os efeitos do aterramento nas proximidades do local têm modificado as características geoambientais do local.

Ferreira e Silva (2001, p. 203) dizem que as áreas litorâneas começam a sofrer seu “processo de absolvição”. Essas áreas deixam de ser responsáveis pela totalidade dos problemas, que passam a decorrer do impacto da ação humana sobre elas. Antes dos novos empreendimentos para ampliação do Porto do Itaqui, os problemas enfrentados pelos barqueiros no Portinho eram praticamente de ordem natural, como tempestades e marés agressivas. Após os aterramentos dos igarapés e ampliação dos berços no porto, os problemas agora passam a ser de falta de peixes e de diminuição lugares para a pesca. Ou seja, as ações humanas excessivas em torno do “portinho” têm causado problemas para os pescadores. Na figura 11 vemos um barqueiro saindo de seu barco para atracar no “portinho”. Ao fundo, vemos os barcos rebocadores no Porto do Itaqui.

Figura 9 - Barqueiro entre a terra e o mar



Fonte: Santos, fev.,2022.

Um dos episódios que destacamos diz respeito ao fato de que presenciamos a construção de um barco (Figura 12), oportunidade na qual os barqueiros, mesmo sem ferramentas modernas, conseguiram, com esmero, dá conta de tamanha arte milenar. Sobre a façanha, Sr. Cam nos disse: *“quando a gente faz o barco, temos que saber qual madeira usar, escolher bem as cavernas. É. Tem que saber de tudo isso [...] Ah, e é uma alegria no dia que ele cai n’água. A moçada fica tudo doida”*.

Figura 10 - Barqueiros construindo um barco



Fonte: Santos, fev., 2022.

Em uma das visitas à comunidade, realizada em janeiro de 2022, fomos desafiados a passar um dia no mar num barco de um dos moradores locais, pescando e presenciando como são os dias desses sujeitos. Essa aventura começa ainda na madrugada, quando a Dona Maria começa a preparar a comida para que se possa levar na viagem e o Sr. Cam fica responsável arrumar tudo no barco. Após todos os preparativos, a jornada de mais ou menos 8 horas no mar se inicia.

Em um dado momento da tarde, quando já estávamos no mar há bastante tempo, em uma conversa com a marisqueira que estava no barco assando peixe em um fogareiro (Figura 13), enquanto seu esposo estava pescando um pouco distante de nós, estendendo as redes enquanto a maré não baixava completamente, a questionei sobre seu modo de vida, e a reflexão dela foi concisa: “*Aqui é nossa vida. Em cima desse barquinho. Pescando. Passando o dia no mar. Não tem vida melhor que essa. Não temos preocupação. A gente é feliz com o que a gente tem*”. O tipo de pesca que Sr. Cam estava utilizando era a pesca com redes, onde ele coloca as redes antes da maré baixar e, quando ela baixa completamente ele volta retirando o que foi pescado na rede.

Figura 11 - *Dona Maria* preparando a comida no mar



Fonte: Santos, fev., 2022.

O peixe que o Sr. Cam pescava era colocado em um recipiente de isopor para ele poder levar até o barco. Ao chegar, Dona Maria, sua esposa tratava o peixe, salgava e colocava no pequeno fogão que levamos para o mar. Após assado, colocava-se pouco limão por cima e comia-se com farinha ou arroz, este último preparado ainda quando estávamos em casa. Eram peixes diferentes dos que eu já tinha visto. Nunca havia comido *peixe de água salgada*. São peixes que não são comuns no meu dia a dia, com formatos diferentes, nomes diferentes, gostos diferentes. De fato, foi uma experiência nova e fundamental.

Veza ou outra mexendo no fogareiro para não deixar as brasas se apagarem, Dona Maria, pescadora a mais de vinte e cinco anos, diz que o estilo de vida deles é bem calmo e que eles são felizes com o “pouco” que têm, pois, mesmo quando se pescam poucos peixes, eles ainda agradecem e acreditam que o próximo dia será melhor. Com um sorriso no rosto,

alongando o olhar ao encontro de seu companheiro, que volta e meia vinha ao barco comer um pouco de peixe com farinha e beber água, Dona Maria se mostrava feliz.

Esse momento serviu como enlace com os pescadores no sentido de melhor decodificar os significados da relação da Comunidade de Camboa dos Frades com o mar. Geertz (1978, p. 27) aponta que “deve-se atentar para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação”. Ou seja, a experiência em alto mar com os pescadores, atentando às suas técnicas de navegação, pesca e comportamento enriqueceu bastante a nossa visão de mundo. É um modo de vida totalmente diferente do encontrado a poucos quilômetros dali, na área industrial da capital, por exemplo, onde as coisas acontecem em um fluxo mais intenso e fluido.

Uma informação interessante, e que pode variar de região para região, foi que todos os barqueiros e filhos de barqueiros ao serem perguntados sobre o porquê de vários barqueiros serem chamados de “Mestre”. Sempre recebíamos a mesma resposta, “*um mestre barqueiro é aquele que faz além de navegar, sabe construir seu próprio barco, e quando precisa leva as pessoas de um lugar para outro*”, disse Titico, um dos filhos do Sr. Cam. E mais, o barqueiro zela pelo seu barco, tem amor por ele, podemos afirmar pelo que percebemos.

Após lavar os pés, o Sr. Cam disse que também era necessário lavar os remos. Daí a pergunta, “mas porque lavá-los toda que vez vai entrar no barco?”. A resposta foi econômica. “*O barco é como um carro novo. A gente tem que mantê-lo sempre limpo e bem cuidado*”, ele disse. Assim sendo, em sendo o barco o principal instrumento de trabalho do pescador, este deve ser mantido em boas condições para que não haja nenhum imprevisto no mar. De fato, a relação dos moradores da Comunidade com seus barcos é algo bem íntimo. Tudo isso nos faz lembrar as reflexões de Feitosa (2014, p.168), quando esta interpreta a expressão do lugar e do mar em Portugal nos poemas de Sophia de Mello Breyner Anderson: “o barco exerce, metonimicamente, a função que deve ser atribuída ao navegador e adquire a conotação de ‘símbolo da segurança’ que ‘favorece a travessia da existência’”.

A afeição dos “mestres” da Camboa dos Frades para com seus barcos nos fez encontrar um ponto de semelhança com o Mestre do romance Cais da Sagração, Mestre Severino, barcos abrigos, sustentadores da família e provocadores do espírito, lugares que protegem contra as águas revoltas. Quando perguntamos ao Sr. Cam se havia relatos de pescadores da comunidade que saíram para o mar e não voltaram mais, ele nos disse que não, mas que em várias vezes ele e alguns colegas já viraram o barco no qual estavam e ficaram perdidos no mar, até que alguém em outro barco os resgatasse.

Sobre a presença do Itaqui tão próximo à comunidade, Dona Maria, líder da comunidade, diz que “*esse porto aí tá acabando com nossa vida*”. Isso pelo fato de que o Porto e os novos empreendimentos que chegam com ele estarem tirando a principal fonte de renda da Comunidade que é a pesca. Os peixes deixaram de ser abundantes.

Alberlan, mais conhecido como Titico, é um dos pescadores da nova geração. Ele aprendeu as técnicas de pesca com seu pai. Porém, não exerce a profissão, pois trabalha como vigilante no Porto do Itaqui. A respeito da falta de peixes, em uma conversa, ele nos relatou o seguinte:

Antigamente, quando papai começou a me ensinar a pescar, tinha muito peixe aqui. A gente não precisava ir tão longe no mar. O igarapé vinha aqui pertinho de casa. Agora, com essas construções, o igarapé tá aterrado. Não tem mais peixe como antes. E os peixes que tem agora, estão mudando por conta dos produtos que as empresas estão jogando no mar. Quando eu for pai, não vou ensinar meu filho a pescar porque não vai ter mais peixe aqui. A gente pegou um caranguejo que não é daqui. Estão dizendo que ele veio em um navio coreano. Ele tá comendo os nossos caranguejos que são menores que ele.

Quando consideramos a religiosidade, Dona Albacelia diz que quando se sai para pescar, muitos fazem suas rezas. Sr. Cam nos contou que isso acontece principalmente quando se vai passar o dia no mar ou quando a pescaria é em um local mais distante. Ele relatou também que é um costume deles beber cachaça e fumar cigarro e pedir permissão para poder pescar em determinados locais. Ele também disse que no mar existem ilhas assombradas e que não se pode ir pescar sozinho.

Portanto, parece óbvio e inegável que a Comunidade Camboa dos Frades mantém sensível relação com o mar, sendo esta principal fonte de sustento da vida ali desenrolada, seja econômica ou culturalmente falando. Não obstante diferentes da vida em o Cais da Sagração, as existências e os lugares dessa Comunidade se bem que poderia resultar num romance, para mais uma vez a vida imitar a arte.

4 VOLVER E PONTILHAR AGEOGRAFIA EMBARCADA EM ESTUDO

No plano acadêmico, Geografia e Literatura desenvolvem entre si relações criativas e crescentes. No cenário da vida, ficção e realidade confundem-se. Difícil imaginarmos *geografia* que não possa ser transfigurada em texto literário, bem como o é imaginarmos literatura sem a relevância de quadros espaciais significativos. Os textos literários, sem a obrigação de responder a rigidez das racionalidades, em muito evidenciam questões socioculturais e dramas humanos gravados em territórios, paisagens e lugares. É pela arte que podemos enxergar estas singulares bases do conhecimento humano.

Contudo, há de termos muito cuidado para não tentarmos encontrar na literatura os chamados conceitos geográficos, e sim caminharmos na direção de decifrar os sentidos dos lugares e as experiências de eles fazem brotar, como alerta Marandola Jr. (2010). Já Tavares Junior (2021, p. 122-123) denota que “à primeira vista pode-se ter a impressão que seja fácil ter um romance como objeto de estudo para um trabalho dissertativo. Mas, definitivamente, não é. O texto do escritor pode nos levar para caminhos desconhecidos, sendo levados pela boa prosa, e a ciência – no caso a Geografia – corre o risco de ser esquecida”.

Para não nos esquecermos de bem fazer estas considerações finais, *volvemos* e *pontilhamos* – dois termos que aparecem demasiadamente em o Cais da Sagração – à geografia em que embarcamos em estudo pelas palavras de Josué Montello e através da história e a geografia do barqueiro Mestre Severino, que entre a comunidade que morava e São Luís refletiu uma vida extremamente relacionado ao mar, espaço geográfico aquático que tem o poder de enlaçar e projetar os homens na terra. E, com efeito, lembremos: foi da natureza deste trabalho lançar luz sobre o lugar, lugares, lugares em existências de personagens da obra, mas também de sujeitos da Comunidade de pescadores Camboa dos Frades. E, como não poderia deixar de ser é um estudo desejado como de abordagem cultural, o fizemos pelas vias da interpretação.

Logo, evidenciamos o desafio que nos impomos, no plano didático de uma metodologia imaginada, em fazer *transbordar o romance*, tocando à realidade de homens do mar na Comunidade Camboa dos Frades em trabalho de campo. Como dissemos, em nenhum momento tal empreendimento teve a pretensão, insana, de falar em termos de comparação entre realidade com ficção, e sim teve a ver com estabelecer contato e obter conhecimento de lugares e(m) existências de homens do mar. Primeiro porque também o mar e a sua cultura sempre me fascinaram. E segundo porque, confesso, foi um recurso que substituiu a ideia

primeira que tinha: ensaiar a escrita de mais um capítulo para a obra *Cais da Sagração*. Seria o XL capítulo. Ousadia para uma dissertação.

Ademais, na dissertação, esta que fizemos, impomos determinada base teórica a partir da Geografia Cultural e da Geografia Humanista, mergulhamos, ao selecionarmos temáticas e personagens específicos, no romance *Cais da Sagração* e, sem dúvidas, realçamos a potente obra montelliana a relacionando com a cidade de São Luís, sobretudo a velha São Luís. Mas, graças à edição de 1971 do livro que nos debruçamos, também tecemos considerações sobre o processo de feitura da referida obra por parte de Montello, bem como tiramos proveito das críticas que a ela foram feitas por diversos autores. Além disso, num esforço de reinterpretação, estivemos presentes e problematizamos o Ciclo de palestras *Cais da Sagração* (2021), evento realizado pela Casa de Cultura Josué Montello, Casa esta entrevistada por nós.

Do romance, o movimento entre o lugar de morada de Mestre Severino – um povoado que não tem o nome revelado – e São Luís dá o ritmo da narrativa literária e permite que as experiências espaciais escritas sejam alcançadas. Vale destacar que durante a narrativa literária as vivências de outros tempos são rememoradas e o cais é elemento central nesta espécie de “geografia das emoções” que *confunde* o leitor que pode vir a pensar que a vida imita a arte. Neste cenário, São Luís é desvelada como uma terra que faz valer dramas humanos significativos merecedores de debates. Desta feita, as frestas precisam ser olhadas com vontade de ver mais. A fresta é uma abertura que faz enxergar além, se assim se deseja realmente.

Por fim, volvendo na obra *Cais da Sagração*, pontilhamos dez dos seus ensinamentos que muito me marcaram: i. É preciso encontrar em si mesmo a energia necessária; ii. A serenidade do mar nem sempre perdura; iii. Quem não se trata se maltrata; iv. Diante do perigo, astúcia inventiva; v. Frequentemente a gente não vê o que tem diante dos olhos; vi. Pelas frestas, alongar o olhar pensativo; vii. Certeza opressiva de que nunca mais volveremos aos mesmos lugares; viii. Há matérias que se superpõem à realidade objetiva; ix. A cidade acontece em pássaros e ônibus; x. Uma geração contará à outra, outra e outras versões.

Tais ensinamentos, em nossa compreensão, faz da literatura um texto contrário à ideia de que ele se fecha em si mesmo, encerrado com o fechamento do livro. Sugerem que a vida pode sim imitar a arte, afinal, por que não, seja na vida pessoal, seja na vida profissional, se deixar enlaçar pela orientação dessas palavras? Em termos profissionais, cremos que pelo menos os últimos cinco ensinamentos indicados dizem, ou podem ser assim associados, muito da pesquisa em Geografia por perspectivas culturais e humanistas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alexandre Veloso de. A cidade na Literatura. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 22, n. 46, p. 7-11, 3º quadrimestre de 2018.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.) **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.
- AMADO, Jorge. **Mar Morto**. Círculo do Livro: São Paulo, 1987.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2001. p.45-77.
- AZEVEDO, Aluizio. **Casa de pensão**. 5.ed., São Paulo: Ática, 1989.
- AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e Cinema. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. p. 95-127.
- AZEVEDO, Mariângela Oliveira de. O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 13, n. 3, dez/2018, p. 136 – 156.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **A água e os sonhos**. São Paulo Martins Fontes, 1989.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARCELOS, Frederico Roza. Espaço, lugar e literatura – o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 25, p. 41-52, jan./jun. de 2009.
- BENJAMIN, W. **História da literatura e da ciência da literatura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BROSSEAU, Marc. **Des romans-geographes**. Paris L’Harmattan, 1996.
- _____. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- CALDEIRA, Solange Pimentel. A cidade-personagem: Pina Bausch e Ítalo Calvino. **Revista de C. Humanas**, vol. 7, n. 2, p.147-162, Jul./Dez. 2007.

CARNEY, George O. Música e Lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. [Tradução: Klauss Brandini Gerhardt]. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTE, Tiago Vieira.; SILVA, Cristina Maria da. **Rachel, Rachéis: travessias entre saberes**. [livro eletrônico] - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

CAVALCANTE, Tiago Vieira.; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Geografia do litoral: em praias e várzeas de Gustavo Barroso. **Boletim Goiano de Geografia**. 2020, v. 40: e63498.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p.1731, 2012.

_____. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

CRUZ, Antonio José Araújo. **Modernizações, desigualdades e resistências na metrópole de São Luís: os territórios rurais do Cajueiro e da Camboa dos Frades**. São Luís, 2022. 156f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global. **RepositoriUM** – Universidade do Minho, 2011.

DAMIANI, Amélia Luisa. Teoria da urbanização para os países pobres. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 11, 1997.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2. edição. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: perspectiva, 2011.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A expressão do lugar em Sophia de Mello Breyner Andressen – a poética do mar em Portugal. In: MARANDOLA JR. Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo, Perspectiva, 2014.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia L. G.; COSTA, Janete de J. S. O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **A relação campo-cidade no romance O moleque Ricardo de José Lins do Rego**. João Pessoa, 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, 2012.

FERREIRA E SILVA, Mauro Gil. A praia e o imaginário social: discurso médico e mudança de significados na cidade do Rio de Janeiro. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001.

FOGGETTI, Maria Janaína. **Fado e morte na tetralogia piauiense: uma estética da miséria humana**. 2006, 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GODOY, Paulo R. Teixeira de. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GÓES, Fernando. **A representação do mar nos romances de Moacir C. Lopes**. Araraquara, 2016. 178 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2016.

GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos santos padres**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

GOMES, Edvânia Tôres Aguiar. Natureza e Cultura – Representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 49-70.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

_____. (Org.). **Conversações**. De artes e de ciências. SP: Humanitas/Editora da UFMG, 2011.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – Sua trajetória de 1950 – 1990**. 548f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO – IBDU. *Direito à Cidade: Vivências e Olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva&sexual* – São Paulo: IBDU, 2017.

JOURDAN, Camila Alves. **Morrer e Vive em um mar de “monstros”**: o imaginário helênico sobre a morte no mar (séculos VIII e IX a. C.). Niterói, 2019. 488 f.: Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LIMA, Tiago Caminha de. **O lugar geográfico em “Beira Rio Beira Vida”, de Assis Brasil**. Teresina, 2017. 85 f.: Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Piauí, 2017.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues; MARTINS, Elizabeth Dias. Uma viagem residual: os mortos, a travessia, o rio, o barco e o barqueiro na trilogia das Barcas. **Periódicos Unifap**, Letras Macapá, v. 9, n. 1, 1º sem., 2019. p. 109-126.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.103-141.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 09-28.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1994.

MACHADO, Nicaela Olímpia; GUIMARÃES, Issac Sabbá. A Realidade do Sistema Prisional Brasileiro e o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. **Revista Eletrônica de Iniciação Científica**. Itajaí, Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. v. 5, n.1, p. 566-581, 1º Trimestre de 2014.

MÄNNICH, Carla. **Centro Histórico de Curitiba: múltiplas percepções**. Curitiba, 2013. 142 f.: Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo. Narrativas Calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, Campinas, n.12, p. 47-58, 2006.

_____. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR. Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo, Perspectiva, 2014.

_____. Sobre Ontologias. In: MARANDOLA JR. Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo, Perspectiva, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009.

_____. Geograficidades vigentes pela literatura. **Geografia, literatura e arte: reflexões**. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan, Rodrigo Ferreira (Org.). Salvador: EDUFBA, 2010.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 52, n. 4, p. 91-115. 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. [Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura] São Paulo, Martins Fontes, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 2014.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração**: romance. Rio de Janeiro: Record, 1971.

_____. **Diário Completo**. Dois Volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MORAES, Jomar. **O touro encantado e outras lendas maranhenses**. São Luís: SIOGE, 1980.

NEVES, Larissa Leal. **A crônica constrói a intersubjetividade**: uma leitura fenomenológica de “homem no mar”, de Rubem Braga. **Revista Estação Literária**. Londrina, Volume 11, p. 297-308, jul. 2013.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica**: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; SOARES, Maria Lucia de Amorim; PETARNELLA, Leandro. Geografia e Literatura: entre a cidade e a cidade ilhada. In: Suzuki, Júlio César; Silva, Valéria Cristina Pereira da. (Org.) **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo Jr; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. “Filhos do Rei Sebastião”, “Filhos da Lua”: construções simbólicas sobre os nativos da Ilhados Lençóis. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 61-74, 2005.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 62. ed. São Paulo Siciliano, 1997.

_____. **O nosso humilde ofício de escrever**. In: QUEIROZ, R. de. Rachel de Queiroz. Seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004a. p. 268-270. (Coleção Melhores Crônicas).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). São Paulo: Vértice, Editora revista dos tribunais, 1988.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos; ZACCHÉ, Vitor Bessa; Borges, Rafael Fafá. Paisagens e poéticas urbanas: entre imagens, palavras e rasuras. In: Suzuki, Júlio César; Silva, Valéria

Cristina Pereira da. (Org.) **Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias**[livro eletrônico] - Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis, Vozes, 1976.

SAJA, José Antonio. Fazer-o-real: arte enquanto documento. **Geografia, literatura e arte: reflexões.** In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan, Rodrigo Ferreira (Org.). Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTIN, Barbara Helenni Gebara. O aspecto simbólico na relação do homem com a terra. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 329-342, 2017.

SANTOS, Geraldo Mattos Gomes dos. **Dicionário Júnior da Língua Portuguesa.** 2 ed. – São Paulo: FTD, 2001.

SANTOS, Maria do Socorro dos. A produção social do espaço: do campo à cidade, da cidade ao campo. In: **Revista de Humanidades.** v.1 - n.1 - ago./set. de 2000.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Ra'ega: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, 2014, p. 85-105.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, v.VII, n.76, p.327-32, jul.1949.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia.** 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA, Mauro Gil Ferreira e. A praia e o imaginário social: discurso médico e mudança de significados na cidade do Rio de Janeiro. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.183-206.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A geografia serve, antes de tudo, o mais, para fazer a viagem: real e imaginária. **Geografia, Literatura e Arte**, v.2, n.2, p. 146-172, jul./dez.2020.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação.** Nº 5. Set. 2017. p. 129-147.

TAVARES JÚNIOR, Mozart de Sá. **O lugar do habitar em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello.** São Luís, 2020. 133 f.: Dissertação (Mestrado em Geografia)– Curso de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

THOREAU, Henry David. **Caminhando.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Sacred space: Exploration of an Idea. In: BUTZER, K. (org.). **Dimension of human geography.** Chicago: The University of Chicago/Departamento of Geography, 1978.

_____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência [Tradução de Livia de Oliveira]. São Paulo, Difel, 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

_____. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, V.8, Número 1. 2018.

WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: o lugar da imaginação na Geografia: **Geograficidade**. v.4, n.2, Inverno 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/cliente/Downloads/12896-Texto%20do%20Artigo-50636-1-10-20141113.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A-Roteiro de entrevista junto à casa de Cultura Josué Montello

ROTEIRO DE ENTREVISTA JUNTO À CASA DE CULTURA JOSUÉ MONTELLO

1. Como a Casa de Cultura Josué Montello percebe o romance Cais da Sagração no âmbito da obra montelliana e na projeção artística-cultural de Montello? Qual seria a grande inspiração do autor para escrever esse romance que trata da vida entre a terra e o mar, entre a casa e o barco?
2. Como se encontrava Montello quando escreveu o Cais da Sagração? Então, o que sua condição de vida representou para a crítica imposta nesse romance (*A exemplo, encontramos um texto que descreve o machismo, a homofobia*)? Ele era religioso? (*No romance há um forte apelo neste sentido*).
3. Qual a importância desse romance para a população ludovicense e qual “classificação” ele merece no campo da literatura maranhense, brasileira e internacional?
4. A Casa de Cultura já desenvolveu, ou abrigou, algum trabalho de educação escolar com o Cais da Sagração? Se sim, por gentileza, nos fale a respeito.
5. Por qual razão organizar um ciclo de debates sobre o romance Cais da Sagração? O que se espera de tamanha empreitada?
6. O que você, a Casa de Cultura, esperaria do meu trabalho de Dissertação em Geografia? O que sugeriria?

Espaço aberto para outras considerações.

Agradecidos:

Mestrando: *Jackson Sousa dos Santos*
Orientador: *Dr. José Arilson Xavier de Souza*



**Apêndice B-Roteiro de Entrevistas/observações junto à comunidade Camboa dos Frades
(área do Porto de Itaqui)**

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS/OBSERVAÇÕES JUNTO À COMUNIDADE CAMBOA
DOS FRADES (ÁREA DO PORTO DE ITAQUI)**

1. O que para você representa **ser um “homem do mar”** (seja pescador e/ou barqueiro)? O que significa levar a vida entre a terra e o mar, entre a casa e o barco? Você **gosta da vida no mar**? [*associar com “geograficidade”-ligação visceral*]
2. Como você **aprendeu** a ser pescador e/ou barqueiro? Pretende **ensinar** esses **saberes** para os seus “filhos”? Se sim, se não, por qual razão? E se eles quiserem ser/ou não ser? [*associar com o tema educação e a realidade da comunidade*]
3. Na comunidade, já tiveram casos de pescadores e/ou barqueiros que saíram para o mar e não voltaram mais com vida? Se sim, conte-nos a respeito.
4. Você vai **de barco para São Luís**? Se sim, com qual frequência? Para fazer o quê? Por lá, onde dá **porto**? [*direcionar para pensar a dependência a São Luís em termos de serviços e comércio*]
5. Qual a **religião** é mais vivida aqui? Em sua opinião, ela (ou mesmo *Deus, os santos*) tem alguma relação com a vida no mar? [*direcionar para pensar as possíveis devoções dos “homens do mar”, em relação com a esperança de “Bonança”*]
6. Como você percebe a **presença do Porto de Itaqui** nesta área?

Agradecidos:

Mestrando: *Jackson Sousa dos Santos*
Orientador: *Dr. José Arilson Xavier de Souza*

